A
ESCOLA MODERNA
FRANCESC
FERRER i GUÀRDIA

Os produtos imaginativos da inteligência, os conceitos a priori, toda a bagunça de elucubrações fantásticas tidas por verdade e impostas até o presente como critério diretor da condução do homem, vêm sofrendo, há muito tempo, mas em um círculo reduzido, a derrota por parte da razão e o descrédito da consciência.

À hora atual, o sol não tão somente cobre os cumes; estamos em luz quase meridiana que invade até os sopés das montanhas. A ciência, felizmente, já não é patrimônio de um reduzido grupo de privilegiados; suas irradiações benfeitoras penetram com mais ou menos consciência por todas as camadas sociais. Por todas as partes, dissipa os erros tradicionais; com o procedimento seguro da experiência e da observação, capacita os homens para que formem uma doutrina exata, um critério real, acerca dos objetos e das leis que os regulam, e em dois momentos presentes, com autoridade inabalável, incontestável, para o bem da humanidade, para que terminem de uma vez por todas os exclusivismos e os privilégios, se constitui na única diretora da vida do homem, procurando embebê-la em um sentimento universal, humano.

Contando com forças modestas, mas com uma fé racional poderosa e com uma atividade que está muito longe de esmorecer, ainda que lhe oponham circunstâncias adversas de todo tipo, foi constituída a Escola Moderna. Seu propósito é coadjuvar corretamente, sem complacência com os métodos tradicionais, o ensino pedagógico baseado nas ciências naturais. Este método novo, porém unicamente real e positivo, se espalhou por todos os âmbitos do mundo civilizado, e conta com inúmeros operários, superiores de inteligência e abnegados de vontade.

A ESCOLA MODERNA

Francesc Ferrer i Guàrdia

Ateneu Diego Giménez
2010

ÍNDICE

I. Explicação preliminar 1

II. Senhorita Meunier 3

III. Reponsabilidade aceita 5

IV. Programa primitivo 9

V. Coeducação de ambos os sexos 12

VI. Coeducação das classes sociais 15

VII. Higiene escolar 18

VIII. O professorado 24

IX. A renovação da escola 28

X. Nem prêmio nem castigo 33

XI. Laicismo e biblioteca 38

XII. Conferências dominicais 49

XIII. Resultados positivos 52

XIV. Em legítima defesa 58

XV. Ingenuidade infantil 64

XVI. Boletim da Escola Moderna 73

XVII. Fechamento da Escola Moderna 80

I. EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Minha participação nas lutas do século passado submeteram minhas convicções à prova. Revolucionário inspirado no ideal de justiça, pensando que a liberdade, a igualdade e a fraternidade eram o corolário lógico e positivo da República, e dominado pelo preconceito admitido de maneira generalizada, não vendo outro caminho para a consecução daquele ideal que a ação política, precursora da transformação do regime governamental, dediquei meus afãs à política republicana.

Minha relação com D. Manuel Ruiz Zorrilla, que poderia ser considerado como um centro de ação revolucionária, me pôs em contato com muitos revolucionários espanhóis e com muitos e notáveis republicanos franceses, e esta relação me causou muita desilusão: em muitos, vi egoísmos hipocritamente dissimulados; em outros que reconheci como mais sinceros, só encontrei ideais insuficientes; em nenhum reconheci o propósito de realizar uma transformação radical que, descendo até a profundez das causas, fosse a garantia de uma perfeita regeneração social.

A experiência adquirida durante meus quinze anos de residência em Paris, na qual presenciei as crises do boulangismo, do dreyfusismo e do nacionalismo, que constituíram um perigo para a república, me convenceram que o problema da educação popular não se encontrava resolvido, e, não estando na França, não poderia esperar que o republicanismo espanhol o resolvesse, já que sempre demonstrou um deplorável desconhecimento da importância capital que o sistema de educação tem para um povo.

Imagine o que seria da geração atual se o Partido Republicano Espanhol, depois do exílio de Ruiz Zorrilla, tivesse se dedicado a fundar escolas racionalistas ao lado de cada comitê, de cada núcleo livre-pensador ou de cada loja maçônica; se em lugar dos presidentes, secretários e membros dos comitês se preocupando com o emprego que ocupariam na futura república, tivessem trabalhado ativamente pela instrução popular; quanto teria se avançado durante trinta anos nas escolas diurnas para crianças e nas noturnas para adultos.

O povo se contentaria neste caso enviando deputados ao Parlamento que aceitassem uma Lei de Associações apresentada pelos monarquistas? O povo se limitaria a promover motins pela subida do preço do pão, sem se rebelar contra as privações impostas ao trabalhador por causa da abundância de supérfluos de que gozam aqueles que enriquecem com o trabalho aleio? O povo raquítico faria motins contra o consumo ao invés de se organizar para a supressão de todo o privilégio tirânico?

Minha situação como professor do idioma espanhol na Associação Fitotécnica e no G. O. da França me pôs em contato com pessoas de todas as classes, tanto em relação ao caráter próprio quanto ao de sua posição social, e, examinadas com o objetivo de ver o que prometiam a respeito de sua influência sobre o grande conjunto, só vi gente disposta tirar o melhor proveito possível da vida no sentido individual: uns estudavam o idioma espanhol para proporcionar um avanço em sua profissão, outros para estudar a literatura espanhola e se aperfeiçoar em sua carreira, outros ainda para proporcionar maior intensidade em seus prazeres ao viajar pelos países em que o idioma é falado.

Ninguém se chocava com o absurdo dominante da incongruência que existe entre o que se crê e o que se sabe, nem ninguém apenas se preocupava de uma forma racional e justa com a solidariedade humana, que deu a todos os que vivem em uma geração a participação correspondente no patrimônio criado pelas gerações anteriores.

Vi o progresso entregue a uma espécie de fatalidade, independente do conhecimento e da bondade dos homens, e sujeito a vai-e-vens e acidentes em que nem a ação da consciência nem da energia humanas têm participação. O indivíduo, formado na família com seus atavismos selvagens, com os erros tradicionais perpetrados pela ignorância das mães, e na escola com algo pior que o erro, que é a mentira sacramental imposta por aqueles que dogmatizam em nome de uma suposta revelação divina, entrava na sociedade deformado e degenerado, e não podia ser exigido dele, por uma reação lógica de causa e efeito, mais que resultados irracionais e perniciosos.

Meu tratamento para com as pessoas de minha relação, inspirado sempre na ideia de proselitismo, era direcionado a julgar a utilidade de cada uma do ponto de vista de meu ideal, e não tardei em me convencer de que não podia contar com os políticos que rodeavam D. Manuel para nada; no meu juízo, que me perdoem as exceções honrosas, eram arrivistas inveterados. Isto deu lugar a uma certa expressão que, circunstâncias graves e tristes para mim, a autoridade judicial quis explorar em meu prejuízo. D. Manuel, homem de alta visão e não suficientemente prevenido contra as misérias humanas, costumava me classificar como *anarquista* cada vez que me via expor uma solução lógica, e portanto sempre radical, oposta às vontades oportunistas e aos falsos radicalismos que os revolucionários espanhóis que lhe assediavam, e ainda exploram, apresentavam, assim como os republicanos franceses, que seguiam uma política de benefício positivo para a burguesia e que fugiam do que poderia beneficiar o proletariado deserdado, alegando se manter à distância de qualquer utopia.

Resumindo e explicando: durante os primeiros anos da restauração, havia homens conspirando com Ruiz Zorrilla que depois se manifestaram monarquistas e conservadores convictos; e aquele homem digno que mantinha vivo o protesto contra o golpe de Estado de 3 de janeiro de 1874, muito sincero e honesto, confiou naqueles falsos amigos, acontecendo o que com grande frequência acontece entre políticos, que a maioria abandonou a liderança republicana para aceitar um cargo elevado, e só pôde contar com a adesão daqueles que por dignidade não se vendem, mas que por preocupação carecem de lógica para elevar seu pensamento e sua energia para ativar sua ação.

A não ser por Asensio Vega, Cebrián, Mangado, Villacampa e poucos mais, D. Manuel havia sido o brinquedo de ambiciosos e especuladores disfarçados de patriotas durante anos.

Como consequência, limitei minha ação a meus alunos, escolhendo para meus experimentos aqueles que pareceram mais apropriados e melhor dispostos.

Com a percepção clara do fim a que me propunha, e em posse de certo prestígio que me dava a carreira de professor e meu caráter expansivo, cumpridos os meus deveres profissionais, eu falava com meus alunos sobre diversos assuntos: algumas vezes sobre costumes espanhóis, outras sobre política, religião, arte, filosofia, e sempre procurava corrigir os juízos emitidos no que pudessem ter de exagerados ou mal fundados, ou ressaltava o inconveniente que existe em submeter o critério próprio ao

dogma de seita, de escola ou de partido, o que por desgraça está tão generalizado, e desse modo obtinha com certa frequência que indivíduos distanciados por seu credo particular, depois de discutir, se aproximassem e concordassem, pulando sobre crenças antes indiscutidas e aceitas por fé, por obediência ou por simples acatamento servil, e por isso meus amigos e alunos se sentiam felizes por terem abandonado um erro vergonhoso e terem aceitado uma verdade cuja posse eleva e dignifica.

A severidade da lógica, aplicada sem censura e com oportunidade, limou asperezas fanáticas, estabeleceu concórdias intelectuais e quem sabe até que ponto determinou vontades em sentido progressivo.

Livres-pensadores opostos à igreja mas que transigiam com as aberrações do Gênesis, com a moral inadequada do Evangelho e até com as cerimônias eclesiásticas; republicanos mais ou menos oportunistas ou radicais que se contentavam com a minguada igualdade democrática que contém o título de cidadania, sem afetar nem minimamente a diferença de classes; filósofos que fingiam ter descoberto a causa primordial entre labirintos metafísicos, fundando a verdade sobre uma vã fraseologia; todos puderam ver o erro alheio e o próprio, todos ou a maior parte se orientou em direção ao senso comum.

Levado pelas alternativas da vida para longe daqueles amigos, alguns me enviaram a expressão de sua amizade ao fundo do calabouço onde eu esperava a liberdade firme em minha inculpabilidade; de todos espero ação progressiva boa e eficaz, satisfeito por ter sido a causa determinante de sua orientação racional.

II. A SENHORITA MEUNIER

Entre meus alunos se encontrava a senhorita Meunier, uma dama rica, sem família, muito afeiçoada às viagens, que estudava o espanhol com a intenção de realizar uma viagem à Espanha.

Uma católica convicta e uma observante escrupulosamente minuciosa, para ela a religião e a moral eram a mesma coisa, e a incredulidade, ou a impiedade, como se diz entre os crentes, era sinal evidente de imoralidade, libertinagem e crime.

Odiava os revolucionários, e confundia com o mesmo sentimento inconsciente e irreflexivo todas as manifestações de incultura popular, devido, entre outros motivos de educação e de posição social, ao fato de recordar rancorosamente que nos tempos da *Commune* tinha sido insultada pelos pivetes de Paris ao ir à igreja acompanhada de sua mãe.

Ingênua e simpática e pouco menos que sem consideração alguma a antecedentes, acessórios e consequências, ela expunha o seu critério sempre sem reserva e em absoluto, e muitas vezes tive ocasião de fazê-la observar prudentemente os seus juízos errôneos.

Em nossas conversas frequentes evitei dar um rótulo ao meu critério, e ela não viu em mim o partidário nem o sectário de crença oposta, mas um pensador prudente com quem tinha gosto de discutir.

Formou um juízo tão excelente de mim que, por falta de afeições íntimas por seu isolamento, me outorgou sua amizade e sua confiança absoluta, convidando-me a lhe

acompanhar em suas viagens.

Aceitei a oferta e viajamos por diversos países, e com minha conduta e nossas conversas teve um grande desengano, vendo-se obrigada a reconhecer que nem todo irreligioso é perverso e nem todo ateu é um criminoso incorrigível, toda vez que eu, um ateu convicto, apresentava um exemplo vivo contrário à sua preocupação religiosa.

Pensou então que minha bondade era excepcional, lembrando que dizem que toda exceção confirma a regra; mas frente à continuidade e à lógica de meus raciocínios teve de se render à evidência; e enquanto lhe restavam dúvidas a respeito da religião, concordou que uma educação racional e um ensino científico salvariam a infância do erro, dariam aos homens a bondade necessária e reorganizariam a sociedade em conformidade com a justiça.

Lhe impressionou extraordinariamente a simples consideração de que poderia ter sido igual àqueles pivetes que a insultaram se em sua idade tivesse se encontrado nas mesmas condições que eles. Assim como, dado o preconceito de suas ideias inatas, não pôde resolver satisfatoriamente este problema que lhe apresentei: Supondo algumas crianças educadas fora de qualquer contato religioso, que ideia teriam da divindade ao entrar na idade da razão?

Chegou um momento em que me pareceu que o tempo seria perdido se das palavras não se passasse às obras. Estar em posse de um privilégio importante, devido à imperfeição da organização da sociedade e ao azar do nascimento, conceber ideias regeneradoras e permanecer na inação e na indiferença no meio de uma vida prazerosa me parecia incorrer em uma responsabilidade análoga à em que incorria aquele que ao ver um semelhante em perigo e impossibilitado de se salvar não lhe estendesse a mão. Assim, disse um dia à senhorita Meunier:

> - *Senhorita, chegamos a um ponto em que é preciso nos determinarmos a buscar uma orientação nova. O mundo necessita de nós, reclama o nosso apoio, e conscientemente não podemos negá-lo. Me parece que empregar em comodidade e prazeres recursos que fazem parte do patrimônio universal e que serviriam para fundar uma instituição útil e reparadora é cometer uma defraudação, e isto não pode ser feito nem no conceito de crente nem no de livre-pensador. Portanto, anuncio a você que não pode contar comigo para as próximas viagens. Eu devo às minhas ideias e à humanidade, e penso que você, sobretudo desde que substituiu sua antiga fé por um critério racional, deve sentir um dever igual.*

Esta decisão lhe surpreendeu, mas reconheceu sua força, e sem outro estímulo além de sua bondade natural e seu bom senso, concedeu os recursos necessários para a criação de uma instituição de ensino racional: a Escola Moderna, já criada em minha mente, teve sua realização assegurada por aquele ato generoso.

O quanto a maledicência fantasiou sobre este assunto, desde que me vi obrigado a me submeter a um interrogatório judicial, é absolutamente calunioso. Supôs-se que exerci sobre a senhorita Meunier um poder sugestivo com um fim egoísta; e esta

suposição, que pode me ofender, mancha a memória daquela senhorita digna e respeitável e é contrária à verdade.

De minha parte não preciso me justificar. Confio a justificativa de meus atos e da minha vida ao juízo dos imparciais; mas a senhorita Meunier é merecedora do respeito das pessoas de consciência reta, dos emancipados da tirania dogmática e sectária, dos que souberam romper todo pacto com o erro, dos que não submetem a luz da razão às sombras da fé nem a altivez digna da liberdade à vil submissão da obediência.

Ela acreditava com uma fé honrada: tinha sido ensinada que entre a criatura e o criador havia uma hierarquia de mediadores a quem devia obedecer e uma série de mistérios reunidos nos dogmas impostos por uma corporação denominada Igreja, instituída por um deus, e nessa crença descansava com perfeita tranquilidade.

Ouviu minhas manifestações, considerações e conselhos, não como indicações diretas, mas como resposta natural e réplica às suas tentativas de proselitismo; e viu logo que, por falta de lógica, posto que antepunha a fé à razão, seus raciocínios débeis fracassavam perante a forte lógica dos meus.

Não pôde me tomar por um demônio tentador, já que foi dela que sempre partiu o ataque às minhas convicções, mas teve que se considerar vencida na luta entre sua fé e sua própria razão, despertada por efeito da imprudência de negar a fé de alguém contrário às suas crenças e querer lhe atrair.

Em sua simplicidade ingênua chegou a desculpar os pivetes comunalistas como míseros e ineducados, frutos da perdição, gérmens do crime e perturbadores da ordem social por culpa do privilégio, o qual, frente a tanta desgraça, permite que outros não menos perturbadores vivam improdutivos e desfrutando de grandes riquezas que exploram a ignorância e a miséria e que pretendem seguir gozando eternamente, em uma vida ultraterrena, os prazeres terrenos mediante o pagamento de cerimônias rituais e obras de caridade.

O prêmio à virtude fácil e o castigo ao pecado impossível de rejeitar sublevou sua consciência e esfriou sua religiosidade, e, querendo romper sua cadeia atávica que tanto dificulta qualquer renovação, quis contribuir com a instituição de uma obra redentora que colocaria a infâncias em contato com a natureza e em condições de utilizar sem o menor desperdício do caudal de conhecimentos que a humanidade vem adquirindo pelo trabalho, pelo estudo, pela observação e pela metodização das gerações em todos os tempos e lugares.

Deste modo, achou que por obra de uma sabedoria infinita oculta à nossa inteligência por trás do mistério ou pelo saber humano, obtido pela dor, pela contradição e pela dúvida, o que tiver de ser será, ficando-lhe como satisfação íntima e justificativa consciente a ideia de ter contribuído com a concessão de parte de seus bens a uma obra extraordinariamente transcendental.

III. RESPONSABILIDADE ACEITA

Em posse dos meios necessários ao meu objetivo, pensei sem perda de tempo em colocá-lo em prática.

Chegado o momento de sair das imprecisões de uma aspiração ainda não bem definida, tive de pensar em torná-la precisa, fazê-la viável, e para tal, reconhecendo minha competência a respeito da técnica pedagógica, mas não confiando em demasia nas tendências progressivas dos pedagogos oficiais, considerado-os ligados em grande parte por atavismos profissionais ou de outra espécie, me dediquei a buscar a pessoa competente cujos conhecimentos, prática e visão coincidiam com minhas aspirações e formulara o programa da Escola Moderna que eu havia concebido e que deveria ser não o protótipo perfeito da futura escola da sociedade razoável, mas sua precursora, a possível adaptação racional ao meio, ou seja, a negação positiva da escola do passado perpetuada no presente, a orientação verdadeira em direção àquele ensino integral em que a infância das gerações vindouras será iniciada no mais perfeito esoterismo científico.

Convencido de que a criança nasce sem ideia preconcebida, e de que adquire no transcurso de sua vida as ideias das primeiras pessoas que lhe rodeiam, modificando-as logo pela pelas comparações que delas faz e segundo suas leituras, observações e relações que o ambiente que a rodeia lhe proporciona, é evidente que se a criança fosse educada com noções positivas e verdadeiras de todas as coisas e se lhe prevenisse de que para evitar erros é indispensável que não acredite em nada por fé mas por experiência e por demonstração racional, a criança se tornaria observadora e estaria preparada para todos os tipos de estudo.

Encontrada a pessoa buscada, enquanto esta traçava as primeiras linhas do plano para sua realização, foram feitas em Barcelona as diligências necessárias para a criação do estabelecimento: designação do local, seu preparo, compra do material, sua colocação, equipe, anúncios, folhetos, propaganda etc., e em menos de um ano, apesar do abuso de confiança de certo sujeito que aceitou meu cargo e me pôs em grave perigo de fracasso, tudo estava pronto, sendo notável que no princípio tive de lutar com não poucas dificuldade, apresentadas não pelos inimigos do ensino racional, mas por uma certa classe de arbitristas que me ofereciam como produto de seu conhecimento e experiência indicações e conselhos que não poderiam ser considerados mais do que uma manifestação de suas preocupações. Assim, por exemplo, houve quem, inspirado em mesquinhezas de patriotismo regional, me propôs que o ensino se desse em catalão, empequenecendo a humanidade e o mundo aos escassos milhares de habitantes contidos no recanto formado por parte do Ebro e dos Pirineus. Nem em espanhol eu o faria – contestei o fanático catalanista –, mas sim no idioma universal, reconhecido como tal, se o progresso já tivesse sido antecipado. Antes que o catalão, cem vezes o esperanto.

Este incidente me confirmou mais e mais em meu propósito de não submeter o culminante de meu plano ao prestígio de pessoas ilustres, que com toda sua fama não dão um passo voluntariamente na via progressiva.

Me sentia sob o peso de uma responsabilidade livremente aceita e quis cumpri-la para satisfação de minha consciência.

Inimigo da desigualdade social, não me limitei a lamentar seus efeitos, mas quis combatê-la em suas causas, certo de que deste modo se chega positivamente à justiça, ou seja, à tão aguardada igualdade que inspira todo afã revolucionário.

Se a matéria é uma, incriada e eterna; se vivemos em um corpo astronômico

secundário, inferior ao incontável número de mundos que povoam o espaço infinito, como é ensinado na Universidade e os privilegiados que monopolizam a ciência universal podem saber, não há razão nem pode haver pretexto para que na escola primária, a qual ajuda o povo quando ele pode cursá-la, seja ensinado que Deus criou o mundo do nada em seis dias, nem toda a coleção de absurdos da lenda religiosa.

A verdade é de todos e socialmente se deve a todo mundo. Colocar-lhe um preço, reservá-la como monopólio dos poderosos, deixar em ignorância sistemática os humildes e, o que é pior, dar-lhes uma verdade dogmática e oficial em contradição com a ciência para que aceitem sem protesto seu estado ínfimo e deplorável sob um regime político democrático é uma indignidade intolerável e, da minha parte, julgo que o protesto mais eficaz e a ação revolucionária mais positiva consiste em dar aos oprimidos, aos deserdados e a todos aqueles que sentem impulsos justiceiros esta verdade que lhes é escondida, determinante das energias suficientes para a grande obra de regeneração da sociedade.

Eis aqui a primeira notícia da existência da Escola Moderna lançada ao público:

PROGRAMA

A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que os meninos e as meninas que lhe forem confiados se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito. Para isto, o estudo dogmático será substituído pelo estudo racionalizado das ciências naturais.

Ela estimulará, desenvolverá e dirigirá as aptidões próprias de cada aluno, a fim de que, com a totalidade do próprio valor individual, não somente seja um membro útil à sociedade, mas que, como consequência, eleve proporcionalmente o valor da coletividade. Ela ensinará os verdadeiros deveres sociais, conforme a justa máxima: Não há deveres sem direitos; não há direitos sem deveres.

Em vista do bom êxito que o ensino misto obtém no estrangeiro, e, principalmente, para realizar o propósito da Escola Moderna, encaminhado à preparação de uma humanidade verdadeiramente fraternal, sem categoria de sexos nem classes, serão aceitas crianças de ambos os sexos a partir da idade de cinco anos.

Para completar sua obra, a Escola Moderna será aberta às manhãs dos domingos, consagrando a classe ao estudo dos sofrimentos humanos durante o curso geral da história e à recordação dos homens eminentes nas ciências, nas artes ou nas lutas pelo progresso. A estas classes as famílias dos alunos poderão assistir.

Querendo que o trabalho intelectual da Escola Moderna seja frutífero no futuro, além das condições higiênicas que temos procurado dar ao local e às suas dependências, será estabelecida uma inspeção médica quando da entrada do aluno, cujas observações, se considerado necessário, serão transmitidas à família para os efeitos adequados, e, em breve, uma inspeção periódica, com o objetivo de evitar a propagação de doenças contagiosas durante as horas de convivência escolar.

Na semana que precedeu a inauguração da Escola Moderna, convidei a imprensa local a visitar suas instalações para seu anúncio ao público, e como

lembrança e até como documento histórico incluo a seguinte resenha do ato que *El Diluvio* escreveu:

ESCOLA MODERNA

Galantemente convidados, tivemos o prazer de assistir à inauguração da nova escola que sob o título expressado foi instalada na rua de Bailén.

O Futuro deve brotar da escola. Tudo o que for edificado sobre outra base é como construir sobre a areia. Mas, infelizmente, a escola pode servir de cimento para os baluartes da tirania ao mesmo tempo que para os alcáçares da liberdade. Deste ponto de partida, partem assim tanto a barbárie quanto a civilização.

Por isso nos alegramos ao ver que homens patriotas e humanitários, compreendendo a transcendência desta função social, que nossos governos sistematicamente têm preterido e os povos têm confiado a seus eternos inimigos, se adiantam a preencher este vazio tão manifesto, criando a *Escola Moderna*, a verdadeira escola, que não pode consistir na satisfação de interesses sectários e rotinas petrificadas, como tem acontecido até o presente, mas na criação de um ambiente intelectual onde as gerações recém chegadas à vida sejam saturadas de todas as ideias, de todos os adiantamentos com que a corrente do progresso contribui sem cessar.

Mas esta finalidade não pode ser alcançada se não por iniciativa privada. As instituições históricas, contaminadas com todos os vícios do passado e as pequenezas do presente, não podem preencher esta bela função. Às almas nobres, aos corações altruístas, está reservada a abertura da nova trilha por onde as novas gerações irão deslizar para destinos mais felizes.

Isto fizeram, ou ao menos tentam fazer, os fundadores da modesta *Escola Moderna*, que tivemos a oportunidade de visitar, galantemente convidados por aqueles que irão regê-la e por aqueles que se interessam por seu desenvolvimento. Não se trata de uma exploração industrial, como na maior parte das exibições desta índole, mas de um ensaio pedagógico, cujo tipo somente encontraríamos na *Instituição Livre de Ensino* que existe em Madri, se tivéssemos de buscá-lo em nossa pátria.

O Sr. Salas Antón expôs brilhantemente no discurso-programa que pronunciou em tom familiar perante o pequeno núcleo de periodistas e pessoas que assistiram à pequena festa da exibição do local onde será desenvolvido o pensamento transcendental de educar a infância em *toda* a verdade e *somente* na verdade, o que como tal estiver demonstrado. Nos limitaremos a recordar, como ideia culminante entre as que o senhor citado oportunamente proferiu, que não se trata de criar mais um exemplar do que até hoje foi conhecido aqui com o nome de escola *laica*, com seus dogmatismos apaixonados, mas um observatório sereno, aberto aos quatro ventos, onde nenhuma nuvem obstrua o horizonte nem se interponha à luz do conhecimento humano.

É desnecessário, por conseguinte, dizer que na *Escola Moderna* todos os conhecimentos de caráter científico terão representação proporcional, servidos pelos métodos mais progressivos que a Pedagogia conhece hoje, assim como pelos

instrumentos e aparatos, que são os ramos da ciência e o meio condutor mais potente para trabalhar na inteligência dos educandos. Como a fórmula mais sucinta pode-se dizer que as lições de *coisas* substituirão ali as lições de *palavras*, que tão amargos frutos têm dado na edução de nossos compatriotas.

Basta dar uma olhada pelas modestas salas deste estabelecimento incipiente para se convencer de que oferecem condições adequadas para cumprir uma promessa tão valiosa. O material, tão descuidado no ensino de nosso país, tanto oficial quanto particular, se encontra representado na nova escola por lâminas de fisiologia vegetal e animal, coleções de mineralogia, botânica e zoologia; gabinete de física e laboratório especial; máquina de projeção; substâncias alimentares, industriais, minerais etc.; com tais auxiliares e a direção esmerada de professores embebidos com o espírito de nosso tempo, como, entre outros, o conhecido periodista senhor Columiber, pode-se esperar que tenha nascido, pelo menos em embrião, a escola do futuro.

Agora só falta que tenha imitadores.

IV. PROGRAMA PRIMITIVO

Chegou o momento de pensar na inauguração da Escola Moderna.

Algum tempo antes convidei um pequeno número de senhores conhecidos como ilustres, progressivos e de honorabilíssima reputação para que pudessem me guiar com seus conselhos, constituindo por sua benévola aceitação uma Junta Consultiva. De grande utilidade me foi seu concurso em Barcelona, onde eu possuía escassas relações, pelo que comprazo em consignar aqui o meu reconhecimento. Naquela junta foi manifestada a ideia de inaugurar a Escola Moderna com ostentação, o que teria sido de bom efeito: com um cartaz chamativo, uma chamada-circular na imprensa, um grande local, uma música e um par de oradores eloquentes, escolhidos entre a juventude política dos partidos liberais, todo isso facílimo de conseguir; havia material de sobra para reunir algumas centenas de espectadores que ovacionariam com o entusiasmo fugaz com que costumariam ser adornados nossos atos públicos; mas não me seduziam tais ostentações. Tanto positivista quanto idealista, eu queria começar com modesta simplicidade uma obra destinada a alcançar a maior transcendência revolucionária; outro procedimento teria me parecido uma claudicação, uma submissão ao enervante convencionalismo, uma concessão ao mesmo mal que a todo custo eu queria reparar com um bem de efeito e êxito certeiros; a proposta da Consultiva foi, pois, descartada por minha consciência e minha vontade, que, naquele caso e para tudo referente à Escola Moderna, representava uma espécie de poder executivo.

No primeiro número do *Boletim da Escola Moderna*, publicado em 30 de outubro de 1901, expus em termos gerais o fundamento da Escola Moderna.

Os produtos imaginativos da inteligência, os conceitos *a priori*, toda a bagunça de elucubrações fantásticas tidas por verdade e impostas até o presente como critério diretor da condução do homem, vêm sofrendo, há muito tempo, mas em um círculo reduzido, a derrota por parte da razão e o descrédito da consciência.

À hora atual, o sol não tão somente cobre os cumes; estamos em luz quase

meridiana que invade até os sopés das montanhas. A ciência, felizmente, já não é patrimônio de um reduzido grupo de privilegiados; suas irradiações benfeitoras penetram com mais ou menos consciência por todas as camadas sociais. Por todas as partes, dissipa os erros tradicionais; com o procedimento seguro da experiência e da observação, capacita os homens para que formem uma doutrina exata, um critério real, acerca dos objetos e das leis que os regulam, e em dois momentos presentes, com autoridade inabalável, incontestável, para o bem da humanidade, para que terminem de uma vez por todas os exclusivismos e os privilégios, se constitui na única diretora da vida do homem, procurando embebê-la em um sentimento universal, humano.

Contando com forças modestas, mas com uma fé racional poderosa e com uma atividade que está muito longe de esmorecer, ainda que lhe oponham circunstâncias adversas de todo tipo, foi constituída a *Escola Moderna*. Seu propósito é coadjuvar corretamente, sem complacência com os métodos tradicionais, o ensino pedagógico baseado nas ciências naturais. Este método novo, porém unicamente real e positivo, se espalhou por todos os âmbitos do mundo civilizado, e conta com inúmeros operários, superiores de inteligência e abnegados de vontade.

Não ignoramos os inimigos que nos circundam. Não ignoramos os preconceitos incontáveis de que está impregnada a consciência social do país. É o feitio de uma pedagogia medieval subjetiva, dogmática, que ridiculamente se gaba de um critério infalível. Não ignoramos tampouco que, por lei de herança, confortada pelas sugestões do meio ambiente, as tendências passivas que já são conaturais nas crianças de poucos anos são acentuadas em nossos jovens com extraordinário destaque.

A luta é forte, o trabalho é intenso, mas com o constante e perpétuo querer, única providência do mundo moral, estamos certos de que obteremos o triunfo que perseguimos; que conseguiremos cérebros vivos capazes de reagir; que as inteligências de nossos educandos, quando se emanciparem da tutela racional de nosso Centro, continuarão inimigas mortais dos preconceitos; serão inteligências substanciais, capazes de formarem convicções racionalizadas, próprias, suas, a respeito de tudo o que for objeto do pensamento.

Isto não quer dizer que abandonaremos a criança, em seus princípios educativos, a formar seus conceitos por conta própria. O procedimento socrático é errôneo se for tomado ao pé da letra. A mesma constituição da mente, ao começar seu desenvolvimento, pede que a educação nessa primeira idade da vida seja receptiva. O professor semeia as sementes das ideias, e estas, quando com a idade o cérebro se vigora, então geram a flor e o fruto correspondentes, em consonância com o grau de iniciativa e com a fisionomia característica da inteligência do educando.

Por outro lado, cumpre-nos manifestar que consideramos absurdo o conceito disseminado de que a educação baseada nas ciências naturais atrofia o órgão da irrealidade. O consideramos absurdo, dizemos, porque estamos convencidos do contrário. O que faz a ciência é corrigi-lo, endireitá-lo, sanear sua função, dando-lhe um senso de realidade. O fim da energia cerebral humana é produzir o *ideal* com a arte e essas altas gerações *conjeturáveis* com a filosofia. Mas para que o ideal não seja degenerado em fábula ou em sonhos vaporosos, e o conjeturável não seja um edifício que descansa sobre alicerces de areia, é necessário de toda necessidade que ela tenha por base segura, incomovível, os alicerces exatos e positivos das ciências naturais.

Ademais, não se educa integralmente o homem disciplinando sua inteligência, fazendo caso omisso do coração e relegando a vontade. O homem, na unidade de seu funcionalismo cerebral, é um complexo; tem várias facetas fundamentais, é uma energia que vê, afeto que rejeita ou adere ao concebido e vontade que se cristaliza em atos, o percebido e amado. Estabelecer um abismo onde deveria haver uma sadia e bela continuidade é um estado mórbido, que luta contra as leis do organismo do homem, e com certeza é moeda corrente do divórcio entre o pensar e o querer. Devido a isso, quantas consequências fatalíssimas! Não é preciso olhar para mais nada além dos diretores da política e de todas as ordens da vida social: são afetados profundamente por um dualismo pernicioso semelhante. Muitos deles serão indubitavelmente potentes em suas faculdades mentais; possuirão riqueza de ideias; até compreenderão a orientação real e, por todos os conceitos, formosa, que prepara a ciência para a vida do indivíduo e dos povos. Contudo, seus desatentados egoísmos, as próprias conveniências de suas afinidades... tudo isso, misturado com o fermento dos sentimentos tradicionais, impermeabilizará seus corações, para que não sejam filtradas neles as ideias progressivas que têm, e não sejam convertidas em substância de sentimento, que por fim e ao cabo é o propulsor, o determinante imediato da conduta do homem. Daqui vem a detenção do progresso e a colocação de obstáculos à eficácia das ideias; e, como efeito de tais causas, o ceticismo das coletividades, a morte dos povos e o justo desespero dos oprimidos.

Devemos propor, como fim da nossa missão pedagógica, que não se dê em um único indivíduo uma dualidade de pessoas: uma que vê o verdadeiro e o bom e o aprova, e a outra que segue o mal e o impõe. E já que temos as ciências naturais como guia educativo, facilmente será compreendido o seguinte: cuidaremos para que as representações intelectuais que a ciência sugerir ao educado sejam convertidas em sentimento e ele as ame intensamente. Porque o sentimento, quando é forte, penetra e se difunde pelo mais profundo do organismo do homem, perfilando e colorindo o caráter das pessoas.

E, como a vida prática, a conduta do homem deve girar dentro do círculo de seu caráter, e portanto o jovem educado da maneira indicada, quando se governar por conta de sua compreensão peculiar, converterá a ciência, através do sentimento, na mestra única e benéfica de sua vida.

A inauguração foi efetuada no dia 8 de setembro de 1901 com um efetivo escolar de 30 alunos; 12 meninas e 18 meninos.

Bastavam para um primeiro ensaio, com o propósito de não aumentar seu número pelo momento para facilitar a vigilância, prevendo qualquer chamariz que, a respeito da coeducação de meninas e meninos, pudesse introduzir sorrateiramente os rotineiros inimigos do novo ensino.

O público presente era composto por pessoas atraídas pela notícia publicada na imprensa, por famílias dos alunos e por delegados de várias sociedades operárias, convidadas por terem me facilitado sua direção. Na presidência me acompanhavam os professores e a Junta Consultiva, dos quais dois indivíduos expuseram o sistema e o fim desta novíssima instituição, e assim, com tão sóbria simplicidade, foi criada aquela *Escola Moderna, Científica e Racional*, que não tardou em alcançar fama europeia e

americana, que se com o tempo perderá o título de moderna, vigorará cada vez mais na continuidade dos séculos com seus títulos de *racional* e *científica*.

V. COEDUCAÇÃO DE AMBOS OS SEXOS

A manifestação mais importante do ensino racional, dado o atraso intelectual do país, o que imediatamente poderia se chocar mais contra as preocupações e os costumes, era a coeducação de meninas e meninos.

Não que ela fosse absolutamente nova na Espanha, porque, como imperativo da necessidade e, assim por dizer, em estado primitivo, há aldeias, afastadas dos centros e dos meios de comunicação, situadas em vales e montanhas, onde um vizinho bondoso, ou o padre, ou o sacristão da vila acolhem meninos e meninas para lhes ensinar o catolicismo e às vezes o silabário; e mais: ainda é o caso de ser encontrada autorizada legalmente, ou então tolerada, pelo próprio Estado, em vilas pequenas cujas prefeituras carecem de recursos para pagar um professor e uma professora; e então uma professora, nunca um professor, ensina meninos e meninas, como eu mesmo tive oportunidade de ver em um pequeno vilarejo não longe de Barcelona; mas em vilas e cidades a escola mista era desconhecida, e se por acaso pela literatura se tinha notícia de que era praticada em outros países, ninguém pensava em adaptá-la à Espanha, onde o propósito de introduzir esta importantíssima inovação teria parecido uma utopia disparatada.

Sabendo disso, evitei bem propagar publicamente o meu propósito, reservando-me a fazê-lo privada e individualmente. A toda pessoa que solicitava a inscrição de um aluno, lhe pedia alunas se tinha meninas em sua família, e, ainda que o trabalho fosse pesado, mostrou-se frutífero. Anunciado publicamente teria levantado mil preocupações, teria sido discutido na imprensa, os convencionalismos e o temor a *o que dirão*, terrível obstáculo que esteriliza infinitas boas disposições, teriam predominado sobre a razão e, se não destruído por completo, o propósito teria sido de dificílima realização: procedendo como procedi, pude conseguir a apresentação de meninos e meninas em número suficiente no ato da inauguração, que sempre seguiu em progressão constante, como demonstram as cifras consignadas no *Boletim da Escola Moderna* que exporei depois.

A coeducação tinha para mim uma importância enorme; era não somente uma circunstância indispensável para a realização do ideal que considero como resultado do ensino racionalista, mas como o próprio ideal, iniciando sua vida na Escola Moderna, desenvolvendo-se progressivamente sem exclusão alguma e inspirando a segurança de chegar ao fim prefixado.

A natureza, a filosofia e a história ensinam, contra todas as preocupações e todos os atavismos, que a mulher e o homem completam o ser humano, e o desconhecimento da verdade tão essencial e transcendental tem sido a causa de males gravíssimos.

No segundo número do *Boletim* justifiquei amplamente estes juízos com o artigo a seguir.

A NECESSIDADE DO ENSINO MISTO

O ensino misto penetra por todos os povos cultos. Em muitos, faz tempo que são reconhecidos os seus ótimos resultados. O propósito do ensino de referência é que as crianças de ambos os sexos tenham educação idêntica; que de maneira semelhante desenvolvam a inteligência, purifiquem o coração e temperem suas vontades; que a humanidade feminina e masculina sejam compenetradas, desde a infância, com a mulher chegando a ser, não em nome, mas na realidade, a companheira do homem.

Uma instituição secular, mestra da consciência de nosso povo, em um dos atos mais transcendentais de nossa vida, quando o homem e a mulher são unidos pelo matrimônio, com aparato cerimonioso, diz ao homem que a mulher é sua companheira.

Palavras ocas, vazias de sentido, sem transcendência efetiva e racional na vida, porque o que se vê e se nota nas igrejas cristãs, e na ortodoxia católica em especial, é o contrário de tudo em relação a semelhante companheirismo. Que o diga, se não, uma mulher cristã, de grande coração, que, transbordando sinceridade, não há muito tempo se queixava amargamente para sua igreja pelo rebaixamento moral que seu sexo sofria no seio da comunhão de seus fieis: *Seria um atrevimento ímpio que no templo a mulher ousasse aspirar à categoria de último sacristão*.

Padeceria de cegueira intelectual quem não visse que, sob a inspiração do sentido cristão, as coisas estão, no tocante ao problema da mulher, no mesmo estado em que a História Antiga as deixou, ou talvez pior, e com um agravante de muito peso. O que palpita, o que vive por todas as partes em nossas sociedades cristãs como fruto e objetivo da evolução patriarcal, é a mulher não pertencendo a si mesma, sendo nem mais nem menos que um adjetivo do homem, atado continuamente ao pilar de seu domínio absoluto, às vezes... com correntes de ouro. O homem a converteu em uma prisioneira menor. Uma vez mutilada, aconteceu para com ela um dos fins da disjuntiva seguinte: ou a oprime e lhe impõe silêncio, ou a trata como uma criança mimada... ao gosto do caprichoso senhor.

Se parece que assoma para ela a aurora do novo dia, se há algum tempo nesta parte o seu livre arbítrio é acentuado e ela arrecada partículas de independência, se de escrava vai passando, sequer com lentidão irritante, à categoria de pupila atendida, deve-se ao espírito redentor da ciência que é imposto aos costumes dos povos e aos propósitos dos governantes sociais.

O trabalho humano, se propondo à felicidade de sua espécie, tem sido deficiente até agora: deve ser misto no consecutivo; tem que estar encomendado ao homem e à mulher, cada um do seu ponto de vista. É preciso ter em conta que a finalidade do homem na vida humana, frente à missão da mulher, não é em relação a esta de condição inferior nem tampouco superior, como pretensiosamente nos ab-rogamos. Trata-se de qualidades distintas, e não cabe comparação nas coisas heterogêneas.

Segundo advertem um bom número de psicólogos e sociólogos, a humanidade se bifurca em duas facetas fundamentais: o homem, significando o predomínio do pensamento e o espírito progressivo; e a mulher, dando à sua face moral a nota característica do sentimento intenso e do elemento conservador.

Mas é preciso ter em conta que semelhante modo de ser não dá suporte

favorável às ideias dos reacionários de toda espécie, nem tem a ver com eles. Porque se o predomínio da nota conservadora e da qualidade afetiva é encarnada na mulher por lei natural, não se pode tirar disso a peregrina legítima consequência que à companheira do homem, por íntima constituição de seu ser, está vedado pensar em coisas de muita importância, ou, em caso contrário, que exercite a inteligência em direção contrária à ciência, assimilando superstições e bobagens de todo tipo.

Ter idiossincrasia conservadora não é estar propenso a cristalizar em um estado de pensamento, ou padecer de obsessão por tudo aquilo que seja o contrário da realidade. Conservar quer dizer simplesmente reter, guardar o que nos foi produzido ou o que produzimos. O autor de *A Religião do Futuro*, referindo-se à mulher no assunto indicado, disse: *O espírito conservador pode ser aplicado tanto à verdade quanto ao erro; tudo depende daquilo que se dá à conservação. Se a mulher é instruída em ideias filosóficas e científicas, sua força conservadora servirá para o bem, e não para o mal das ideias progressivas*.

Por outro lado, diz-se que mulher tem intensidade afetiva. O que recebe não guarda como monopolizadora egoísta; suas crenças, seus ideais, todo o bem e o mal que formam seus tesouros morais, ela os oferece de si, e com profusão generosa os comunica aos seres que por virtude misteriosa do sentimento são identificados com ela. Daí o que se sabe como moeda corrente: excelente com a arte, de inconsciência infalível, sugerem toda sua fisionomia moral, toda sua alma, toda a alma de seus amados prediletos.

Se as camadas das primeiras ideias são gérmens de verdade, sementes de conhecimentos adequados, semeados na consciência da criança por seu primeiro pedagogo, que aspira o ambiente científico de seu tempo, então o que se produz no lar é uma obra integramente boa, sadia de todos os lados.

Mas se na primeira idade do vida o homem é lecionado com fábulas, com erros de toda espécie, com o oposto à orientação da ciência, o que se pode esperar de seu futuro? Quando evoluir de criança para adulto, será um obstáculo para o progresso. A consciência do homem na idade infantil é de contextura idêntica à sua natureza fisiológica: é terna, branda. Recebe muito facilmente o que vem de fora. Mas com o tempo a plasticidade de seu ser vai dando lugar a um princípio de rigidez; sua primitiva ductilidade excessiva se converte em consistência relativamente estagnada. A partir deste momento, irá tender ao primeiro sedimento dado por sua mãe, mais que se incrustando, se identificando com a consciência do jovem. A água forte de ideias mais racionais, sugeridas no comércio social ou como um efeito de estudos particulares, poderão talvez raspar da inteligência do homem os conceitos errôneos adquiridos na infância. Mas o que tem a ver na vida prática, na esfera da conduta, semelhante transformação da mente? Porque não se deve esquecer que restam, depois de tudo, escondidas nas dobras ocultas do coração, aquelas potentes inclinações afetivas que emanam das ideias primitivas, de onde resulta que na maioria dos homens, entre seu pensar e seu fazer, entre a inteligência e a vontade, existe uma antítese consumada, profunda, repugnante, de onde derivam na maioria das vezes os eclipses do bom trabalho e a paralisação do progresso. Este sedimento primário dado por nossas mães é tão tenaz, tão duradouro, se converte de tal modo na medula de

nosso ser, que energias fortes, caracteres poderosamente reativos que foram retificados sinceramente de pensamento e de vontade, quando penetram de vez em quando no recinto do *eu* para fazer o inventário de suas ideias, topam continuamente com a mortificante substância de *jesuíta* que a mãe lhes comunicou.

A mulher não deve estar recolhida ao lar. O raio de sua ação deve ser dilatado para fora das paredes das casas: este raio deveria ser concluído onde chega e termina a sociedade. Mas para que a mulher exerça sua ação benéfica, os conhecimentos que lhe são permitidos não devem ser convertidos em pouco menos que zero: deveriam ser em quantidade e em qualidade os mesmos que ao homem são proporcionados. A ciência, penetrando no cérebro da mulher, iluminaria o rico manancial de sentimento, dirigido-lhe certeiramente; nota saliente, característica de sua vida; elemento inexplorável até hoje; boa nova no porvir de paz e felicidade na sociedade.

Secretan disse que a mulher é a *continuidade* e o homem é a *mudança*; o homem é o indivíduo e a mulher é a espécie. Mas a mudança, a mutação na vida não seria compreendida, seria um parecer fugaz, inconsistente; desprovido de realidade, se não tivesse o operário feminino que afirmasse e consolidasse o que o homem produz. O indivíduo, representado pelo varão, como tal indivíduo, é flor de um dia, de significância efêmera na sociedade. A mulher, que representa a espécie, é a que possui a missão de reter, na mesma espécie, os elementos que melhoram a vida, mas, para que estes sejam adequadamente entendidos, é preciso que ela tenha conhecimentos científicos.

A humanidade melhoraria com maior rapidez, seguiria com passo mais firme e constante o movimento ascensor do progresso e centuplicaria seu bem-estar, pondo à contribuição do forte sentimento impulsivo da mulher as ideias que a ciência conquista. Disse Ribot que uma ideia não é mais que uma ideia, um simples feito de conhecimento que não produz nada, não pode nada, não opera se não é sentido, se não é acompanhado de um estado afetivo, se não desperta tendência, ou seja, elementos motores.

Disto se segue que, para o bem do progresso, quando se assoma uma ideia, consagrada como verdade no pensamento científico, não se pode deixá-la em estado contemplativo nem por curtos lapsos de tempo. Isto é evitado penetrando a ideia de sentimento, comunicando-lhe amor, que quando se apodera dela não para, não a deixa até convertê-la em um fato da vida.

Quando acontecerá tudo isto? Quando for realizado o matrimônio das ideias com o coração apaixonado e veemente na psiquê da mulher; então será um fato evidente nos povos civilizados o *matriarcado moral*. Então a humanidade, por um lado, contemplada do círculo do lar, possuirá o pedagogo conhecido que modele, no sentido do ideal, as sementes das novas gerações; e por outro, contará com o apóstolo e propagandista entusiasta, que por sobre todo sentimento ulterior, saiba fazer sentir aos homens a liberdade, e a solidariedade aos povos.

VI. COEDUCAÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS

Penso a respeito da educação em comum de ambos os sexos o mesmo que da de

diferentes classes sociais. Puderia ter fundado uma escola gratuita; mas uma escola para crianças pobres não poderia ter sido uma escola racional, porque se não lhes ensinasse a credulidade e a submissão como nas escolas antigas, teria lhes inclinado forçosamente à rebeldia, teriam surgido espontaneamente sentimentos de ódio.

Porque o dilema é irredutível; não há meio termo para a escola exclusiva da classe deserdada: ou o acatamento do erro e da ignorância sistemática sustentados por um falso ensino, ou o ódio àqueles que lhes subjugam e exploram.

O assunto é delicado e convém deixar claro: a rebeldia contra a opressão é simplesmente questão de estética, de puro equilíbrio: entre um homem e outro não podem haver diferenças sociais, como consigna a famosa Declaração revolucionária em sua primeira cláusula com estas palavras indestrutíveis: *os homens nascem e permanecem livres e iguais em direito*; se elas existem, enquanto uns abusam e tiranizam os outros protestam e odeiam; a rebeldia é uma tendência niveladora, e, portanto, racional, natural, e não quero dizer justa porque a justiça anda desacreditada com suas más companhias: a lei e a religião. O direi bem claro: os oprimidos, os espoliados, os explorados devem ser rebeldes, porque devem reclamar seus direitos até conseguir sua completa e perfeita participação no patrimônio universal.

Mas a Escola Moderna opera sobre as crianças a quem pela educação e pela instrução prepara para serem homens, e não antecipa amores nem ódios, adesões nem rebeldias, que são deveres e sentimentos próprios dos adultos; em outros termos, não quer colher o fruto antes de tê-lo cultivado, nem quer atribuir uma responsabilidade sem ter dotado a consciência das condições que devem constituir seu fundamento: que as crianças aprendam a ser homens, e quando o forem declarem-se em rebeldia em boa hora.

Uma escola para crianças ricas não tem que se esforçar muito para demonstrar que por seu exclusivismo não pode ser racional. A própria força das coisas a inclinaria a ensinar a manutenção do privilégio e o aproveitamento de suas vantagens.

A coeducação de pobres e ricos, que põe em contato uns com outros na inocente igualdade da infância, por meio da igualdade sistemática da escola racional, essa é a escola, boa, necessária e reparadora.

Para esta ideia eu procurei conseguir ter alunos de todas as classes sociais para refundi-los na classe única, adotando um sistema de retribuição adaptado às circunstâncias dos pais ou encarregados dos alunos, não tendo um tipo único de matrícula, mas praticando uma espécie de nivelação que ia desde a gratuidade, as mensalidades mínimas, as medianas até as máximas.

Em relação ao assunto deste capítulo, veja o artigo que publiquei em *La Publicidad*, de Barcelona, em 10 de maio de 1905, e no *Boletim*:

PEDAGOGIA MODERNA

Nosso amigo D.R.C. deu uma conferência no último sábado, no Centro Republicano Instrutivo da rua da Estrela (Gracia), sobre o tema que encabeça estas linhas, explicando à concorrência o que é o ensino moderno e as vantagens que a

sociedade pode tirar dele.

Considerando o assunto de enorme interesse, e digno, entre outras coisas, de fixar a atenção pública, julgo útil expor à imprensa minhas impressões e minhas reflexões conseguintes, desejoso de contribuir para o esclarecimento de verdades de maior transcendência, e, para isso, digo que nos pareceu correto o conferencista nesta explicação, mas não nos meios aconselhados para realizá-la, nem nos exemplos da Bélgica e da França, que apresentou como modelos dignos de imitação.

De fato, o senhor C. confia somente ao Estado, às Câmaras ou aos Municípios a construção, a dotação e a direção dos estabelecimentos escolares; grande erro, na nossa compreensão, porque se a pedagogia moderna significa uma nova orientação em direção a uma sociedade razoável, ou seja, justa; se com a pedagogia moderna nos propomos a educar e instruir as novas gerações demonstrando as causas que motivaram e motivam o desequilíbrio da sociedade; se com a pedagogia moderna pretendemos preparar uma humanidade feliz, livre de toda ficção religiosa e de toda ideia de submissão a uma desigualdade socioeconômica necessária, não podemos confiá-la ao Estado nem a outros organismos oficiais, sendo como são sustentadores dos privilégios, e forçosamente conservadores e fomentadores de todas as leis que consagram a exploração do homem, base iníqua dos mais irritantes abusos. As provas do que afirmamos abundam tanto que qualquer um pode se dar conta delas visitando as fábricas, as oficinas e onde quer que haja gente assalariada; perguntando como vivem os de baixo e os de cima, assistindo aos juízos orais em todos os palácios do que se chama justiça em todo o mundo e perguntado aos presos, em qualquer tipo de estabelecimento penal, a respeito dos motivos de sua prisão.

Se todas essas provas não bastarem para demonstrar que o Estado ampara os detentores da riqueza social e persegue aqueles que se rebelam contra tal injustiça, então bastará se inteirar do que se passa na Bélgica; país favorecido, segundo o senhor C., pela proteção do Governo ao ensino oficial, eficaz de tal maneira que se torna impossível o ensino particular. Nas escolas oficiais, dizia o senhor C., são matriculados os filhos dos ricos e dos pobres e dá gosto ver sair um menino riquíssimo de braço dado com um companheiro pobre e humilde. É verdade, acrescentaremos, que nas escolas oficiais da Bélgica podem ser matriculados todos os alunos; mas deve-se advertir que o ensino lecionado está baseado na necessidade de que sempre terá que haver pobres e ricos, e que a harmonia social consiste no cumprimento das leis. Portanto, o que mais os amos iriam querer senão que este ensino se desse por todas as partes? Porque eles cuidariam bem de fazer vir à razão aqueles que algum dia poderiam se rebelar, fazendo como recentemente em Bruxelas e em outras cidades da Bélgica, onde os filhos dos ricos, bem armados e organizados na milícia nacional, fuzilaram os filhos dos operários que se atreveram a pedir o sufrágio universal. Por outro lado, minhas notícias acerca da grandeza do ensino belga diferem muito das manifestadas pelo senhor C. Tenho à vista vários números de *L'Express*, de Liége, que destina ao assunto uma seção intitulada *A destruição de nosso ensino público*, na qual são lidos dados que, infelizmente, possuem muita semelhança com o que acontece na Espanha, sem contar que há pouco tempo por esta parte teve grande desenvolvimento o ensino congregacionista, que, como todo mundo sabe, é a sistematização da ignorância. No fim, não é de se admirar que um governo marcadamente clerical domina a Bélgica.

Quanto ao ensino moderno que é dado na republicana França, diremos: nenhum livro dos que são usados nas escolas serve para um ensino verdadeiramente laico, e acrescentaremos que no mesmo dia em que o senhor C. falava em Gracia, o diário *L'Action* de Paris publicava sob o título *Como se ensina a moral laica*, tomado do livro *Recueil de Maximes et Pensées Morales*, alguns pensamentos ridiculamente anacrônicos que se chocam contra o mais elemental bom senso.

Nos perguntarão agora: O que faremos se não contarmos com o apoio do Estado, das Câmaras ou dos Municípios? Pois, simplesmente, pedi-lo para quem deve ter interesse em mudar o modo de viver: os trabalhadores em primeiro lugar, e em seguida os intelectuais e privilegiados de bons sentimentos que, se não abundam, não deixam de ser encontrados. Conhecemos alguns.

O mesmo senhor C. se queixava do que custa e por que a Prefeitura tarda em conceder as reformas que lhe pedem. Tenho a convicção de que custaria menos tempo fazer entender à classe trabalhadora, que deve esperar tudo de si mesma.

O campo está bem preparado. Visitem as sociedades operárias, as Fraternidades Republicanas, os Centros Instrutivos, os Ateneus Operários e quaisquer entidades que tiverem interesse na regeneração da humanidade, e falem ali a linguagem da verdade aconselhando a união, o esforço e a atenção constante ao problema da instrução racional e científica, da instrução que demonstra a injustiça dos privilégios e a possibilidade de fazê-los desaparecer. Se os particulares ou entidades que desejam verdadeiramente a emancipação da classe que sofre dirigissem seus esforços neste terreno, o senhor C. pode ter certeza de que o resultado seria positivo, certo e ligeiro, enquanto o que obtiver dos governos será tardio e não servirá para nada além de deslumbrar, de sofisticar os propósitos e perpetuar a dominação de uma classe por outra.

VII. HIGIENE ESCOLAR

A respeito da higiene, a sujeira católica domina na Espanha. Santo Aleixo e São Benedito Labre são não os únicos, mas são os mais característicos porcos que figuram na lista dos supostos habitantes dos reinos dos céus, se não os mais populares entre os imundos e inumeráveis mestres da porcaria.

Com tais modelos de perfeição, em meio ao ambiente da ignorância, hábil e iniquamente sustentado pelo clero e pela realeza dos tempos passados e pela burguesia liberal e até democrática de nossos dias, é claro que as crianças que vinham à nossa escola seriam muito deficientes quanto à limpeza: a sujeira era atávica.

A combatemos prudente e sistematicamente, demonstrando às crianças a repugnância que inspira todo objeto, todo animal, toda pessoa suja; de forma contrária, o agrado e a simpatia que se sente perante a limpeza; como alguém se aproxima instintivamente da pessoa limpa e se afasta da gordurosa e malcheirosa, e como devemos reciprocamente ficar gratos de sermos considerados simpáticos por curiosos ou ter vergonha de causar asco àqueles que nos veem.

Expúnhamos depois a limpeza como assunto de beleza e a sujeira como característica da feiura, e entrávamos decididamente no terreno da higiene,

apresentando a sujeira como causa de enfermidade, com seu perigo de infecção indefinida até causar epidemias, e a limpeza como agente principal de saúde, e conseguíamos facilmente determinar a vontade das crianças em direção à limpeza e dispor sua inteligência para a compreensão científica da higiene.

A influência deste ensino penetrava nas famílias pelas exigências das crianças, que alteravam a rotina caseira. Uma criança pedia com urgência que lhe lavassem os pés, outra queria tomar banho, outra pedia pasta e escova de dentes, outra sentia vergonha de carregar uma mancha, outra pedia que renovassem sua roupa ou seu calçado, e as pobres mães, atarefadas por suas obrigações diárias, ou talvez constrangidas pela dureza das circunstâncias em que se desenvolvia a vida social, e influenciadas além disso pela sujeira religiosa, procuravam calar tantos pedidos; mas a nova vida introduzida no lar pela ideia da criança triunfava por fim como consolador presságio da futura regeneração que o ensino racional deve produzir.

Deixo a exposição das razões que abonam a higiene para pessoas perfeitamente competentes, por isso insiro a seguir dois artigos publicados no *Boletim da Escola Moderna*.

PROTEÇÃO HIGIÊNICA DAS ESCOLAS: SUA IMPLANTAÇÃO PELOS PARTICULARES

O clamor é geral. De todas as partes surge a mesma exclamação: *De 18 milhões de espanhóis, 10 são analfabetos; nós espanhóis perdemos com a falta de educação e instrução*. A exclamação está inspirada na realidade; não pode ser mais justa; eu acrescentaria que nós espanhóis perdemos com a rotina e a falta de fé no trabalho; por ambas as coisas, comarcas inteiras de nossa península estão com essa coisa grisalha estéril de onde brota apenas uma erva pálida e rala para assemelhá-las melhor às planícies do deserto; nem o arado nem o cultivo de longos anos a quebraram, nem sacudiram a inércia do terreno, e lá estão estes milhares de hectares improdutivos para a miséria de seus proprietários e para ofensa da decantada feracidade de nosso solo. E não digo isso pelos catalães, porque aqui encanta ver nas mais atrevidas ladeiras, ou nas cristas mais altas, a oliveira, a videira, o trigo ou a alfarrobeira como sinal de um trabalho e de uma luta que não acaba até o ponto de tirar suco das rochas.

Parabéns a quem advoga pela instrução, que seja feita obrigatória para aqueles cidadãos indolentes. Mas impor uma lei, sem rodear seu cumprimento de certas garantias, já não me parece tão satisfatório; como médico, em muitas vezes tive ocasião de apreciar o desamparo em que muitas crianças se encontram nas escolas, e me comoveu profundamente o desconsolo de um pai quando perdeu um filho por efeito de uma enfermidade que contraiu na escola e que poderia ter sido evitada.

Em nossas escolas, as crianças estão suficientemente protegidas para que uma mãe deixe aquele ser querido ir tranquilo toda manhã, que enquanto mantinha em seu colo crescia saudável e que ao ir ao colégio ficou doente? As epidemias das escolas são prova destes riscos; mas há outros contágios que vão sendo realizados à surdina, que por isso causam maior número de vítimas, sem que esse silêncio motive uma intervenção que o evite.

Há alguns meses, por mera coincidência, sem dúvida, ajudei, com alguns dias de intervalo, três crianças com difteria: as três iam ao mesmo colégio; a tosse convulsa, o sarampo, a escarlatina e outras encontram nas escolas o campo mais fecundo para uma explosão acadêmica, porque aquelas crianças ali reunidas, submetidas ao mesmo meio, quando chegam às suas casas contagiam seus irmãozinhos maiores ou menores, e desta maneira o contágio escolar atinge até as crianças de peito, os próprios recém-nascidos. Às vezes chega até seus pais. A tuberculose é transmitida por este meio.

À parte destas enfermidades tão terríveis, a tinha, as doenças dos olhos, a sarna, o histerismo, as torceduras das costas etc. quase sempre saem da escola.

A aglomeração em que os escolares vivem, o uso de um único mictório, de um único vaso, a troca de cartapácios e lápis que passam de mão em mão e de boca em boca, o presenteamento mútuo de pão ou guloseimas, tudo isto é uma promiscuidade perigosa para a coletividade. Sei de muitos pais que, contra sua vontade, tiveram que renunciar à instrução de seus filhos na escola, porque nela ficavam doentes a cada passo. Se os edifícios e o mobiliário escolar de nossos colégios fossem revisados, poucos responderiam a uma organização higiênica medíocre. Mas não se trata disto. Sejamos práticos. Ainda se dispuséssemos de grande capital para montar escolas a partir de uma nova planta conforme os ditados de um higienista, não interromperíamos a instrução bruscamente enquanto derrubassem e construíssem os edifícios.

Portanto, obrigados a utilizar o material existente, creio que ela pode ser melhorada sem grandes esforços, somente estabelecendo a *proteção* e a *instrução higiênica* nas escolas. Não se necessita de palácios reluzentes; para difundir a instrução bastam salas amplas, de luz abundante e ar puro, onde os escolares estejam protegidos.

Em outros países, esta reforma partiu do Governo; aqui... me parece que a iniciativa dos particulares pode corrigir estas deficiências com grande proveito de seus próprios interesses. Os professores da escola encontrarão médicos que colaborem com essa campanha higiênica escolar. Os diretores de colégios poderão encontrar o concurso médico com pouco esforço. E ainda quando tiverem que realizar algum, pensem que este ato de previsão seria muito produtivo. Perdem quando uma criança adoece, deixa de ir à escola e de pagar uma mensalidade; mas perdem mais quando a criança morre e um cliente é apagado para sempre.

Quem sabe se o crédito do estabelecimento ainda decresce com essas baixas? Há não muito tempo, um colégio de bastante crédito de nossos arredores teve que enviar para suas casas várias alunas por ter havido uma epidemia de escarlatina ao começar o curso. Não teria sido melhor evitar com a proteção higiênica o quebranto de ingressos e as dores aos educandos?

Pensem, pois, os proprietários de colégios e os professores municipais em instaurar este serviço, prescindindo por completo das previsões dos governantes. Aqui não iremos bem neste aspecto enquanto não forem publicadas notícias como esta: *a inspeção médica das escolas de Nova Iorque excluiu temporariamente por uma semana do último mês de setembro 100 alunos: deles, 35 padeciam de granulações nos olhos, 16 conjuntivite, 15 infecções de pele etc.* Deste modo poderíamos sim enviar as crianças à escola!

Esta proteção da escola persegue um fim eminentemente social, a condição fundamental e indispensável para que a educação intelectual seja eficaz. A organização do serviço, que deveria ocorrer a cargo de um médico em cada escola, compreende os seguintes pontos:

1º Salubridade do edifício. A este propósito vigiará a distribuição dos locais, a iluminação, a ventilação, a calefação, as correntes de ar, a instalação dos toaletes etc. Estes elementos da escola se adaptaram o máximo possível ao progresso pedagógico.

2º Profilaxia das enfermidades transmissíveis. Uma tosse ligeira, um vômito, uma febre leve, a vermelhidão dos olhos, uma placa anormal do cabelo lhe conduzirão a uma investigação pessoal e a dispor no ato uma separação relativa da criança indisposta. Neste respeito, deve-se contar com a ajuda leal da família, para que não ocultem o sarampo ou a tosse ferina e outros efeitos de que os irmãos dos alunos possam padecer. Um isolamento prudente impedirá a transmissão morbosa escolar, e, em caso de doença, o médico determinará depois de quanto tempo e com que precauções a criança pode voltar ao Colégio, sem perigo para seus companheiros.

3º Função normal dos órgãos e crescimento. Mediante medições e pesagens periódicas, saberemos positivamente se a criança está se desenvolvendo bem e se está ou não contraindo atitudes viciosas que possam se tornar permanentes como a miopia, a escoliose e outras. Isto será de grande utilidade para as famílias.

A mãe ocupada nas tarefas domésticas e o pai absorto em seus negócios não percebem se seu filho manca, se sua coluna vertebral começa a se torcer, se ele aproxima demais os olhos do livro para ler; e quando descobrem, o mal é tão grave ou está tão avançado, que seu tratamento exige grandes dispêndios e talvez alguns sacrifícios. Esta vigilância preencheria um grande vazio em algumas famílias. A missão do médico escolar será reduzida neste caso a advertir o perigo aos pais para que busquem o auxílio de seu respectivo médico.

4º Educação física e adaptação dos estudos à capacidade intelectual de cada criança. Isto será realizado de acordo com o professor. Mediante esta inspeção, estas dores de cabeças, estas insônias, a neurastenia infantil e estes estragos que o trabalho excessivo produz serão evitados. Será graduado então ao exercício físico (ginástica) e ao trabalho intelectual.

6º Redação de um caderno biológico. Consiste na anotação do desenvolvimento do escolar e das doenças que teve. Além de sua descendência étnica e antropológica, esta história pessoal tem uma aplicação prática muito importante. Exemplo: Se uma epidemia de febre tifoide, tosse ferina, sarampo etc. se alastrar a uma alta ou baixa velocidade. O fechamento das escolas que costuma ser decidido por precaução não resolve o problema e é ainda objeto de sérias censuras. Quando se dispor do caderno biológico de cada criança, aquele que já padeceu da doença epidêmica, se já está protegido contra ela, pode continuar a ir à escola, sem risco para ela nem para suas companheiras, e aquelas que não tiverem padecido podem ser objeto de certas medidas que não interrompam a vida normal das famílias e das escolas, nem fomentem a folgança e o afã de férias dos escolares.

Este é o programa: à primeira vista, tanto afastamento e tantas atenções parecerão uma montanha inacessível, um projeto irrealizável, e isso porque não falo da

pedagogia experimental que, fundada na psicologia, mede a força intelectual de cada indivíduo e perscruta sua aptidões especiais... mas nos dediquemos a esta tarefa redentora de nossos escolares, e nosso trabalho e nossa perseverança nos conduzirão acima em pouco tempo, com igual facilidade à que subimos hoje o Tibidabo quando nos dispomos a funicular.

Dr. Martinez Vargas

OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS

O jogo e as brincadeiras são indispensáveis às crianças. No tocante à sua constituição, saúde e desenvolvimento físico, todo mundo estará formado; mas os jogos são produzidos unicamente para a atenção à quantidade de desenvolvimento físico. Daqui que estes foram substituídos pelo ginásio como um excelente equivalente e alguns crendo que se ganhou na substituição.

Estas asserções vieram a ser negadas pela higiene em termos absolutos. Depois da crença inveterada de que ao que eles devem atender é o desenvolvimento de nossas forças físicas, outro conceito veio a dominar o campo da consciência científica. Em tal campo se reconhece no momento presente, como em autoridade de coisa julgada, que o estado placentário e o livre desdobramento das tendências nativas são fatores importantes, essencialíssimos e predominantes no fortalecimento e no desenvolvimento da criança.

O contentamento, como afirma Spencer, *constitui o tônico mais poderoso; acelerando a circulação de sangue, facilita o desempenho de todas as suas funções; contribui para aumentar a saúde quando ela existe, e a restabelecê-la quando ela foi perdida. O interesse vívido e a alegria que as crianças experimentam em seus passatempos são tão importantes quanto o exercício corporal que os acompanha. Por isso a ginástica, não oferecendo estes estímulos mentais, se torna defeituosa...* Mas temos que dizer com o pensador aludido: alguma coisa é melhor que nada. Se tivéssemos que escolher entre ficar sem jogo e sem ginástica, ou aceitar o ginásio, correndo, com os olhos fechados, optaríamos pelo ginásio.

Os jogos e as brincadeiras, por outro lado, merecem outro ponto de vista na pedagogia e uma maior consideração se são desejados.

Deve-se deixar que a criança onde quer que esteja manifeste sinceramente seus desejos. Este é o fator principal da brincadeira que, como adverte Johonnot, é o desejo satisfeito pela livre atividade. Por isso, não nos pesa dizer que é de absoluta necessidade que se vá introduzindo a substância da brincadeira por dentro das classes. Assim entendem nos países mais cultos e em organismos escolares que prescindem de qualquer preocupação alheia, e não desejam outra coisa além de encontrar procedimentos racionais para realizar a composição amigável entre a saúde e o avanço da criança. Ali não foi feita outra coisa para realizar este fim além de arrancar pela raiz das salas das classes o mutismo e a quietude insuportáveis, características da morte, e conduzir em seu lugar o bem-estar, a alegria intensa, o alvoroço. O alvoroço, a alegria intensa da criança na classe, quando compartilha com seus colegas, é

assessorada com seus livros, ou está em companhia e intimidade com os professores, é o sinal infalível de sua saúde interna de vida física e de vida de inteligência.

As afirmações que fazemos produzirão o franzimento do cenho dos pedagogos dominantes que, por desgraça, abundam entre nós. Como? Por esse caminho derrubamos todo o organismo educacional que, por ser antigo, deve nos ser representado como venerável e intangível. Como? Corrigindo a conduta de nossos pais pela medida da importância do estudo, não tomamos o desgosto que este proporciona às crianças! É deixado passo livre às iniciativas da criança como um caminho que conduz em linha reta para alcançar sua cultura sem eliminar o elemento típico que individualiza seu ser, em vez de submeter o cérebro do educando ao molde dos caprichos de pais e professores!

Não há mais remédio. A verdade tem sabor de retama para seus inimigos. Uma concepção mais verdadeira e mais otimista da vida do homem obrigou os pedagogos a modificarem suas ideias.

Em indivíduos e grupos onde a cultura moderna penetrou, a vida é vista de um ponto de vista contrário aos ensinamentos do sentido cristão. A ideia de que a vida é uma cruz, uma carga irritante e pesada, que tem que ser tolerada até que a providência se canse de nos ver sofrer, radicalmente desaparece.

A vida nos diz para gozar a vida, para vivê-la. O que atormenta e produz dor deve ser rejeitado como mutilador da vida. Aquele que pacientemente o aceita é merecedor de ser considerado como um atávico degenerado, ou de ser um desgraçado moral, sem ter conhecimento daquilo que faz.

O supremo dever individual que preside a consciência do homem é o dever de se nutrir em todos os aspectos de nossa vida. O supremo dever coletivo é irradiar a vida por todas as partes. Essa formosa tendência tem que ser aceita e arraigada em todas as gerações do futuro, e o meio único e expeditivo de fazê-lo consiste em levar à educação o sentido de Froebel: toda brincadeira bem dirigida é convertida em trabalho, assim como trabalho em brincadeira.

Por outro lado, as brincadeiras servem para revelar o caráter da criança e para o que é chamado de funcionar na vida.

Os pais e os pedagogos têm que ser até certo ponto *passivos* na obra educadora. As observações do pai e as instruções do professor não devem ser convertidas em preceito imperativo à maneira de ordem mecânica nem militar ou mandato dogmático religioso. Uns e outros encontram, no educando, uma vida particular. Ela não pode ser governada com uma direção arbitrária; ela deve ser desenvolvida dinamicamente, de dentro para fora, apenas ajudando suas disposições nativas a se desenvolverem.

Por isso o educante não deve propor a priori, sem consulta prévia, paciente e detalhada da natureza da criança, que esta estude para marinheiro, ou agricultor, ou médico etc. Pode-se destinar as crianças, pelo mero desejo da vontade daquele que as condiciona, para que sejam poetas, para que estudem para ser filósofos ou para que revelem disposições extraordinárias geniais na música? Pois para o mesmo caso isso serve.

O estudo das brincadeiras das crianças demonstra sua grande semelhança com as ocupações mais sérias de seus maiores. As crianças combinam e executam seus jogos com um interesse e uma energia que somente o cansaço abate. Trabalham para

imitar quantas coisas puderem conceber que os grandes fazem. Constroem casas, fazem pasteis de barro, vão à cidade, brincam de escola, dançam, se fingem de médicos, vestem bonecas, lavam a roupa, brincam de circo, vendem frutas e bebidas, fazem jardins, trabalham em minas de carvão, escrevem cartas, fazem chacotas, discutem, brigam etc.

O ardor e a veemência com que o fazem mostra quão profundamente real isto é real para elas, e revela ainda que os instintos nas crianças não diferem absolutamente dos instintos na idade viril. A brincadeira espontânea, que é a preferida da criança, prediz sua ocupação ou disposições nativas. A criança brinca de homem, e quando chega à idade viril aquilo que lhe divertia quando criança se torna sério.

Taylor disse: *Deveria se ensinar às crianças com o mesmo cuidado com que lhes será ensinado mais tarde a trabalhar... Não poucas garotas se tornaram excelentes costureiras cortando e fazendo vestidos para suas bonecas; muitos garotos aprendem o uso das ferramentas mais comuns brincando de carpinteiros. Uma amiguinha minha chegou a ser uma verdadeira artista depois de ter brincado com seus pincéis e tintas. Outra criança declamava coisas interessantes brincando de comédias, e alguns anos depois sua prova no colégio foi brilhante utilizando os conhecimentos que havia adquirido na brincadeira. Assim também muitas das imagens poéticas de alguns atores denunciam as lembranças das brincadeiras e aventuras da infância.*

Além disso, a brincadeira é apta para o desenvolvimento do sentido altruísta nas crianças. A criança, em geral, é egoísta, intervindo com uma disposição tão fatal muitas causas, sendo a principal entre todas a lei de herança. Da qualidade indicada se desprende o despotismo natural das crianças, que lhes leva a querer mandar arbitrariamente em seus demais amiguinhos.

A brincadeira é onde as crianças devem ser orientadas para que pratiquem a lei da solidariedade. As observações prudentes, os conselhos e as reconvenções dos pais e professores devem ser encaminhadas nas brincadeiras das crianças, para lhes provar que lhes é mais útil serem tolerantes e condescendentes com o amiguinho que intransigentes com ele: que a lei de solidariedade beneficia aos demais e ao mesmo que a produz.

VIII. O PROFESSORADO

Outra dificuldade grave me foi apresentada com a equipe. Por mais útil que fosse a formação do programa para a explicação do ensino e da educação racional, vinha depois a necessidade de buscar pessoas aptas para sua execução e a prática me demonstrou que essas pessoas não existiam. Quão verdadeiro é que a necessidade cria o órgão!

Havia professores, e como! Por fim, ainda que não fosse muito lucrativa, a pedagogia é uma carreira que mantém seu nome, não sendo sempre verdade o ditado popular que serve para designar um desgraçado com esta frase: *Você tem mais fome que o professor de uma escola!* porque a verdade é que em muitas, muitíssimas vilas da Espanha, o professor faz parte do conselho caciquil ao lado do padre, do médico, do boticário e do usurário, personagem este que nem sempre é o maior contribuinte,

ainda que seja o mais rico do local, e, em resumo, o professor tem um salário municipal, convênio com os vizinhos e também certa influência que pode ser traduzida às vezes em benefícios materiais, e se nos povoados importantes o seu salário municipal não é suficiente, o professor costuma se dedicar à indústria do ensino em colégios particulares onde prepara burgueses jovens de acordo com o Instituto provincial para o bacharelado, e se não alcança uma posição privilegiada consegue sobreviver como os cidadãos em geral.

Havia também professores dedicados ao chamado ensino laico, denominação importada da França, onde tem sua razão de ser, porque ali a educação primária, antes de ser laica, era exclusivamente clerical e exercida por congregações religiosas, o que não acontecia na Espanha, onde, por mais cristão que o ensino fosse, sempre era professado por professores civis. Mas os professores laicos espanhóis, inspirados e alentados pela propaganda livre-pensadora e pelo radicalismo político, se manifestavam melhor como anticatólicos e anticlericais do que como verdadeiros racionalistas.

Isso é porque os profissionais da educação, para se adaptarem ao ensino científico e racional, deveriam sofrer um preparo difícil em todo caso e nem sempre realizável pelos impedimentos da rotina, e aqueles que, sem noções pedagógicas anteriores, entusiasmados com a ideia, vinham nos oferecer seus serviços, necessitavam também, e talvez com maior motivo, o seu preparo.

O problema era de solução dificílima porque não havia outro meio de preparo e adaptação além da própria escola racional.

Mas, que maravilha da bondade do sistema! Criada a Escola Moderna por inspiração individual, com recursos próprios e com a visão centrada no ideal como critério fixo, as dificuldades eram aplanadas, toda imposição dogmática era descoberta e rejeitada, toda incursão ou desvio ao terreno metafísico era imediatamente abandonado, e pouco a pouco a experiência ia formando esta nova e salvadora ciência pedagógica, e isto, não apenas por meu zelo e vigilância, mas pelos primeiros professores, e às vezes até por dúvidas e manifestações ingênuas dos próprios alunos.

Bem pode-se dizer que a necessidade cria o órgão, e por fim o órgão satisfaz a necessidade.

Não obstante, disposto a levar minha obra até o fim, criei uma Escola Normal, racionalista, para o ensino dos professores, sob a direção de um professor experiente e com a participação dos professores da Escola Moderna, onde se matricularam vários jovens de ambos os sexos e começou a funcionar com bom êxito, até que a arbitrariedade autoritária, obedecendo à instigação de misteriosos e poderosos inimigos, se opôs à nossa marcha, formando a enganadora ilusão de ter triunfado para sempre.

Como complemento das ideias expostas neste capítulo, julgo conveniente incluir as que meu amigo Domela Niewenhuis expôs acerca da pedagogia individual no *Boletim* no seguinte texto:

PEDAGOGIA INDIVIDUAL

Nunca será feito o bastante em prol das crianças. Quem não se interessa pelas crianças não é digno de que ninguém se interesse por ele, porque as crianças são o futuro. Mas os cuidados para com as crianças devem ser guiados pelo bom senso; não basta ter boa vontade; é preciso também conhecimento e experiência.

Quem cultiva plantas, flores e frutos sem saber algo do que lhe corresponde? Quem cria animais, por exemplo, cães, cavalos, galinhas etc. sem saber o que é bom e conveniente para cada espécie?

Mas, na educação das crianças, a coisa mais difícil do mundo, quase todo mundo acha que se tem competência para ela pelo fato de ser pai de família. O caso é verdadeiramente estranho: um homem e uma mulher combinam de viver juntos, procriam um filho e eis-los convertidos de repente em educadores, sem ter tido o trabalho de se instruírem no mais elementar da arte da educação.

Não somos daqueles que dizem junto com Rousseau que é bom tudo o que vem do criador das coisas: que tudo degenera nas mãos do homem. Perante tudo não podemos dizer que tudo é bom, e depois declaramos que não conhecemos um criador das coisas, nem mesmo um criador que tenha mãos com as quais faça como um hábil operário que copia um modelo. E além disso, perguntamos: porque se diz que tudo degenera? O que significa degenerar? Que ideia se tem de um criador cujo trabalho pode ser estragado pelos homens que consideram como um produto das mãos do criador? Isso é dizer que um dos produtos pode estragar os outros! Se um operário desse um produto assim a seu patrão, logo seria despedido por ser incompetente e lerdo.

Sempre são apresentados dois lados: o positivo e o negativo; e geralmente se estraga mais pelo lado positivo do que pelo negativo. Fazer algo pode ser útil, mas também prejudicial; mas se impede algo, a natureza costuma corrigir o que a criança faz mal. O célebre pedagogo Froebel dizia: *Vivamos para as crianças*. A intenção sem dúvida foi boa, mas com certeza ele não compreendia o segredo da educação. Ellen Key, que em seu grande livro *O Século das Crianças* nos dá tanto o que pensar, tem mais razão quando diz: *Deixemos que as crianças vivam por si mesmas*.

Que a instrução comece quando a criança pedir. Todo o programa escolar, que é o mesmo para todas as regiões da França, por exemplo, é ridículo. Às nove da manhã o ministro de educação pública sabe que todas as crianças leem, escrevem ou calculam; mas todas as crianças e os professores têm o mesmo desejo à mesma hora? Por que não deixar para o professor a iniciativa de fazer o que quiser, já que ele conhece seus alunos melhor que o senhor ministro ou qualquer burocrata, e deve ter a liberdade necessária para arrumar a educação ao seu gosto e ao de seus discípulos? A mesma razão para todos os estômagos, a mesma ração para todas as memórias, a mesma ração para todas as inteligências; os mesmos estudos, os mesmos trabalhos.

Victor Considerant, o discípulo de Charles Fourier, escreveu um importante livro, já esquecido, mas que merece ser ressuscitado, *Teoria da Educação Natural e Atrativa*, em que pergunta: *Que adestrador de cães submete à mesma regra seus cães de exposição, seus lebréis, seus corredores, seus fraldiqueiros e seus mastins? Quem*

exige de tão diversas espécies serviços idênticos? Que jardineiro ignora que algumas plantas precisam de mais sombra, outras de mais sol, algumas de mais água, outras mais ar, nem que aplique a todas os mesmos sustentáculos e as mesmas ligaduras, que pode a todas da mesma maneira e na mesma época ou que pratique o mesmo enxerto sobre todos os arbustos silvestres? A natureza humana vale menos que a vegetal ou animal para que dediquem menos atenção à criação das crianças que à dos espinafres, das alfaces ou dos cães?

Nos acostumamos a buscar longe o que está ao nosso alcance se queremos e podemos ver e observar. As coisas costumam ser simples, mas nós as tornamos complicadas e difíceis.

Se seguirmos a natureza cometeremos menos falhas. A Pedagogia oficial deve dar lugar à individual. Ellen Key desejava um dilúvio que inundasse todos os pedagogos, e se a arca salvasse unicamente Montaigne, Rousseau e Spencer progrediríamos um pouco. Então os homens não edificariam *escolas* mas plantariam videiras nas quais o trabalho dos professores seria levantar os racemos à altura dos lábios das crianças, em vez de fazer com que as crianças não possam degustar, como ocorre hoje em dia, mais que o mosto da cultura cem vezes atenuado.

No ovo há um embrião: segundo sua natureza, ele deve ser aberto; mas ele não se abrirá a não ser no caso em que o ovo se encontrar em uma temperatura conveniente. Na criança há muitos embriões de faculdades industriais, de numerosas vocações, mas estas vocações não se manifestarão a não ser no meio e nas circunstâncias favoráveis à sua exteriorização.

Se temos órgãos, é preciso que se formem e se desenvolvam; é preciso deixar às crianças a oportunidade de desdobrar a natureza, e a tarefa dos pais e dos educadores consiste em não impedir o seu desenvolvimento. Acontece como com as plantas: cada coisa tem o seu tempo; primeiro os brotos e as folhas, depois as flores e os frutos; mas você matará a planta se sujeitá-la a procedimentos artificiais para obrigá-la a inverter a ordem natural de seu desenvolvimento. Preservar, sustentar, regar; eis aqui o trabalho dos educadores.

Os grandes iniciadores do socialismo compreenderam que o começo de tudo é a educação. Fourier e Robert Owen deram ideias originais que não foram compreendidas ou que foram descuidadas. Em nenhum manual de pedagogia são encontrados estes nomes, e com certeza eles merecem um lugar de honra, porque todas as ideias da educação moderna que atualmente são propagadas são encontradas em seus escritos.

A grandeza daqueles heróis do pensamento aumenta à medida que se aprofunda em suas obras. Sua clarividência é admirável; mas isso se explica considerando que estudaram a natureza.

Mais uma vez: siga a natureza e seguirá o melhor caminho.

Já nos primeiros números do *Boletim da Escola Moderna* começou a publicação dos seguintes anúncios:

À JUVENTUDE

A Escola Moderna, em vista do bom êxito obtido com seu instituto inicial, e desejando estender progressivamente sua ação salvadora, convida os jovens de ambos os sexos que desejam se dedicar ao ensino científico e racional e que tenham aptidão para isso que o manifestem pessoalmente ou por escrito a fim de preparar a abertura de sucursais em vários distritos desta capital.

AO PROFESSORADO LIVRE

Os professores e jovens de ambos os sexos que desejarem se dedicar ao ensino racional e científico e se encontram despojados de preocupações, superstições e crenças tradicionais absurdas, podem se comunicar com o Diretor da Escola Moderna para a provisão de vagas em várias escolas.

IX. A RENOVAÇÃO DA ESCOLA

Dois meios de ação são oferecidos àqueles que querem renovar a educação da infância: trabalhar para a transformação da escola pelo estudo da criança, a fim de provar cientificamente que a organização atual do ensino é defeituosa e adotar melhoras progressivas; ou fundar escolas novas nas quais sejam aplicados diretamente princípios encaminhados ao ideal que são formados da sociedade e dos homens que reprovam os convencionalismos, as crueldades, os artifícios e as mentiras que servem de base para a sociedade moderna.

O primeiro meio apresenta grandes vantagens, responde a uma concepção evolutiva que todos os homens de ciência defenderão e que, segundo eles, é a única capaz de alcançar o fim. Em teoria eles têm razão e assim estamos dispostos a reconhecê-lo.

É evidente que as demonstrações da psicologia e da fisiologia devem produzir importantes mudanças nos métodos de educação; que os professores, em perfeitas condições para compreender a criança, poderão e saberão conformar seu ensino com as leis naturais. Até concedo que esta revolução será realizada no sentido da liberdade, porque estou convencido de que a violência é a razão da ignorância, e que o educador verdadeiramente digno deste nome obterá tudo da espontaneidade, porque conhecerá os desejos da criança e saberá secundar seu desenvolvimento unicamente dando-lhe a mais ampla satisfação possível.

Mas, na realidade, creio que aqueles que lutam pela emancipação humana podem esperar muito deste meio. Os governos sempre se preocuparam em dirigir a educação do povo, e sabem melhor que ninguém que seu poder está totalmente baseado na escola e por isso a monopolizam cada vez com maior empenho. Foi o tempo em que os governos se opunham à difusão da instrução e procuravam restringir a educação das massas. Essa tática era antes possível porque a vida econômica das nações permitia a ignorância popular, essa ignorância que facilitava a dominação. Mas as circunstâncias mudaram: os progressos da ciência e os descobrimentos multiplicados revolucionaram as condições do trabalho e da produção; já não é possível que o povo permaneça ignorante; necessitam dele instruído para que a situação econômica de um país seja

conservada e progrida contra a concorrência universal. Assim reconhecido, os governos quiseram uma organização cada vez mais completa da escola, não porque esperam a renovação da sociedade pela educação, mas porque necessitam de indivíduos, operários, instrumentos de trabalho mais aperfeiçoados para que frutifiquem as empresas industriais e os capitais a elas dedicados. E os governos mais reacionários foram vistos seguindo este movimentos; compreenderam que a tática antiga era perigosa para a vida econômica das nações e que tinha que adaptar a educação popular às novas necessidades. Erro grave seria crer que os diretores não haviam previsto os perigos que, para eles, o desenvolvimento intelectual dos povos traz consigo, e que, portanto, necessitavam mudar de meios de dominação; e, de fato, seus métodos se adaptaram às novas condições de vida, trabalhando para obter a direção das ideias em evolução. Esforçando-se para conservar as crenças sobre as quais a disciplina social era baseada antes, trataram de dar às concepções resultantes do esforço científico um sentido que não pudesse prejudicar as instituições estabelecidas, e eis aqui o que introduziram para se apoderar da escola. Os governantes, que antes desejavam para os padres o cuidado da educação do povo, porque seu ensino, a serviço da autoridade, lhes era útil então, tomaram em todos os países a direção da organização escolar.

O perigo, para eles, consistia na excitação da inteligência humana perante o novo espetáculo da vida, em que no fundo das consciências surgisse uma vontade de emancipação. Loucura teria sido lutar contra as forças em evolução; era preciso canalizá-las, e, para isso, longe de obstinarem-se em antigos procedimentos governamentais, adotaram outros novos de eficácia evidente. Não era necessário um gênio extraordinário para encontrar esta solução; o simples rumo dos fatos levou os homens do poder a compreenderem o que tinham que opor aos perigos apresentados: fundaram escolas, trabalharam para espalhar a instrução a mãos cheias e, se a princípio houve entre eles quem resistisse a este impulso – porque determinadas tendências favoreciam alguns dos partidos políticos antagônicos –, todos compreenderam logo que era preferível ceder e que a melhor tática consistia em assegurar por novos meios a defesa dos interesses e dos princípios. Vieram a ser produzidas, pois, lutas terríveis pela conquista da escola; em todos os países estas lutas continuam com encarniçamento; aqui triunfa a sociedade burguesa e republicana, lá vence o clericalismo. Todos os partidos conhecem a importância do objetivo e não retrocedem perante nenhum sacrifício para assegurar a vitória. Seu grito comum é: *Por e para a escola!*, e o bom povo deve estar agradecido por tanta solicitude. Todo mundo quer sua elevação pela instrução e sua felicidade por acréscimo. Em outra época alguns podiam lhe dizer: *Estes tratam de lhe conservar na ignorância para melhor lhe explorar; nós queremos você instruído e livre*. No presente isso já não é possível: por todas as partes escolas são construídas, sob todo tipo de títulos.

Nesta mudança tão unânime de ideias, operada entre os diretores a respeito da escola, encontro os motivos para desconfiar de sua boa vontade, e a explicação dos fatos que ocasionam minhas dúvidas sobre a eficácia dos meios de renovação que certos reformadores tentam praticar. No mais, estes reformadores se preocupam pouco, em geral, com o sentido social da educação; são homens que buscam com ardor a verdade científica, mas que afastam de seus trabalhos tudo que é estranho ao objeto de seus

estudos. Trabalham pacientemente para conhecer a criança e chegarão a nos dizer – apesar de sua ciência ser jovem – quais métodos de educação são mais convenientes para seu desenvolvimento integral. Mas esta indiferença em certo modo profissional, em meu conceito, é prejudicialíssima à causa que pensam servir.

Não lhes considero de maneira alguma inconscientes das realidades do meio social, e sei que esperam de seu trabalho os melhores resultados para o bem geral. *Trabalhando para revelar os segredos da vida do ser humano* – pensam –, *buscando o processo de seu desenvolvimento normal físico e psíquico, imporemos à educação um regime que deve ser favorável à liberação das energias. Não queremos nos ocupar diretamente da renovação da escola; como sábios tampouco o conseguiremos, porque ainda não saberíamos definir exatamente o que deveria ser feito. Procederemos por gradações lentas, convencidos de que a escola será transformada à medida de nossos descobrimentos, pela mesma força das coisas. Se nos perguntar quais são as nossas esperanças, nos manifestaremos de acordo com você na provisão de uma evolução no sentido de uma ampla emancipação da criança e da humanidade pela ciência, mas também neste caso estamos persuadidos de que nossa obra prossegue completamente em direção a esse objetivo e o alcançará pelas vias mais rápidas e diretas.*

Este raciocínio é evidentemente lógico, ninguém pode negar, e, com certeza, nele se mistura uma grande parte de ilusão. É preciso reconhecê-lo; se os diretores, como homens, tivessem as mesmas ideias que os reformadores benévolos, se realmente o cuidado de uma organização contínua da sociedade no sentido do desaparecimento progressivo da servidão lhes impulsionasse, poderia ser reconhecido que os únicos esforços da ciência melhorariam a sorte dos povos; mas, longe disso, estamos cansados de saber que aqueles que disputam o poder não olham além da defesa de seus interesses, que só se preocupam com a própria vantagem e a satisfação de seus apetites. Muito tempo faz que deixamos de crer nas palavras com que disfarçam suas ambições; todavia, há candidatos que admitem que há neles um pouco de sinceridade, e até imaginam que às vezes lhes impulsiona o desejo de felicidade de seus semelhantes; mas estes são cada vez mais raros e o positivismo do século se torna demasiado cruel para que possam restar dúvidas sobre as verdadeiras intenções daqueles que nos governam.

Do mesmo modo que souberam se arrumar quando a necessidade da instrução foi apresentada para que esta instrução não fosse convertida em um perigo, assim também saberão reorganizar a escola de conformidade com os novos dados da ciência para que nada possa ameaçar sua supremacia. Estas ideias são difíceis de aceitar, mas é necessário ter visto de perto o que acontece e como as coisas se arrumam na realidade para não se deixar cair no engano das palavras. Ah! O que não foi esperado e ainda se espera da instrução! A maior parte dos homens de progresso espera tudo dela, e até estes últimos tempos alguns não haviam começado a compreender que a instrução só produz ilusões. Recai sobre a conta da inutilidade positiva destes conhecimentos adquiridos na escola pelos sistemas de educação atualmente em prática; compreende-se que se esperou em vão, porque a organização da escola, longe de responder ao ideal que costuma se criar, faz da instrução em nossa época o mais poderoso meio de servidão na mão dos diretores. Seus professores não são senão

instrumentos conscientes ou inconscientes de suas vontades, eles mesmos formados segundo seus princípios, ademais; desde sua idade mais tenra e com mais força que ninguém sofreram a disciplina de sua autoridade; são muito raros os que escaparam da tirania da dominação ficando geralmente impotentes contra ela, porque a organização escolar lhes oprime com tal força que não têm outro remédio além de obedecer. Não irei fazer aqui o processo desta organização, suficientemente conhecida para que possa caracterizar-se com uma única palavra: violência. A escola sujeita as crianças física, intelectual e moralmente para dirigir o desenvolvimento de suas faculdades no sentido que deseja, e lhes priva do contato da natureza para modelar-lhes à sua maneira. Eis aqui a explicação do que deixo indicado: o cuidado que os governos tiveram em dirigir a educação dos povos e o fracasso das esperanças dos homens da liberdade. Educar equivale atualmente a domar, adestrar, domesticar. Não creio que os sistemas empregados tenham sido combinados com exato conhecimento da causa para obter os resultados desejados, pois isso suporia um gênio; mas as coisas acontecem exatamente como se essa educação respondesse a uma vasta concepção de conjunto realmente notável: não poderia ter feito melhor. Para realizá-la, se inspiraram simplesmente nos princípios de disciplina e de autoridade que guiam os organizadores sociais de todos os tempos, que não têm mais que uma ideia muito clara e uma vontade, a saber: que as crianças se habituem a obedecer, a crer e pensar segundo os dogmas sociais que nos regem. Com isto assentado, a instrução não pode ser nada além do que é hoje. Não se trata de secundar o desenvolvimento espontâneo das faculdades da criança, de deixá-la buscar livremente a satisfação de suas necessidades físicas, intelectuais e morais; trata-se de impor pensamentos feitos; de impedir-lhe para sempre de pensar de outra maneira além da necessária para a conservação das instituições desta sociedade; de fazer dela, em suma, um indivíduo estritamente adaptado ao mecanismo social.

Não é de se estranhar, pois, que semelhante educação não tenha influência alguma sobre a emancipação humana. Repito, esta instrução não é nada além do que um instrumento de dominação na mão dos diretores, que jamais quiseram a elevação do indivíduo, mas sua servidão, e é perfeitamente inútil esperar algo proveitoso da escola hoje em dia. E o que se produziu até hoje continuará sendo produzido no futuro; não há nenhuma razão para que os governos mudem de sistema; conseguiram se servir da educação em seu proveito, assim seguirão aproveitando-se também de todas as melhorias que forem apresentadas. Basta que conservem o espírito da escola, a disciplina autoritária que nela reina, para que todas as inovações lhes beneficiem. Para que seja assim, vigiarão constantemente; tenha certeza disso.

Desejo fixar a atenção daqueles que me leem sobre esta ideia: todo o valor da educação reside no respeito à vontade física, intelectual e moral da criança. Assim como na ciência não há demonstração possível que não seja a pelos fatos, também não existe educação verdadeira além da que está isenta de todo dogmatismo, que deixa para a própria criança a direção de seu esforço e que não se propõe a nada além de secundar em sua manifestação. Mas não há nada mais fácil que alterar este significado, e nada mais difícil que respeitá-lo. O educador impõe, obriga, violenta sempre; o verdadeiro educador é aquele que, contra suas próprias ideias e suas vontades, pode defender a criança, apelando em maior grau às energias próprias da

própria criança.

Por esta consideração pode-se julgar com que facilidade a educação é modelada e quão fácil é a tarefa daqueles que querem dominar o indivíduo. Os melhores métodos que podem ser revelados são convertidos em suas mãos em outros tantos instrumentos mais poderosos e perfeitos de dominação. Nosso ideal é o da ciência e a ele recorreremos em demanda do poder de educar a criança, favorecendo seu desenvolvimento pela satisfação de todas as suas necessidades à medida que forem manifestadas e desenvolvidas.

Estamos persuadidos de que a educação do futuro será uma educação absolutamente espontânea; é claro que não nos é possível realizá-la ainda, mas a evolução dos métodos no sentido de uma compreensão mais ampla dos fenômenos da vida, e o fato de que todo aperfeiçoamento significa a supressão de uma violência, tudo isso nos indica que estamos em terreno verdadeiro quando esperamos da ciência a libertação da criança. É este o ideal daqueles que detêm a atual organização escolar, é o que se propõem a realizar, aspiram também a suprimir as violências? Não, apenas empregarão os meios novos e mais eficazes para o mesmo fim que no presente; ou seja, para a formação de seres que aceitem todos os convencionalismos, todas as mentiras sobre as quais a sociedade está fundada.

Não tememos dizê-lo: queremos homens capazes de evoluir incessantemente; capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e de renovar a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que não se sujeitem a mais nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, felizes pelo triunfo das ideias novas e que aspirem a viver vidas múltiplas em uma única vida. A sociedade teme tais homens: não pode, então, se esperar que algum dia queira uma educação capaz de produzi-los.

Qual é, então, a nossa missão? Qual é, então, o meio que devemos escolher para contribuir com a renovação da escola?

Seguiremos atentamente os trabalhos dos sábios que estudam a criança, e nos apressaremos a buscar os meios de aplicar suas experiências à educação que queremos fundar, no sentido de uma libertação mais completa do indivíduo. Mas como conseguiremos nosso objetivo? Pondo diretamente as mãos à obra, favorecendo a fundação de escolas novas onde, na medida do possível, seja estabelecido este espírito de liberdade que pressentimos que irá dominar toda a obra da educação do futuro.

Já foi feita uma demonstração que pelo momento pode dar excelentes resultados. Podemos destruir tudo na escola atual que responda à organização da violência, os meios artificiais onde as crianças se encontram afastadas da natureza e da vida, a disciplina intelectual e moral de que se servem para lhes impor pensamentos feitos, crenças que depravam e aniquilam as vontades. Sem medo de nos enganarmos, podemos pôr a criança no meio que solicita, o meio natural onde se encontrará em contato com tudo o que ama e onde as impressões vitais substituirão as fastidiosas lições de palavras. Se não fizéssemos mais que isto, teríamos preparado em grande parte a emancipação da criança. Em tais meios poderíamos aplicar livremente os dados da ciência e trabalhar com fruto.

Sei bem que não poderíamos realizar assim todas as nossas esperanças; que frequentemente nos veríamos obrigados, por falta de conhecimento, a empregar meios

reprováveis; mas uma certeza nos sustentaria em nosso empenho, a saber: que sem alcançar ainda completamente o nosso objetivo, faríamos mais e melhor, apesar da imperfeição de nossa obra, que o que a escola atual realiza. Prefiro a espontaneidade livre de uma criança que não sabe nada à instrução de palavras e à deformação intelectual de uma criança que sofreu a educação que é oferecida atualmente.

O que tentamos em Barcelona outros já tentaram em diversos pontos, e todos vimos que a obra era possível. Penso, então, que é preciso se dedicar a ela imediatamente. Não queremos esperar que o estudo da criança termine para empreender a renovação da escola; esperando, nada jamais será feito. Aplicaremos o que sabemos e sucessivamente o que vamos aprendendo. Um plano conjunto de educação racional já é possível, e em escolas tais como as concebemos as crianças podem se desenvolver livres e felizes, segundo suas aspirações. Trabalhemos para aperfeiçoá-lo e estendê-lo.

Tais são os nossos projetos: não ignoramos a dificuldade de sua realização; mas queremos começá-la, persuadidos de que seremos ajudados em nossa tarefa por aqueles que lutam em todas as partes para emancipar os seres humanos dos dogmas e dos convencionalismos que asseguram a prolongação da iníqua organização social atual.

X. NEM PRÊMIO NEM CASTIGO

O ensino racional é antes de tudo um método de defesa contra o erro e a ignorância. Ignorar verdades e crer em absurdos é o predominante em nossa sociedade, e a isso se deve a diferença de classes e o antagonismo dos interesses com sua persistência e sua continuidade.

Admitida e praticada a coeducação de meninos e meninas e ricos e pobres, ou seja, partindo da solidariedade e da igualdade, não criaríamos uma desigualdade nova, e, portanto, na Escola Moderna não havia prêmios, nem castigos, nem provas em que houvessem alunos ensoberbecidos com a nota *dez*, medianias que se conformassem com a vulgaríssima nota de *aprovados* nem infelizes que sofressem o opróbrio de se verem depreciados como incapazes.

Essas diferenças sustentadas e praticadas nas escolas oficiais, religiosas e industriais existentes, em concordância com o meio ambiente e essencialmente estacionárias, não podiam ser admitidas na Escola Moderna, pelas razões expostas anteriormente.

Não tendo como objetivo um ensino determinado, não podia ser decretada a aptidão nem a incapacidade de ninguém. Quando se ensina uma ciência, uma arte, uma indústria, uma especialidade; qualquer um que necessite de condições especiais, dado que os indivíduos podem sentir uma vocação ou ter, por causas diversas, tais ou quais aptidões, a prova poderá ser útil, e talvez um diploma acadêmico aprobatório assim como uma triste nota negativa podem ter sua razão de ser, não o discuto; nem o nego nem o afirmo. Mas na Escola Moderna não havia tal especialidade; ali nem sequer se antecipavam aqueles ensinos de conveniência mais urgente encaminhados a se colocar em comunhão intelectual com o mundo; o culminante daquela escola, o que a

distinguia de todas, mesmo das que pretendiam se passar como modelos progressivos, era que nela eram desenvolvidas amplissimamente as faculdades da infância sem sujeição a nenhum padrão dogmático, nem mesmo aquele que pudesse ser considerado como resumo da convicção de seu fundador e de seus professores, e cada aluno saía dali para entrar na atividade social com a aptidão necessária para ser seu próprio mestre e guia em todo o curso de sua vida.

É claro que por incapacidade racional de outorgar prêmios, era criada a impossibilidade de impor castigos, e naquela escola ninguém teria pensado em práticas tão nocivas se não tivesse vindo a solicitação do exterior. Ali vinham pais que professavam este antigo aforismo: a letra com sangue entra, e me pediam para seu filho um regime de crueldade; outros, entusiasmados com a precocidade de sua prole, desejaria, à custa de rogações e dádivas, que seu filho pudesse brilhar em uma prova e ostentar pomposamente títulos e medalhas; mas naquela escola não se premiou nem se castigou os alunos, nem se satisfez a preocupação dos pais. Àquele que sobressaía por bondade, por aplicação, por indolência ou por desordem, se fazia observar a concordância ou discordância que poderia haver com o bem ou com o mal próprio ou coletivo, e serviam de assunto para uma dissertação a propósito do professor correspondente, sem mais consequências; e os pais foram se conformando, pouco a pouco, com o sistema, tendo de sofrer não poucas vezes que seus filhos os despojassem de seus erros e preocupações. Não obstante, a rotina surgia a cada ponto com pesada impertinência, vendo-me obrigado a repetir meus raciocínios, sobretudo com os pais dos novos alunos que se apresentavam, motivo pelo qual publiquei no *Boletim* o seguinte texto:

POR QUE A *ESCOLA MODERNA* NÃO REALIZA PROVAS

As provas clássicas, aquelas a que estamos habituados a ver no fim do ano escolar e que nossos pais tinham em grande predicamento, não geram resultado algum, e se geram é no âmbito do mal.

Estes atos, que se vestem de solenidades ridículas, parecem ser instituídos para satisfazer o amor próprio doentio dos pais, a supina vaidade e o interesse egoísta de muitos professores e para causar sendas torturas às crianças antes da prova, e, depois, as doenças conseguintes mais ou menos prematuras.

Todo pai deseja que seu filho se apresente em público como um dos alunos nota dez do colégio, demonstrando ser um sábio em miniatura. Não lhe importa que para isso seu filho, a cada quinze dias ou um mês, seja vítima de tormentos requintados. Como julga pelo exterior, considera que os tormentos citados não são como tal, porque não deixam como sinal o menor arranhão nem a mais insignificante cicatriz na pele...

A inconsciência em que se vive em relação à natureza da criança e ao iníquo de colocá-la em condições forçadas para que tire forças intelectuais de sua fraqueza psicológica, sobretudo na esfera da memória, impede os pais de verem que um pouco de satisfação de amor próprio pode ser a causa, como aconteceu várias vezes, de doença, de morte moral e material de seus filhos.

Os professores em sua maioria, por outro lado, estereotipadores de frases prontas, inoculadores mecânicos, mais que *pais morais* do educando, o que mais lhes interessa nas provas é sua própria personalidade e seu estado econômico; seu objetivo é fazer os pais e os demais concorrentes da prova verem que o aluno, sob sua égide, sabe muitíssimo, que seus conhecimentos em extensão e caridade excedem o que se podia esperar de seus poucos anos e no pouco tempo em que esteve no colégio de tão meritíssimo professor.

Além dessa miserável vaidade, satisfeita à custa da vida moral e física do aluno, estes professores determinados se esforçam em arrancar parabéns do comum, dos pais e demais concorrentes ignorantes do que acontece na realidade das coisas, como uma propaganda eficacíssima que lhes garanta o crédito e o prestígio da *Loja Escolar*.

Naturalmente, somos adversários incansáveis das provas citadas. No colégio, tudo tem que ser efetuado em benefício do estudante. Todo ato que não seja feito com este fim deve ser rejeitado como antitético à natureza de um ensino positivo. Das provas não se tira nada de bom; pelo contrário, o aluno recebe embriões de muito mal. Além das doenças físicas mencionadas, sobretudo as do sistema nervoso e o acaso de uma morte prematura, os elementos morais que este ato imoral qualificado de prova inicia na consciência da criança são: a vaidade enlouquecedora dos altamente premiados; a inveja roedora e a humilhação, obstáculo de iniciativas saudáveis, aos que falharam; e em uns e outros, e em todos, os alvores da maioria dos sentimentos que formam os matizes do egoísmo.

Eis aqui nosso pensamento raciocinado por uma escritora profissional no seguinte artigo tomado do *Boletim*:

PROVAS E CONCURSOS

Ao finalizar o ano escolar temos ouvido, como nos anos anteriores, falarem de concursos, de provas, de prêmios. Voltamos a ver o desfile de crianças carregadas de diplomas e de livros vermelhos adornados de folhagens verdes e douradas; revimos a multidão de mamães angustiadas pela incerteza, e de crianças aterrorizadas pelos temíveis provações do teste, onde devem comparecer perante um tribunal inflexível para sofrer um tremendo interrogatório, circunstâncias que dão ao ato certa analogia destoada com os que são celebrados diariamente na Audiência territorial. Esse é o símbolo de todo o sistema atual de ensino.

Porque não se interrompe o nosso trabalho somente para lhe sancionar por marcas e classificações em uma época do ano, nem em uma idade da vida, mas durante todos os nossos anos de estudo e para muitas profissões durante toda a vida.

A coisa começa quando cumprimos cinco ou seis anos, quando nos ensinam a ler, e, em tão tenra idade, nos obrigam a nos preocuparmos, não tanto com as *estórias* que esse novo exercício nos permite conhecer, nem com o desenho mais ou menos interessante das letras, mas com o prêmio da leitura que temos que disputar; e o pior é que nos fazem enrubescer de vergonha se ficamos para trás, ou nos inflam de vaidade se vencemos os outros, se atraímos a inveja e a inimizade de nossos companheiros.

Enquanto estudávamos gramática, cálculo, ciência e latim, os professores e

nossos pais não descansavam, como se impulsionados por um acordo tácito, procurando nos persuadir de que estávamos rodeados de rivais a combater, de superiores a admirar ou de inferiores a desprezar. “Com que objetivo trabalhamos?”, nos ocorria perguntar alguma vez, e nos contestavam que já obteríamos o benefício de nossos esforços ou suportaríamos as consequências de nossa lerdeza; e todos os estímulos e todos os atos nos inspiravam a convicção de que se alcançássemos o primeiro lugar, se conseguíssemos ser mais que os outros, nossos pais, parentes e amigos, o próprio professor, nos dariam distintos indícios de preferência. Como consequência lógica, nossos esforços eram dirigidos exclusivamente ao prêmio, ao êxito. Desse modo não se desenvolvia em nós nenhuma moral além da vaidade e do egoísmo.

A gravidade do mal aumenta consideravelmente na época em que se entra na vida. O bacharelado é pouco perigoso, mas abre a porta ao grande número de carreiras nas quais os concorrentes disputam cruelmente pelo direito à existência. Até então o jovem não compreende que trabalha para si, que precisa assegurar por si mesmo o seu futuro, e se convencerá cada vez mais de que para isso precisa *vencer* os outros, ser mais forte ou mais esperto. Toda a vida social se ressente de semelhante concepção.

Encontramos na sociedade homens de todas as condições e de diferentes idades que não teriam dado um passo nem feito o menor esforço se não tivessem a convicção íntima de que todos os seus méritos seriam contados e pagos inteiramente algum dia. Os homens do governo o sabem perfeitamente, já que obtêm tanto dos cidadãos pelas recompensas, avanços, distinções e condecorações que outorgam. Esse é um resquício vivaz do cristianismo. O dogma da glória eterna inspirou a Legião da Honra. A cada passo encontramos na vida prêmios, concursos, provas e oposição; há algo mais triste, mais feio ou mais falso? Há algo mais anormal que o trabalho de preparação dos programas: o excesso de trabalho moral e físico que tem como efeito deformar as inteligências, desenvolvendo até o excesso certas faculdades em detrimento de outras que permanecem atrofiadas? A menor censura que se possa dirigir-lhes consiste em que são uma perda de tempo, e frequentemente chega até a romper as vidas, até proibir qualquer outra preocupação pessoal, familiar ou social. Os candidatos sérios não devem aceitar as distrações artísticas, nem pensar no amor, nem se interessar pela coisa pública, sob pena de fracassar. E o que diremos das próprias provas dos concursos que não seja universalmente conhecido? Não falarei das injustiças intencionais, ainda que se possa citar exemplos delas; basta que a injustiça seja essencial à base do sistema. Uma nota ou uma classificação dada em determinadas condições seria diferente se certas condições mudassem; por exemplo, se o jurado fosse outro, se o ânimo do juiz, por qualquer circunstância, tivesse variado. Neste assunto, a casualidade reina como senhora absoluta, e a casualidade é cega.

Supondo que se reconhece a certos homens por razão de sua idade e de seus trabalhos o direito muito contestável de julgar o valor de outros homens, de medir-lhe e sobretudo de comparar entre si os valores individuais, estes juízes precisariam ainda estabelecer seu veredito sobre bases sólidas. Em lugar disto, os elementos de apreciação são reduzidos ao mínimo: um trabalho de algumas horas, uma conversa de alguns minutos, e isto basta para declarar se um homem é mais capaz do que outro de desempenhar tal função, de se dedicar a tal estudo, ou a tal trabalho.

Repousando sobre a casualidade e a arbitrariedade, os concursos e os ditames

que deles resultam gozam de um prestígio e de uma autoridade universais, que se impõem não só aos indivíduos mas também aos seus esforços e seus trabalhos. A própria ciência se encontra diplomada: há uma ciência escolhida ao redor da qual não há nada além de mediocridade; unicamente a ciência marcada e garantida assegura ao homem que a possui o direito de viver.

Denunciamos com complacência os vícios deste sistema, porque nele vemos uma herança do passado tirânico. Sempre a mesma centralização, o mesmo investimento oficial.

Sejamos permitidos a idealizar, sem sermos tachados de utopistas, uma sociedade em que todos aqueles que quiserem trabalhar possam fazê-lo, em que a hierarquia não exista, na qual se trabalhe pelo trabalho e por seus frutos legítimos.

Comecemos introduzindo estes costumes tão saudáveis a partir da escola; que os pedagogos se dediquem a inspirar o amor ao trabalho sem sanções arbitrárias, já que há sanções naturais e inevitáveis as quais bastará colocar em evidência. Sobretudo evitemos dar às crianças a noção de comparação e de medida entre os indivíduos, porque para que os homens compreendam e apreciem a diversidade infinita que há entre os caráteres e as inteligências é necessário evitar aos escolares a concepção imutável de bom aluno à qual cada um deve tender, mas da qual se aproxima mais ou menos com maior ou menor mérito.

Suprimamos nas escolas, então, as classificações, as provas, as distribuições de prêmios e as recompensas de todo tipo. Este será o princípio prático.

Emilia Boivin

No número 6, no quinto ano, do *Boletim*, achei necessário publicar o seguinte:

CHEGA DE CASTIGOS

Recebemos frequentes comunicações de centros operários instrutivos e fraternidades republicanas queixando-se de alguns professores, que castigam as crianças em suas escolas.

Nós mesmos tivemos o desgosto de presenciar, em nossas curtas e escassas excursões, provas materiais do fato que motiva a queixa, vendo crianças de joelhos ou outras atitudes forçadas de castigo.

Essas práticas irracionais e atávicas têm de desaparecer; a pedagogia moderna as rejeita em absoluto.

Os professores que se oferecem à Escola Moderna e solicitam sua recomendação para exercer a profissão nas escolas similares devem renunciar todo castigo material e moral, sob pena de serem desqualificados para sempre. A severidade resmungona, a impaciência, a ira às vezes beiram a crueldade e devem desaparecer com os professores antiquados. Nas escolas livres tudo deve ser paz, alegria e confraternidade.

Acreditamos que este aviso bastará para banir tais práticas em seguida, impróprias de pessoas que devem ter como único ideal a formação de uma geração apta a estabelecer uma sociedade verdadeiramente fraternal, solidária e justa.

XI. LAICISMO E BIBLIOTECA

Tratando-se de instituir uma escola racional para preparar dignamente o ingresso da infância na livre solidariedade humana, o problema imediato ao da determinação de seu programa era o de sua biblioteca.

Toda a bagagem instrutiva da antiga pedagogia era uma mescla incoerente de ciência e fé, de razão e absurdo, de bem e mal, de experiência humana e de revelação divina, de verdade e erro; em uma palavra, inadaptável em absoluto à nova necessidade criada pelo intento da instituição da nova escola.

Se a escola havia estado durante todo o tempo, desde a mais remota antiguidade, submetida não ao ensino em seu amplo sentido de comunicar à geração nascente a soma do saber das gerações anteriores, mas ao ensino em acordo com a autoridade e a conveniência das classes dominantes, e portanto destinado a fazer obedientes e submissos, é evidente que nada escrito para tal fim poderia ser utilizado.

Mas a severidade lógica de tal afirmação não pôde me convencer por enquanto. Resistia a crer que a democracia francesa, que trabalhava tão ativamente pela separação da Igreja e do Estado, que de tal modo havia provocado as iras clericais e que havia adotado o ensino obrigatório e laico, incorria no absurdo do semiensino ou do ensino sofisticado; mas tive que me render à evidência contra qualquer resto de preocupação, primeiro pela leitura de grande parte das obras inscritas no catálogo do laicismo francês, em que Deus era substituído pelo Estado, a virtude cristã pelo dever cívico, a religião pelo patriotismo e a submissão e a obediência ao rei, ao autócrata e ao clero pelo acatamento ao funcionário, ao proprietário e ao patrão; depois pela consulta que fiz a um notável livre-pensador que desempenhava um elevado cargo no ministério francês de instrução pública que, exposto meu desejo de conhecer os livros destinados ao ensino e depurados de qualquer erro convencional, após uma completa exposição de meu pensamento e de meus propósitos, me declarou com franqueza e com sentimento que não havia sequer um; todos, com um artifício mais ou menos hábil e insidioso, deslizavam o erro que é o cimento necessário da desigualdade social. Perguntando ainda ao mesmo sujeito se, já que o ídolo divino estava em plena decadência oficial por ter sido substituído com o ídolo da denominação oligárquica, havia algum livro destinado ao ensino da origem da religião, me contestou que não havia nenhum livro pedagógico destinado a tal objetivo, mas depois de evocar suas lembranças, me disse que conhecia um que me serviria, *Science et Religion*, de Malvert, que me proporcionou a satisfação de lhe comunicar que já tinha sido traduzido para o espanhol, destinado a livro de leitura da Escola Moderna, com o título de *Origen del Cristianismo*.

Entre a literatura pedagógica espanhola vi alguns pequenos tratados de um ilustre escritor, versado em ciências, que havia recorrido a escrever mais para o negócio dos editores que para a educação e ilustração das crianças. Alguns daqueles livretos foram utilizados a princípio na Escola Moderna, mas, sem poder rejeitá-los como errôneos, padeciam da falta de inspiração no ideal emancipador da razão e do método conseguinte. Busquei o autor citado com o propósito de lhe interessar em meu propósito e de lhe encarregar de escrever para a nova biblioteca, mas um editor o tinha sujeitado a um contrato e não pôde me comprazer.

Em resumo, a Escola Moderna foi inaugurada antes que a biblioteca criada tivesse produzido sua primeira obra, mas esta, que foi publicada pouco depois, foi uma criação brilhante que exerceu grande influência sobre a instituição recente; se trata de *As Aventuras de Nono*, por Jean Grave, espécie de poema em que se compara com graciosa ingenuidade e verdade dramática uma fase das delícias futuras com a triste realidade da sociedade presente, as doçuras do país de Autonomia com os horrores do reino Argirocracia. O gênio de Grave elevou sua obra até onde não pudessem chegar as censuras dos céticos antifuturistas, assim como apresentou os males sociais com toda a verdade e sem o menor exagero. Sua leitura encantava as crianças, e a profundidade de seus pensamentos sugeria aos professores múltiplos e oportuníssimos comentários. As crianças reproduziam as cenas de Autonomia em seus recreios, e os adultos, em seus afãs e sofrimentos, viam sua causa refletida na constituição daquela Argirocracia onde Monádio imperava.

No *Boletim da Escola Moderna* e em diversos periódicos políticos foram anunciados concursos para a adoção e publicação de livros para o ensino racional, mas os escritores recuaram, me limitando aqui a consignar o fato sem me aventurar a julgá-lo nem a inquirir sua causa.

Editei dois livros a seguir, dedicados à leitura escolar. Não foram escritos para as escolas, mas dediquei sua tradução à Moderna, também com êxito brilhante: um, o *Caderno Manuscrito*, o outro, *Patriotismo e Colonização*, ambos coleções de pensamentos de escritores de todos os países apresentando as injustiças do patriotismo, os horrores da guerra e as iniquidades da conquista. Comprova o acerto da eleição de tais obras a influência benéfica exercida sobre a inteligência das crianças, manifestada na compilação de pensamentos infantis publicados no *Boletim*, e a aversão com que foram denunciados pela imprensa reacionária e por caranguejos do Parlamento.

Muitos consideraram que entre o ensino laico e o racionalista não há diferença apreciável e muitos artigos e discursos de propaganda falaram destes ensinos como perfeitamente análogos. Para esclarecer este erro publiquei no *Boletim* o seguinte artigo:

O ENSINO LAICO

A ideia *ensino* não deveria ser seguida de nenhum adjetivo; responde unicamente à necessidade e ao dever que a geração que vive em plenitude de suas faculdades sente de preparar a geração nascente, entregando-lhe o patrimônio da sabedoria humana.

Encontrando-nos ainda no caminho deste ideal, nos vemos frente a frente ao ensino religioso e ao ensino político, e a estes é necessário opor o racional e científico.

Como tipo de ensino religioso existe o que se dá nas congregações monásticas de todos os países, consistindo na menor quantidade possível de conhecimentos úteis e carregada de doutrina cristã e história sagrada.

Como ensino político, há o estabelecido na França pouco depois da queda do Império, encaminhado a exaltar o patriotismo e a apresentar a administração pública

atual como instrumento de bom governo.

Se aplica ao ensino em determinadas circunstâncias o adjetivo de *livre* ou *laico* de uma maneira abusiva e apaixonada, a fim de extraviar a opinião pública; assim, os religiosos chamam de *escolas livres* as que podem fundar contrariando a tendência verdadeiramente livre do ensino moderno, e se denomina de *escolas laicas* muitas que não são nada além de políticas ou essencialmente patrióticas e anti-humanitárias. O ensino racional se eleva dignamente sobre estes propósitos tão mesquinhos.

Em primeiro lugar, não deve se parecer com o ensino religioso, porque a ciência demonstrou que a criação é uma lenda e que os deuses são mitos, e por consequência abusa da ignorância dos pais e da credulidade das crianças, perpetuando a crença em um ser sobrenatural, criador do mundo, e ao qual pode-se acudir com rogações e orações para alcançar quaisquer tipos de favores.

Esse engano, infelizmente ainda tão generalizado, é a causa de graves males, cujos efeitos ainda se prolongam em relação à existência da causa.

A missão do ensino consiste em demonstrar à infância, em virtude de um método puramente científico, que quanto mais se conhecer os produtos da natureza, suas qualidades e a maneira de utilizá-los, mais abundarão os produtos alimentícios, industriais, científicos e artísticos úteis, convenientes e necessários para a vida, e com maior felicidade e profusão sairão de nossas escolas homens e mulheres dispostos a cultivar todos os ramos do saber e da atividade, guiados pela razão e inspirados pela ciência e pela arte, que embelezarão a vida e justificarão a sociedade.

Não percamos tempo, então, pedindo a um deus imaginário o que unicamente o trabalho humano pode nos fornecer.

Nosso ensino não deve parecer tampouco com o político, porque devendo formar indivíduos em perfeita posse de todas as suas faculdades, esta lhe submete a outros homens, e assim como as religiões, exaltando um poder divino, criaram um poder positivamente abusivo e dificultaram a emancipação humana, os sistemas políticos a retardam acostumando os homens a esperarem tudo das vontades alheias, de energias de suposta ordem superior, daqueles que por tradição ou por indústria exercem a profissão de governantes.

Demonstrar às crianças que enquanto um homem depender de outro homem serão cometidos abusos e haverá tirania e escravidão, estudar as causas que mantêm a ignorância popular, conhecer a origem de todas as práticas rotineiras que dão vida ao atual regime insolidário, fixar a reflexão dos alunos sobre tudo que à vista nos é apresentado, tal deve ser o programa de nossas escolas racionalistas.

Não percamos tempo, então, pedindo a outros o que corresponde a nós e nós mesmos podemos obter.

Trata-se, em suma, de inculcar aos cérebros infantis a ideia de que quando forem maiores obterão mais bem-estar na vida social quanto mais se instruírem, quanto maiores forem os esforços que eles mesmos fizerem para procurá-lo; e que mais perto estará o dia da felicidade geral quanto mais rápido tiverem se desprendido de todas as superstições religiosas e similares que até agora foram a causa de nosso mal-estar moral e material.

Por esta razão, suprimimos em nossas escolas qualquer partição de prêmios, de

presentes, de esmolas, qualquer porte de medalhas, triângulos e cinturões por serem imitações religiosas e patrióticas, próprias unicamente para manter a fé em talismãs e não no esforço individual e coletivo dos seres conscientes de seu valor e de seu conhecimento.

O ensino racional e científico deve persuadir os futuros homens e mulheres de que não devem esperar nada de nenhum ser privilegiado (fictício ou real); e que podem esperar tudo o que for racional de si mesmos e da solidariedade livremente organizada e aceita.

A fim de dar a necessária extensão à biblioteca da Escola Moderna, publiquei no *Boletim* e na imprensa local os seguintes anúncios:

AOS INTELECTUAIS

A Escola Moderna faz um chamado veemente a todos os escritores que amam a ciência e se interessam pelo futuro da humanidade, para que proponham obras de textos dirigidos à emancipação do espírito de todos os erros de nossos passados e encaminhem a juventude em direção ao conhecimento da verdade e da prática da justiça, livrando o mundo de dogmas autoritários, sofismas vergonhosos e convencionalismos ridículos, como os que infelizmente formam o mecanismo da sociedade atual.

CONCURSO DE ARITMÉTICA

Considerando que da maneira como o estudo da aritmética foi compreendido até o presente, ele é um dos mais poderosos meios de inculcar nas crianças as falsas ideias do sistema capitalista, que tão pesadamente gravita sobre a sociedade atual; que por ele os alunos são incitados a atribuir ao dinheiro um valor que ele não deve ter, a Escola Moderna abre um Concurso para a renovação do estudo da aritmética e convida para que concorram a ele os amigos do ensino racional e científico que se ocupam especialmente de matemáticas para a

AOS SENHORES PROFESSORES

A todos que se dedicam ao ensino com o nobre propósito de educar racionalmente as novas gerações e de iniciá-las na prática de seus deveres, para estimulá-las para que não abdiquem jamais do gozo de seus direitos, pedimos que fixem sua atenção nos anúncios do *Compêndio de História Universal*, por Clemencia Jacquinet, e *As Aventuras de Nono*, por Jean Grave, inseridos na capa.

As obras que a Escola Moderna edita e as que se propõe a seguir editando são destinadas a instituições livres, de ensino racionalista, círculos de estudos sociais e pais de família, inimigos da limitação intelectual que o dogma em suas diversas manifestações religiosas, políticas e sociais impõe para que o privilégio continue preponderante e vitorioso às custas da ignorância dos deserdados.

Todos os inimigos do jesuitismo e das mentiras convencionais, assim como dos erros transmitidos pela tradição e pela rotina, encontrarão em nossas publicações a verdade sancionada pela evidência. Como não inspiramos nossos propósitos na ideia de lucro, as condições de venda apenas representam o valor

composição de uma compilação de problemas fáceis, verdadeiramente práticos e nos quais não se trate de dinheiro, de poupança nem de ganância. Os exercícios deverão versar sobre produção agrícola e manufatureira, a boa repartição das matérias primas e dos objetos fabricados, os meios de comunicação e de transporte das mercadorias, o trabalho humano comparado com o mecânico e vantagens das máquinas, os trabalhos públicos etc., etc. Em uma palavra, a Escola Moderna deseja um conjunto de problemas pelos quais a aritmética resulte no que deve ser na realidade: a ciência da economia social, tomando a palavra *economia* em seu sentido etimológico de *boa distribuição*.

Os exercícios serão desenvolvidos sobre as quatro operações fundamentais (números inteiros, decimais e fracionários), o sistema métrico, as proporções, misturas e ligas, os quadrados e cubos dos números e a extração de raízes quadradas e cúbicas.

Considerando que as pessoas que responderem a este chamado devem se inspirar mais no sentimento altruísta de educar e ensinar bem a infância que em uma ideia de benefício individual, e desejando se separem da rotina geralmente seguida nestes casos, não nomearemos jurado classificador nem prometeremos prêmios. A Escola Moderna editará a Aritmética que melhor responder ao seu objetivo e se entenderá amistosamente com o autor para a recompensa. intrínseco ou o custo material, e se algum lucro resultasse a longo prazo sempre ficaria em benefício das publicações sucessivas.

No número 6 do segundo ano do *Boletim* publiquei o seguinte artigo e a resposta de Reclus a uma demanda que lhe fiz, que me comprazo em inserir em seguida pela elevação com que trata um assunto interessantíssimo relacionado intimamente com meu conceito do ensino racionalista:

O ENSINO DA GEOGRAFIA

Toda a história da ciência moderna, comparada com a escolástica da Idade Média, pode ser resumida em uma palavra: volta à natureza. Para aprender, tratemos antes de compreender. Em vez raciocinar sobre o inconcebível, comecemos por ver, por observar e estudar o que se encontra à nossa vista, ao alcance de nossos sentidos e de nossa experimentação.

Sobretudo em geografia, ou seja, precisamente no estudo da natureza terrestre, convém proceder pela visão, pela observação direta desta Terra que nos fez nascer e que nos dá o pão que nos alimenta; mas o ensino da geografia, como vem sendo continuado ainda em nossas escolas, leva a marca de tempos escolásticos: o professor pede ao aluno um ato de fé, pronunciado ainda em termos cujo sentido não domina; recita de cor os nomes dos cinco rios da França, de três cabos, de dois golfos e de um estreito, sem referir estes nomes a nenhuma realidade precisa. Como poderia fazê-lo, se o professor jamais lhe apresenta nenhuma das coisas que fala e que se encontram, não obstante, na mesma rua, na frente da porta da escola, nos riachos e nas poças d'água que as chuvas formam?

Voltemos à natureza!

Se tivesse a felicidade de ser professor de geografia para crianças, sem me ver encerrado em um estabelecimento oficial ou particular, começaria pondo livros e mapas nas mãos de meus companheiros infantis; talvez nem pronunciaria perante eles a palavra grega *geografia*, mas lhes convidaria a grandes passeios comuns, feliz de aprender em sua companhia.

Sendo professor, mas professor sem título, cuidaria muito de proceder com o método nesses passeios e nas conversas levantadas pela visão dos objetos e das paisagens. É evidente que o primeiro estudo deve variar em seus detalhes segundo a comarca que se habitar; nossas palestras não teria o mesmo aspecto em um país plano que em outro montanhoso, nas regiões graníticas que nas calcárias, em uma praia ou na margem de um rio que em um páramo; na Bélgica não falaria o mesmo que nos Pirineus ou nos Alpes. Nossa linguagem em nenhuma parte seria absolutamente idêntica, porque em todas há traços particulares e individuais a assinalar, observações preciosas a reconhecer que nos serviriam de elementos de comparação em outros distritos.

Por mais monótono e pobre que fosse nosso ponto de residência, não faltaria a possibilidade de ver, se não montanhas ou colinas, ao menos algumas rochas que rasgaram a vestidura de terras depositadas mais recentemente; por todas as partes observaríamos certa diversidade de terrenos, areias, argilas, pântanos e turbas; provavelmente também arenitos e calcários; poderíamos seguir a margem de um riacho ou de um rio, ver uma corrente que se perde, um redemoinho que se desenvolve, um refluxo que revolve as águas, o jogo das rugas que se forma na areia, a marcha das erosões que despojam parte de uma ribeira e dos aluviões que se depositam sobre as baixadas. Se nossa comarca fosse tão pouco favorecida pela natureza que não tivesse um riacho em nossas imediações, pelo menos alguma vez haveria aguaceiros que nos forneceriam riachos temporários com seus leitos, escarpas, corredeiras, contenções,

comportas, circuitos, revoltas e confluentes; em fim, a variedade infinita de fenômenos hidrológicos.

E no céu? Nele poderíamos estudar a série infinita dos movimentos da Terra e dos Astros: a manhã, o meio-dia, o crepúsculo e a escuridão em que se descobrem as estrelas; as neves e as nuvens que substituem o céu azul, e, logo, os grandes e raros espetáculos da tempestade, o relâmpago, o arco íris e por acaso a aurora boreal. Todos esses movimentos celestes começariam a ser precisados em nosso entendimento por uma matemática inicial, já que todos os astros seguem um caminho traçado de antemão e que vemos passar sucessivamente pelo meridiano, dando-nos assim a ocasião de precisar os pontos cardeais e de reconhecer os diversos pontos do espaço.

A estes passeios ao redor de nossa residência habitual, as circunstâncias da vida poderiam acrescentar grandes excursões, verdadeiras viagens, dirigidas com um método, porque não se trata de correr ao acaso, como aqueles americanos que deram sua *volta ao Mundo Antigo*, e que costumam se tornar mais ignorantes à força de amontoar desordenadamente pessoas e lugares em seus cérebros, confundindo-se em todas as suas recordações: os bailes de Paris, a revista da guarda de Postdam, as visitas ao papa e ao sultão, a subida às pirâmides e a adoração ao Santo Sepulcro. Tais viagens são do mais funesto que se possa imaginar, porque matam a potência de admiração que deve crescer no indivíduo ao mesmo tempo que chega a apreciar toda beleza. Lembro a propósito da sensação de horror que experimentei ouvindo um jovem de alta classe, muito instruído, muito desdenhoso, e, tão tonto quanto sábio, dizer preguiçosamente a respeito do Mont-Blanc: *Ah, sim; é necessário que eu veja esta mentira!*

Para evitar semelhantes aberrações é importante proceder às excursões e às viagens com o mesmo cuidado com o método que o estudo comum para o ensino; mas é preciso evitar também todo pedantismo na direção das viagens, porque antes de tudo a criança deve encontrar neles sua alegria; o estudo deve se apresentar unicamente no momento psicológico, no instante preciso em que a visão e a descrição entrarem de cheio no cérebro para serem gravadas nele para sempre. Preparada deste modo, a criança se encontra já muito adiantada, ainda que não seja seguido do que se chama de um curso: o entendimento se encontra aberto e tem desejo de conhecimento.

****

Cedo ou tarde, sempre muito rápido, chega o tempo em que a prisão escolar encerra a criança entre suas quatro paredes; e digo *prisão*, porque o estabelecimento de educação quase sempre o é, já que a palavra escola perdeu há muito tempo seu significado grego de *recreio* ou de *festa*. Aparecem os livros e com eles a primeira lição oficial de geografia que o professor pronuncia ante seus alunos; chegou o momento de se submeter à rotina e de por nas mãos da criança um atlas selado pelo Conselho de Instrução Pública. Da minha parte, evitarei de lhe tocar; antes de tudo desejo ser perfeitamente lógico em minhas explicações: depois de dizer que a Terra é redonda, que é uma esfera que gira no espaço como o sol e a lua, não deveria apresentar sua imagem em forma de uma folha de papel quadrangular com figuras coloridas que representam a Europa, a Ásia, a África, a Austrália, as duas metades do Novo Mundo!

Como sair desta contradição flagrante? Deverei imitar os antigos magos pedindo que acreditem em mim sob a fé na minha palavra, ou me verei obrigado a tentar fazer com que as crianças compreendam que a esfera mudou em planisfério; ou seja, a ver se compreendo bem a associação destas duas palavras *esfera plana*; mas a explicação ficará forçosamente manca, porque só é possível por meio das altas matemáticas, não acessíveis ainda à criança. É preciso que o professor, no umbral de sua classe, não atente contra o perfeito companheirismo de inteligência que deve existir entre os alunos e ele para a compreensão das coisas.

Além disso, sei por experiência que esses mapas, de escalas e projeções desiguais, fariam tanto mal aos meus alunos quanto causariam a mim mesmo, e que sem dúvida foram causados ao leitor; porque ninguém consegue apagar completamente as impressões contraditórias que recebeu por diversos mapas, já que segundo as projeções que temos visto sucessivamente, as formas geográficas tomaram um aspecto flutuante e impreciso, e as proporções entre as diferentes comarcas não são apresentadas com limpeza para nossa consideração, porque as percebemos nos atlas de todos os tipos com múltiplas deformações, infladas ou enfraquecidas, estiradas, prolongadas ou truncadas em diversos sentidos e, por consequência, nossa força de pressão intelectual fica embotada; certos de antemão de não alcançar a precisão de visão, nem sequer tratamos de obtê-la.

Para evitar esta indiferença que impede a sinceridade e o ardor no estudo, é, então, necessário, indispensável, proceder à fixação das formas e dos pontos maiores da geografia pelo emprego de globos escolares, a respeito do qual o professor deve observar uma intransigência absoluta, sendo-lhe verdadeiramente impossível se servir de mapas sem trair a própria causa do ensino que lhe foi confiada.

Qual é o melhor globo como objeto escolar? Na minha concepção, uma simples bola sustentada sobre um aparato de madeira ao lado do professor, que a toma, a move e a confia a seus alunos. As linhas que traça nela devem ser simples: dois achatamentos indicam os polos; uma linha negra sobre o ventre marca o equador; depois, quando chega a hora de falar do vai-e-vem das estações, se acrescenta o traçado da elíptica de uma parte e de outra o equador; nada de meridianos nem paralelos de latitude; isso virá depois; basta indicar o ponto em que se encontra a escola, quer seja correspondente a Bruxelas ou a qualquer outra população da superfície da Terra; além disso, pode-se traçar de polo a polo sobre esse primeiro ponto do meridiano inicial. Tal deve ser o primeiro globo, que estará impregnado de verniz gorduroso em que se possa desenhar com giz e apagar, o que permitirá ao professor fazer suas demonstrações e marcar suas viagens teóricas sobre a redondez planetária.

Depois os alunos utilizarão outros globos com vantagem, sobretudo se eles mesmos os tiverem manejado e traçado com sua com sua própria mão os continentes, os mares e tudo que lhes foi ensinado na escola. Nisto consiste o verdadeiro método: ver, recriar, e não repetir mnemonicamente.

Não tem como duvidar: pela visão direta do globo, reprodução proporcional e exata da própria Terra, deve-se proceder à primeira educação geográfica da criança; mas este ensino será logo detido pela exiguidade do instrumento. Um globo à 40 milionésima, de um metro de circunferência, não deixa de ser uma máquina pesada, difícil de manejar, sobretudo por crianças, e a dificuldade cresce em proporção

geométrica com as dimensões do objeto, porque se o globo é construído à escala da 20 milionésima, com dois metros de circunferência, é necessário suspender-lhe do teto para mover-lhe com o dedo, segundo as necessidades do ensino. Por último, um instrumento esférico de maiores dimensões, sob a forma comum, se torna incômodo de tal maneira que não se sabe onde guardá-lo, acabando por ficar esquecido no depósito de trastes inúteis. Assim acabaram os grandes globos de Olearius e de Coronelli, que, por outro lado, careceriam de valor geográfico em nossos dias.

Mas se as esferas dessas dimensões consideráveis incomodam demais para serem colocadas nas salas de nossas escolas e de nossas bibliotecas e nos galpões de nossos institutos, não é por isso que se deve descuidar delas no ensino; pelo contrário, convém estabelecê-las como monumentos distintos, com sua arquitetura especial e original, constituindo um novo ramo da arte moderna, como parece que se começa a já ser compreendido, apesar dos resultados até agora obtidos não passarem do mediano. Os grandes globos construídos, especialmente o de 40 metros de circunferência (escala à milionésima) que foi visto na exposição de Paris de 1889, não tinham significado nenhum do ponto de vista da geografia precisa, e seu único mérito, do qual não era possível desdenhar, consistia em mostrar aos transeuntes admirados a enormidade dos mares, comparados com nossos pequenos territórios políticos, e o valor relativo em extensão das diversas comarcas. A obra do futuro imporá a cada grande cidade a construção de um globo de grandes dimensões, à milionésima, à 500.000ª, à 100.000ª, ou mais ainda; reproduzindo a verdadeira forma da crosta terrestre com seu relevo exato. Projetos detalhados destas construções futuras já foram apresentados ao público, e estamos em uma época em que sua execução pode começar com toda a segurança. Os astrônomos, antecipando-se aos geógrafos modernos, compreenderam a conveniência da construção do relevo lunar em grandes proporções.

É indubitável que estes momentos científicos serão imprescindíveis para o ensino do público adulto; mas aqui falamos das seções dedicadas aos alunos de nossas escolas, onde não cabem os globos de grande diâmetro. Não importa; se há dificuldade de exibir o globo, quem nos impede de mostrar fragmentos? Se um globo é grande demais, podem ser feitos cortes de todas as dimensões. Eis aqui um segmento à décima milionésima! Outro à quinta milionésima! Até à décima milésima, a Suíça de Person, parte de um globo de 400 metros de circunferência!

Já que foram encontrados os meios industriais, pode-se fazer em seguida discos de todas as escalas na proporção conveniente e, note-se bem, não se trata só de geografia, mas também de astronomia, e vocês, escrutadores do que se chama de *esfera celeste*, terão vantagens em usar discos globulares ocos, como nós tivemos usando os discos convexos. Os erros dos mapas planos são os mesmos para vocês que para nós; posso, então, com toda a confiança, contar com vocês para tomar parte no movimento pacificamente revolucionário que tentamos nas escolas.

Falamos de progresso, mas considerado de certo ponto de vista, nos encontramos em um período, se não de retrocesso, ao menos de mudanças desagradáveis, e temos de percorrer muito caminho para alcançar um período correspondente em grandeza ao das idades babilônicas. As lembranças mais longínquas da antiguidade nos apresentam a Caldeia, aquele país onde em cada população sobressaía uma *Torre de Estrelas*. Sobre as habitações baixas o observatório sempre se elevava; os formosos

jardins aéreos da lendária Semíramis poetizavam com sua vegetação frondosa e com o canto de seus pássaros a alta torre superior da qual os astrônomos interrogavam os espaços celestes. Não havia cidade completa se ela não possuía um desses templos da ciência consagrados ao estudo da Terra e do Céu.

Uma lenda amplamente conhecida afirma que os homens, unidos em um só povo e trabalhando no erguimento de um destes edifícios do saber, a torre de Babel, se encontraram repentinamente afetados pela ignorância mútua uns pelos outros, e não se compreendendo partiram cada um para seu lado e se converteram em estrangeiros e inimigos. Atualmente falamos de novo uma língua comum, a do estudo científico; nada nos impede de nos unirmos ainda mais estreitamente do que nunca; já chegamos ao tempo em que podemos renovar sem temor a construção iniciada. É de se esperar que em um futuro próximo cada população construirá sua nova *Torre de Estrelas* aonde os cidadãos compareçam para observar comodamente os fenômenos do céu e se instruir nas maravilhas da Terra, o planeta natal.

Élisée Reclus

Depois de ter lido o artigo anterior, escrevi ao Instituto Geográfico de Bruxelas pedindo-lhe que me recomendasse um livro-texto para o ensino da Geografia, cujo pedido foi respondido pelo insigne geógrafo Reclus com a seguinte carta:

Senhor Ferrer Guardia:

Querido amigo: Em meu conceito não há texto para o ensino da geografia nas escolas primárias. Não conheço um único que não esteja infectado pelo veneno religioso, pelo patriótico, ou pelo que é pior ainda, o da rotina administrativa.

Por outro lado, quando as crianças têm a felicidade, que certamente terão na Escola Moderna, de se encontrarem sob a direção de professores inteligentes e amantes de sua profissão, ganham em não ter livros. O ensino oral, sugestivo, dado por aquele que sabe àqueles que compreendem, é o melhor. Depois de ter recolhido a semente, dão a colheita pela redação de notas e a construção de mapas. Não obstante, pode-se admitir que, até para os professores, a literatura geográfica seja enriquecida com um manual que sirva de guia e de conselho para o ensino desta ciência.

Você quer que para isso me dirija a N., pessoa que me parece capaz de escrever esta obra perfeitamente no critério indicado?

Lhe saúda cordialmente seu amigo

Élisée Reclus

Bruxelas, 26 de fevereiro de 1903

No número 7 do *Boletim* publiquei o seguinte prefácio ao segundo livro de leitura intitulado:

A ORIGEM DO CRISTIANISMO

A antiga pedagogia, a que tinha por objetivo positivo, ainda que não declarado, ensinar ao povo a inutilidade do saber, a fim de que, acomodando-se às privações materiais na vida, ele sonhasse com compensações celestiais de felicidade imperecedora ou temesse castigos eternos, costumava rechear os livros de primeira leitura da infância com estorietas, anedotas, relatos de viagens, pedaços de literatura clássica etc.

Com essa mistura do bonito e do belo ia o erro; se preenchia um fim social iníquo, visto que a única coisa que arraigava na inteligência era a ideia mística, a que estabelece relações entre um poder sobrenatural e os homens por mediação de seus sacerdotes, base fundamental da existência de privilegiados e deserdados na sociedade, culpável de todas as injustiças que, segundo sua posição, os homens sofrem e praticam.

Entre os muitos livros do tipo indicado, todos afetados pelo mesmo mal, recordamos de um que insere um discurso acadêmico, maravilha de eloquência espanhola, destinado a exaltar a Bíblia, cuja síntese, entre galas insuperáveis de linguagem, é a bárbara sentença de Omar condenando ao fogo a Biblioteca de Alexandria: *no livro santo está a verdade única e absoluta; se todos estes livros são verdadeiros, estão sobrando; se não o são, merecem o fogo.*

A Escola Moderna, que aspira à formação de inteligências livres, responsáveis, aptas para viver no desenvolvimento total das faculdades humanas, fim exclusivo da vida, necessariamente deveria adotar uma composição diferente para o caso concreto da formação de seu livro de segundo leitura, de acordo com seu método de ensino, e para esse fim, ensinando verdades comprovadas, sem se desinteressar da luta travada entre a luz e as trevas, acreditou ser necessário apresentar um trabalho crítico que, com dados positivos e irrefutáveis, ilumine a inteligência do aluno, se não no período da infância, depois, já homem, quando ele intervir no mecanismo social e tropeçar nos erros, nos convencionalismos, na hipocrisia e nas infâmias que se ocultam por baixo do manto do misticismo.

Abona esta composição a circunstância importante de que nossos livros não são dirigidos exclusivamente à infância, mas servem também para as escolas de adultos que por todas as partes são criadas por iniciativa de uma multidão de sociedades operárias, livre-pensadoras, cooperativas, recreativas, círculos de estudos sociais e tantos grupos progressivos e ilustrados quanto existem e são formados, ansiosos de combater esse analfabetismo que sustenta a tradição e é naturalmente refratário ao progresso. Para este efeito julgamos perfeitamente adequado o presente extrato que, com o título de *A Origem do Cristianismo*, formado do livro *Ciência e Religião*, de Malvert, onde os mitos, os dogmas e as cerimônias são apresentadas em sua simplicidade primitiva, algumas vezes como um símbolo exotérico que oculta uma verdade para o iniciado e deixa ao ignorante uma fábula, e outras como uma adaptação

de crenças anteriores impostas pela rotina torpe e conservada pela malícia utilitária.

Firmes em nossa convicção, possuídos com a prova da evidência de que nosso propósito e nosso trabalho é racional e útil, o damos ao público, desejando que dê todo o fruto que dele prometemos, restando-nos observar que algumas supressões necessárias para a infância, indicadas com pontos suspensivos, os homens podem encontrar na edição completa.

F. Ferrer Guardia

XII. CONFERÊNCIAS DOMINICAIS

A Escola Moderna não se limitou à ação pedagógica. Sem esquecer por um momento de seu caráter predominante e de seu objetivo primordial, ela se dedicou também à instrução popular, organizando uma série de conferências dominicais públicas, à qual compareciam os alunos, suas famílias e grande número de trabalhadores desejosos de aprender.

As primeiras conferências careceram de método e da continuidade necessária, por ter tido que recorrer a conferenciantes incompetentes em determinados assuntos, que expunham em uma única conferência sem relação com a anterior nem com a seguinte. Outras vezes, por falta de conferenciantes, eram dadas interessantes leituras que supriam, sem desvantagem, as conferências orais.

O público comparecia com assiduidade, e os anúncios, previamente publicados na imprensa liberal da localidade, eram perfeitamente atendidos.

Em vista destes resultados e desejando aproveitar disposições populares tão boas, celebrei um convênio com os doutores D. Andrés Martínez Vargas e D. Odón de Buen, catedrático da Universidade de Barcelona, para criar na Escola Moderna uma Universidade popular, na qual aquela ciência que se dá, ou melhor dizendo, se vende à juventude privilegiada no estabelecimento do Estado fosse dada gratuitamente ao povo, como uma espécie de restituição, já que todo ser humano tem o direito a saber e a ciência não deve se vincular em uma classe por ser produto dos observadores, sábios e trabalhadores de todas as épocas e de todos os países.

Com efeito, as conferências adquiriram então continuidade e verdadeira regularidade, com arranjo à especialidade dos conhecimentos de ambos os conferenciantes. O Dr. Martínez Vargas explicou fisiologia e higiene e o Dr. de Buen, geografia e ciências naturais, alternando, desde então, os domingos, até que se iniciou a perseguição, e suas explicações eram avidamente recolhidas por alunos da Escola Moderna e pelos assíduos participantes, com aquele auditório de crianças e adultos formando um belíssimo conjunto que em uma das resenhas das conferências que eram publicadas constantemente na imprensa liberal de Barcelona foi classificado por um periodista de *missa da ciência*.

Os eternos apaga-luzes, aqueles que fundam sobre as trevas da ignorância popular a sustentação de seus privilégios, sofreram muito ao ver aquele pouco de iluminação que brilhava com tanta intensidade, e não seria pouca a sua complacência ao ver a autoridade, colocada ao seu serviço, extinguir-lhe brutalmente.

Ao dedicar esta recordação àqueles feitos grandiosos me anima o propósito de renová-los sobre bases mais firmes que possam chegar a ser indestrutíveis.

Recordo com sensação prazerosa aquela hora semanal dedicada à confraternidade pela cultura.

D. Ernesto Vendrell inaugurou as conferências no dia 15 de dezembro de 1901, representando Hipátia como mártir das ideias gerais da Ciência e de Beleza, vítima do fanatismo do bispo Cirilo.

Seguiram-se nos domingos sucessivos diferentes conferencistas, como foi indicado, até que no dia 5 de outubro de 1902 as conferências foram normalizadas, constituindo dois cursos científicos.

Naquele dia, o Dr. Andrés Martínez Vargas, catedrático de doenças da infância na Faculdade de Medicina de Barcelona deu sua primeira lição dissertando sobre a higiene escolar, expondo em termos simples, ao alcance da inteligência das crianças, as principais noções higiênicas, e o Dr. Odón de Buen, catedrático da Faculdade de Ciências, expôs a utilidade do estudo da História Natural.

A imprensa em geral se mostrou simpática à Escola Moderna; mas com a aparição do programa do terceiro ano escolar, dois diários locais destoaram: *El Noticiero Universal* e o *Diario de Barcelona*. Reproduzo a seguir o que disseram, que merece ser recordado como a maneira típica com que a imprensa conservadora trata os assuntos progressivos:

> *Vimos o prospecto de um centro de ensino estabelecido em nossa cidade, o que prescinde de "dogmas e sistemas", pois se propõe a livrar o mundo de "dogmas autoritários, sofismas vergonhosos e convencionalismos ridículos". Nos parece que tudo isso quer dizer que a primeira coisa que será ensinada aos alunos e alunas, pois a escola é mista, é a negar a existência de Deus, com o que serão formados bons filhos, e em particular jovens destinadas a ser boas esposas e mães de família à sua maneira...*

Continuando com estilo irônico, argumenta como melhor lhe parece e termina com essa indicação insidiosa:

> *A tal escola conta com a participação de dois doutores catedráticos, um de Ciências Naturais (don Odón de Buen), e o outro da Faculdade de Medicina. Não nomearemos este porque deve ter havido algum erro ao incluir seu nome entre os que prestam seu apoio a semelhante obra.*

Felizmente, os danos que a imprensa causa são remediados com a própria imprensa, e *El Diluvio* respondeu à insídia clerical com amplitude e energia.

OS CLERICAIS DESPOJADOS

O *Brusi* como autor e *El Noticiero* para fofocar, ambos cometeram o mais ridículo dislate com a publicação de um ataque contra uma escola laica que funciona em Barcelona com o aplauso de todos os cidadãos liberais, que são maioria nesta democrática cidade; nos referimos à Escola Moderna, a qual, por motivo da inauguração do próximo curso, passou circulares distribuídas como anexo em todos os periódicos locais, exceto, supomos, no *Brusi* e em seu apêndice *El Noticiero*, que, com o objetivo de bajular sua clientela, sem dúvida, atentaram contra a entidade laica da rua de Bailén.

Não vamos defender a Escola Moderna porque nossos leitores não necessitam de propaganda para se inteirarem da bondade dela, o que, por outro lado, não faz falta à Escola; suas invectivas apenas demonstraram que o *Brusi*, com toda sua religiosidade, não está isento de ódios nem despeitos, nem de mentir da mesma maneira descarada que faz à solta aquele que ressuma má fé por todos os lados. O rançoso periódico diz que na Escola expressada se ensina a não se crer em Deus, a fazer escárnio da religião e não sabemos quantos horrores mais que o *Diario* velho viu espantado nas palavras *nem dogmas nem sistemas* com que a entidade de referência revela sua organização, independente de tudo. Não, periódico rançoso, não; você anda muito desconcertado e falta à verdade ao dizer que naquele centro de ensino se nega a Deus e se inculca tal crença nas crianças; isso não foi lido em nenhum parágrafo do prospecto de referência. O que magoou o *Brusi*, fazendo-lhe derramar todo o despeito e má fé impróprios de um cristão de verdade, é este parágrafo: *Nem dogmas nem sistemas, moldes que reduzem a vitalidade à estreiteza das exigências de uma sociedade transitória que aspira a definitiva; soluções comprovadas pela evidência, isto é o que constitui nosso ensino, encaminhado a que cada cérebro seja o motor de uma vontade e para que as verdades brilhem por si em abstrato, arraiguem em todo entendimento e, aplicada à prática, beneficiem a humanidade sem exclusões indignas nem exclusivismos repugnantes.*

Isso chegou à entranha do *Diario de Barcelona*, que não pôde se resignar a que o ensino laico varresse o clerical; a que as rezas das escolas conventuais sejam convertidas em cânticos à Liberdade e à Ciência pura; a que o pároco ignorante e o religioso astuto, ladrão de inteligências e tirano de cérebros coibidos, sejam substituídos pelo professor independente que deixa a religião de lado para infundir conhecimentos absolutamente laicos baseados na Natureza e na Ciência. O *Brusi* sabe com toda a certeza que nestas escolas laicas, cujo avanço já lhe assusta, não se ensina nada contra a religião nem o dogma; tais questões não preocupam ali porque creem que os sentimentos religiosos devem nascer e se infundir aos pequeninos no seio do lar; há em tais centros de ensino a sadia convicção de que neles deve ser formado o homem de ciência e de conhecimentos humanos, ao passo que a família, e logo a sociedade, devem formar o homem de crenças religiosas se essas são suas inclinações. E que o periódico rançoso não venha com afirmações de que em tais ensinos (nos ateus) os anticlericais foram formados, porque aqui estão os Voltaire, os Volney, os Darwin, os Victor Hugo, os Zola, os Combes e a demais plêiade de homens insignes e espíritos

independentes que, todos educados por jesuítas, frades ou padres, e conhecedores profundos do mal disfarçado de bem em que foram criados, se voltaram contra aqueles e demoliram o edifício clerical com a força de seu talento, com as armas de seu conhecimento e as energias de sua vontade. Nem venha, portanto, o *Brusi* com alarmes e razões infundadas que podem fazer falta em famílias humilhadas ou em cérebros minguados; reconheça com nobreza que a educação clerical perde brios à medida que a escola liberal invade o terreno do ensino; e ao menos se cale e se resigne frente à propaganda lícita que os cidadãos liberais fazem em prol do ensino laico frente a frente da outra, da monástica, retrógrada e medieval, em luta com as sociedades e conhecimentos progressivos atuais. Que o velho *Diario* acredite em nós: se continuar com seu trabalho insensato, o vazio que há tempo lhe rodeia lhe deixará só e ilhado, ainda por parte daqueles que, seguindo-lhe por tradição, não levam tão longe sua pantomimice nem julgam prudente transparecer suas más intenções em tanta quantidade.

XIII. RESULTADOS POSITIVOS

Ao começar o segundo ano escolar, publiquei e fiz circular o programa a seguir. Confirmamos nosso programa anterior: provado pelo êxito, a teoria sancionada pela prática, o critério que a princípio informou nosso propósito e que preside a vida da Escola Moderna permanece firme e invariável.

A CIÊNCIA É A PROFESSORA EXCLUSIVA DA VIDA

Inspirada nesse tema, a Escola Moderna se propõe a dar às crianças submetidas ao seu cuidado *vitalidade cerebral própria* a fim de que, quando se emanciparem de sua tutoria racional, continuem sendo no mundo social inimigas mortais de todos os tipos de preconceitos, propensas a formar convicções raciocinadas, próprias, sobre tudo o que for objeto do pensamento.

Além disso, como não se educa apropriadamente disciplinando somente a inteligência, mas deve-se contar com o sentimento e a vontade, na educação do aluno colocamos bastante cuidado para que as representações intelectuais sugeridas ao educando sejam transformadas em substância de sentimento; porque este, quando adquire certo grau de intensidade, se difunde de modo inefável por todo o ser, colorindo e perfilando o caráter da pessoa. E como a vida prática, ou seja, a conduta do homem, gira indefectivelmente dentro do círculo do caráter, o jovem educado por semelhante maneira deve converter a ciência em professora única e benéfica da vida.

Para completar nosso critério é necessário indicar que somos entusiastas partidários do ensino *misto*, que consiste em que os meninos e as meninas obtenham uma educação idêntica. Desta maneira, a humanidade feminina e a masculina se darão profundamente bem, com a mulher se tornando na vida privada e social a *companheira do homem* no trabalho humano, que tem por fim o melhoramento e a felicidade da espécie.

O trabalho indicado, limitado quase exclusivamente ao homem, tem sido

incompleto até hoje, e, portanto, ineficaz; daqui por diante, deve ser encomendado ao homem e à mulher. Para isto, é necessário que a mulher não esteja enclausurada no lar; que o raio da sua ação seja estendido até onde chega a sociedade. Mas para que a companheira do homem, com sua influência moral, produza frutos intensos e benéficos, os conhecimentos que lhes são dados devem ser, em quantidade e qualidade, os mesmos que são proporcionados ao homem.

A ciência, penetrando no cérebro da mulher, iluminará, dirigindo-lhe certeiramente o rico manancial de sentimento que é nota saliente e característica de sua vida; este elemento, separado de sua aplicação natural com olhares antiprogressivos, deve ser convertido em uma boa nova de paz e de felicidade no futuro para o mundo moral.

Sabendo como é conveniente sobretudo em nosso país a difusão dos conhecimentos de Ciências Naturais e de Higiene, em particular das crianças, a Escola Moderna se propõe a coadjuvar a realização deste fim. Para isso, conta com a participação de dois peritos catedráticos. O Sr. de Buen, catedrático de Ciências Naturais, e o Sr. Martínez Vargas, catedrático de Doenças das Crianças, dão conferências alternadamente a respeito de suas respectivas matérias científicas, no local deste centro de ensino.

No *Boletim* de 30 de junho de 1903, pude publicar a seguinte declaração:

MAIS UM ANO

Contamos já com dois anos de vida, de exposição de nosso propósito, de sua justificativa com nossa prática, de crédito e prestígio entre tantas pessoas que nos favoreceram com sua cooperação.

O fato de poder afirmar com segurança e firmeza o que deixamos consignado não representa já uma garantia de triunfo, mas um triunfo positivo.

Postos neste caminho, desvanecidos os obstáculos que o interesse e a preocupação opunham ao nosso passo, animados com a ideia de que para quem fez o difícil não será custoso perseverar no já fácil, e contando sempre com essa solidariedade intelectual progressiva que desvanece com sua potente luz a negra escuridão da ignorância, continuaremos nossa obra no próximo setembro, depois do descanso das férias de verão.

Nos compraz em extremo poder repetir o que em idêntica circunstância e lugar dissemos no ano passado. A Escola Moderna e seu *Boletim* transbordam vida, porque a uma necessidade profundamente sentida correspondeu com um meio de satisfazê-la perfeitamente; mas não precisávamos de tanto para perseverar, e, sem formular promessas nem programas, perseveraremos até o limite do possível.

A Redação

No mesmo número apareceu a seguinte classificação por sexos e números de alunos presentes na Escola Moderna durante os dois primeiros anos escolares:

Meses	Meninas em 1901-2	Meninas em 1902-3	Meninos em 1901-2	Meninos em 1902-3	Total 1º ano	Total 2º ano
Dia de abertura	12	---	18	---	30	---
Setembro	16	23	23	40	39	63
Outubro	18	28	25	40	43	68
Novembro	21	31	29	40	50	71
Dezembro	22	31	30	40	52	71
Janeiro	22	31	32	44	54	75
Fevereiro	23	31	32	48	55	79
Março	25	33	34	47	59	80
Abril	26	32	37	48	63	80
Maio	30	33	38	48	68	81
Junho	32	34	38	48	70	82

Com complacência especial, em prova do adiantamento triunfal da Escola Moderna, insiro os dois artigos seguintes, que publiquei no *Boletim*, ano 3º, número I:

INAUGURAÇÃO DO ANO ESCOLAR

No dia 8 do mês atual foi celebrada a inauguração do curso atual.

Uma grande participação de alunos, de suas famílias e do público simpático à nossa instituição que assiste com assiduidade às conferências públicas enchia os salões recentemente ampliados, e antes da hora marcada contemplava as coleções que lhes dão um aspecto de museu científico.

O ato começou com um breve discurso do diretor, declarando aberto o terceiro curso escolar, no qual, facilitado pela prática e pela experiência e fortalecido pelo êxito, se prosseguirá com energia e convicção do propósito que anima a Escola Moderna.

O Dr. de Buen ficou feliz pelas melhoras materiais introduzidas na Escola, ratificando o ideal de que o ensino reflete fielmente a natureza, já que o conhecimento não pode ser outra coisa além da percepção que nossa inteligência adquire do existente.

Expus, por encargo especial de seus filhos, alunos desta Escola e residentes ainda na estação de verão, as manifestações de companheirismo confraternal para com seus condiscípulos, para quem desejam que alcancem a possibilidade de viver em plena natureza, à beira-mar, adentrando o bosque, correndo pela planície, trepando pelos penhascos da montanha escarpada, observando e estudando sem cessar as maravilhas naturais.

Digo que, ainda no ensino oficial, ou melhor, da parte dos professores a ele dedicados, apesar do que tem de arcaico como representação das antigas classes

sociais, existem tendências iguais às sustentadas pela Escola Moderna, como prova a assistência do próprio orador, a do Dr. Martínez Vargas e também de alguns professores presentes ao ato.

Foi anunciado que a Escola Moderna já tem uma análoga em Guadalajara, onde será aberta em breve uma escola dirigida ao mesmo fim, produto do legado de um altruísta que ao morrer quis contribuir para a redenção da infância, livrando-a da ignorância e da superstição, e manifestou a esperança e o vivíssimo desejo de que os ricos ao morrer compreenderão por fim que, melhor que o louco egoísmo de dedicar suas riquezas à fundação de uma felicidade ilusória de além-túmulo, devem restituí-las à sociedade em benefício dos deserdados.

O Dr. Martínez Vargas afirmou, contra quem acreditava no contrário, que o ensino puramente científico e racional da Escola Moderna é a base positiva da boa educação, imelhorável para a relação das crianças com suas famílias e com a sociedade, e única para a formação moral e intelectual do homem futuro.

Foi parabenizado que a higiene escolar praticada já na Escola Moderna em anos anteriores por meio do exame periódico dos alunos, em prevenção das doenças infecciosas, e exposta teoricamente nas conferências públicas, teve sanção solene no congresso higiênico recentemente celebrado em Bruxelas.

Ao fazer o resumo de suas conferências e com o propósito de auxiliar a explicação oral com a percepção visual, recorreu às projeções luminosas, apresentando uma série de figuras que representam exercícios higiênicos, sintomas característicos de várias doenças, órgãos enfermos etc. que o conferencista explicava detalhadamente. Um incidente ocorrido no aparato projetor, facilmente consertável para conferências posteriores, interrompeu a apresentação das figuras, porém não a explicação, que continuou versando sobre a maléfica influência do espartilho, a infecção microbiana provocada pelo pó produzido pelo arraste dos vestidos, o inconveniente de que as crianças brinquem com terra pelo perigo da infecção citada, as habitações e as oficinas insalubres etc., terminando com a promessa de continuar a série de suas explicações higiênicas durante o curso que se inaugura.

O público manifestou sua complacência ao terminar o ato, e os alunos, radiantes de alegria, ofereciam um quadro animadíssimo, que era como um consolo para as penas da triste realidade presente e a esperança de uma humanidade melhor no futuro.

UMA EXCURSÃO ESCOLAR AO PAÍS DA INDÚSTRIA

Quão grandioso, quão formoso, quão útil é o trabalho! Tais exclamações brotavam espontaneamente dos lábios de meninas e meninos, alunos da Escola Moderna, na alegre campina de Sabadell, no dia 30 de julho passado, depois de terem visitado várias fábricas, onde se relacionaram afetuosissimamente com operárias e operários, que acolheram os visitantes infantis com amor e respeito, e, por fim, depois de um banquete campestre e fraternal, com todos reunidos em torno do encarregado do resumo da excursão instrutiva, puderam admirar as considerações a que a mesma se prestava.

O homem primitivo, formado após longuíssima e progressiva evolução, se

encontrava na aurora da humanidade, inexperto, sem recursos e com necessidades urgentes. Em meio a uma natureza abundante e fecunda, ainda que pouco disposta a conceder gratuitamente seus tesouros, vegetava melhor que vivia nas costas, nos bosques, nas montanhas, refugiado nas cavernas onde procurava se livrar das inclemências atmosféricas e da voracidade das feras.

Quando, relacionando ideias que imperceptivelmente eram classificadas em sua memória, pôde formar o primeiro pensamento, promovido pela necessidade, principal se não única impulsora da atividade intelectual, o ofereceu à natureza, que se mostrou satisfeita e disposta a lhe outorgar seus dons, e à mudança de um pensamento que produziu a cilada ou a arma de arremesso lhe deu a caça, e por outro adequado ao objetivo lhe deu a pesca, e por ter discorrido enterrar a semente lhe deu o fruto. Com isto, não somente não se morreria de fome, mas se aprendia a repelir a agressão de animais ferozes, e ainda se concebia os primeiros esboços da sociabilidade.

Precisava se vestir, e talvez a utilização das fibras das plantas têxteis, depois de ter utilizado as peles dos animais devorados, sujas, disformes, e logo inúteis, lhes faltando o curtimento conveniente, lhe inspirou o pensamento de utilizar as fibras da lã, tecê-las naquele tear embrionário, onde os fios eram estendidos e suspensos entre dois paus, e a trama era tecida à mão, por ainda não conhecerem os liços, que abrem a cala, nem a lançadeira, que deposita o fio que forma a união do tecido.

Surgia a fiandeira, que supõe um imenso adiantamento social: porque com ela temos convertida em sedentária a tribo nômade que saía de um território esgotado em busca de outro virgem e abundante, nem sempre o encontrando, e bem antes sofria enormes penalidades no caminho, ou o encontrava ocupado por outra tribo, à qual teria que despojar em guerra cruel ou perecer na demanda.

A fiandeira, então, supõe a família, o lar, o campo cultivado, o rebanho, a vestimenta, o alimento regular de pão, legumes, hortaliças, frutas, leite, queijo e carne; supõe ainda o ferro, a forja, a ferramenta, o trabalho, a moralidade e a paz.

Se a essa altura do progresso não tivessem surgido, como doenças capazes de viciar o organismo, o sacerdote, o mandarim e o guerreiro, os progressos teriam ido se sucedendo em escala regularmente ascendente, e aqueles ideais que hoje vislumbramos como aspiração longínqua contariam já séculos de prática.

Conhece-se o tipo de fiandeira por representação artística e também visual, porque ainda não há fiandeiras naquelas partes afastadas do território onde mal chega a influência civilizadora: sentada, erguida a roca que contém o véu lavado e cardado, toma o fio que retorce e consolida por meio do fuso, que desliza rápido e suave entre seus dedos, sendo algumas vezes uma anciã decrépita, uma matrona formosa ou uma tímida donzela.

Com tal representação na mente, as crianças comparavam e apreciavam as maravilhas mecânicas que eram oferecidas à sua ingênua admiração, e na dificuldade de apreciar as explicações e os detalhes técnicos que com claridade e amabilidade o cicerone da expedição e os operários das diferentes seções expunham, parecia-lhes obra de fadas benfeitoras aquela transformação de lã grosseira, suja, recém tosqueada em finíssimos tecidos de exposições elegantes e ricas cores que vieram em curto espaço de tempo, passando pelos diversos artefatos, mal deixando a ideia da dificuldade das operações e das penalidades do trabalho.

Foi preciso trazê-los à realidade e fixar sua atenção no mecanismo que toma a lã em bruto, a lava passando-a mecanicamente por uma série de pias, em cada uma das quais a limpeza progride até alcançar uma nívea brancura; logo vem a carda, onde o simples novelo de lã que todos conhecemos se dissolve nas infinitas unidades soltas e perfeitamente individualizadas das tênues fibrilas; segue-se a fiação com seus carros que vêm e vão cheios de fusos, fazendo em um minuto uma quantidade de trabalho que custaria meses à fiandeira tradicional; em seguida vem o torcimento, que dá igualdade e solidez ao fio; chega o urdimento, preparação para o tear; depois este, coroado pelo engenhoso mecanismo de Jacquard que, como se fosse um cérebro impulsor de uma vontade, como um artista que manejasse pincéis e cores, move agulhas e cartões e com eles produz os coloridos desenhos que embelezam as telas que usamos como vestimentas e ornamentos de vários tipos.

Completava aquele laborioso quadro o aproveitamento de resíduos, desperdícios e retalhos que, submetidos às operações primitivas, renovavam de certo modo a fibra usada para dedicá-la a telas baratas, para os pobres, ou seja, como recompensa para os produtores.

Um hino ao progresso, à civilização, ao trabalho, era formulado espontaneamente nas exaltadas imaginações dos excursionistas escolares, manifestando-se nas exclamações de admiração em que prorrompiam a cada passo, com notas argentinas moduladas por suas gargantas frescas e infantis.

Foi necessário retê-las na verdade uma segunda vez. Um incidente deu a oportunidade: vários meninos e meninas, perturbados pelo calor e pelo odor desagradável de materiais e ingredientes, não quiseram entrar no último departamento visitado, e isto deu oportunidade para uma consideração final.

As operárias e os operários que trabalham nessas fábricas começaram seu aprendizado quando crianças, muitos antes de terem consolidado e fortalecido seu organismo e antes de terem completado sua educação e instrução; também lhes perturbaria o calor e o fedor dos materiais; mas sobre o incômodo se impunha a necessidade, e aí devem ficar até que morram, um final triste que sempre ocorre antes da época geralmente fixada pelas condições essenciais do organismo humano.

É certo e admirável que a ciência e a indústria unidas realizaram maravilhas como as que são efetuadas por meio dessas máquinas; mas infelizmente há um porém terrível: seus benefícios não são distribuídos equitativamente; à vista, estes operários que têm que suportar continuamente estas condições insuportáveis para algumas crianças, que passam por muitas penalidades e que geralmente terminam com uma morte prematura, desfrutam de uma diária mísera; tanto que os donos legais das máquinas, dos produtos e das utilidades, quando o negócio não fracassa, se enriquecem e eles e os seus gozam das vantagens consequentes, o que indica que para a justiça social se elevar sequer à altura do adiantamento científico industrial temos de trabalhar quantos tenhamos empenho em elevar a espécie humana à altura da dignidade e da positiva felicidade.

Tais foram as considerações sumariamente expostas, que impressionaram nossos alunos nesta agradável excursão, que constituiu um dos vários complementos instrutivos usados nesta escola.

XIV. EM LEGÍTIMA DEFESA

Eis aqui o programa do terceiro ano escolar de 1903 a 1904:

Fomentar a evolução progressiva da infância evitando os atavismos regressivos, que são como obstáculos que opõem o passado aos avanços francos e decididos em direção ao futuro, é, em síntese, o propósito culminante da Escola Moderna.

Nem dogmas nem sistemas, moldes que reduzem a vitalidade à estreiteza das exigências de uma sociedade transitória que aspira a definitiva; soluções comprovadas pelos fatos, teorias aceitas pela razão, verdades confirmadas pela evidência, isso é o que constitui nosso ensino, encaminhado a que cada cérebro seja o motor de uma vontade, e a que as verdades brilhem por si em abstrato, arraiguem em todo entendimento e, aplicadas à prática, beneficiem a humanidade sem exclusões indignas nem exclusivismos repugnantes.

Dois anos de êxito nos servem de testemunho garantidor, destacando em primeiro lugar a bondade do ensino misto, um brilhante resultado, um triunfo poderíamos dizer, alcançado pelo mais elementar senso comum sobre a preocupação e a rotina.

Considerando conveniente, sobretudo, que o aluno forme um conceito cabal daquilo que lhe rodeia, a difusão dos conhecimentos das Ciências Físicas e Naturais e de Higiene, a Escola Moderna conta, como em cursos anteriores, com a participação dos doutores Sr. de Buen, catedrático de Ciências Naturais, e o Sr. Martínez Vargas, catedrático da Faculdade de Medicina desta Universidade, que darão alternadamente, a respeito de suas respectivas matérias científicas, conferências dominicais das onze às doze no local da Escola, que servirá de ampliação e complemento às lições sobre as ciências citadas que os alunos receberão durante o curso.

Nos resta manifestar que, sempre zelosos com o bom êxito de nossa obra de regeneração intelectual e volitiva, enriquecemos nosso material de ensino com a aquisição de novas coleções que, ao mesmo tempo em que facilitam a compreensão, tornam agradáveis os conhecimentos científicos, e que, com o local tendo ficado pequeno pelo número crescente de alunos, adquirimos novas habitações para alargar as salas de aula e acolher favoravelmente os pedidos de inscrição recebidos.

A publicação deste programa, como foi indicado, fixou a atenção da imprensa reacionária e foi contestada pela liberal. Mas, para fazer uma exibição evidente da fortaleza racional da Escola Moderna, inseri no *Boletim* o seguinte artigo:

ANTAGONISMO PEDAGÓGICO

A pedagogia moderna, despojada de tradições e convencionalismos, deve se pôr à altura do conceito racional do homem, dos atuais conhecimentos científicos e do consequente ideal humano.

Se por qualquer tipo de influência se desse outro sentido ao ensino e à educação, e o professor não cumprisse o seu dever, seria preciso denunciá-lo como um enganador,

e declarar que a pedagogia não passa de um artifício para domar homens para o benefício de seus dominadores.

Infelizmente, este último é o que ocorre principalmente: a sociedade está organizada e se sustenta, não dirigida à satisfação de uma necessidade geral e ao cumprimento de um ideal, mas como uma entidade que tem um empenho especial em conservar suas formas primitivas, defendendo-se tenazmente contra qualquer reforma, por mais racional e urgente que ela seja.

Este afã de imobilidade dá aos antigos erros o caráter de crenças sagradas, os rodeia do maior prestígio, lhes dá autoridade dogmática, e acontece que, depois de criar perturbações e conflitos, as verdades científicas ficam sem explicação ou esta fica escassa, e em vez de se estenderem iluminando todas as inteligências e se traduzindo em instituições e costumes de utilidade comum, se estancam abusivamente na esfera do privilégio; de modo que, nos nossos dias, como nos tempos da teocracia egípcia, há uma doutrina esotérica para os superiores e outra exotérica para as classes baixas, as destinadas ao trabalho, à defesa e à mais degradante miséria.

Por isso temos a doutrina mística e mítica, cujo domínio e extensão é unicamente compreensível e explicável nas primeiras épocas da humanidade, gozando ainda de todas as reverências, ao passo que a doutrina científica, apesar de sua evidência, fica reduzida à limitada esfera em que os intelectuais vivem, e no máximo é reconhecida secretamente por certos hipócritas que, para não sofrerem preconceito em sua posição, tornam pública a ostentação do contrário.

Para evidenciar este antagonismo absurdo, nada mais proposital que a seguinte comparação, em que a grandiloquência imaginativa do crédulo ignorante contrasta com a simplicidade racional do sábio:

A BÍBLIA

Na Bíblia estão escritos os anais do céu, da terra e do gênero humano; nela, como na própria divindade, está contido o que foi, o que é e o que será: em sua primeira página se encontra o princípio dos tempos e das coisas, e em sua última página o fim das coisas e o dos tempos. Começa com o Gênesis, que é um idílio, e acaba com o Apocalipse de São João, que é um hino fúnebre. O Gênesis é belo como a primeira brisa que refrescou os mundos; como a primeira aurora que se levantou no céu; como a primeira flor que brotou nos campos; como a primeira palavra amorosa que os homens pronunciaram; como o primeiro sol que apareceu no Oriente. O Apocalipse de São João é triste como a última palpitação da Natureza; como o último raio de luz; como a última olhada de um moribundo. E entre este hino fúnebre e aquele idílio passam umas após as outras à vista de Deus todas as gerações e uns após os outros todos os povos. As tribos vão com seus patriarcas; as repúblicas com seus magistrados; as monarquias com seus reis e os impérios com seus imperadores, Babilônia passa com sua abominação, Nínive com sua pompa, Mênfis com seu sacerdócio, Jerusalém com seus profetas e templos, Atenas com suas artes e heróis, Roma com seu diadema e com os despojos do mundo. Nada está firme além de Deus; todo o demais passa e morre, como passa e morre a espuma que a orla vai desfazendo.

Livro prodigioso aquele em que o gênero humano começou a ler há trinta e três

séculos já, e lendo ele todos os dias, todas as horas, ainda não acabou sua leitura. Livro prodigioso aquele em que se calcula tudo antes de se ter inventado a ciência dos cálculos; em que sem estudos linguísticos se dá notícia da origem das línguas; em que sem estudos astronômicos se computa as revoluções dos astros; em que sem documentos históricos se conta a história; em que sem estudos físicos se revelam as leis do mundo. Livro prodigioso aquele que vê tudo e sabe tudo; que sabe os pensamentos que se levantam no coração do homem e os que estão presentes na mente de Deus; que vê o que passa nos abismos do mar e o que acontece nos abismos da terra; que conta ou prediz todas as catástrofes das gentes, e onde se encerram e atesouram todos os tesouros da misericórdia, todos os tesouros da justiça e todos os tesouros da vingança. Livro, enfim, que quando os céus se dobrarem sobre si mesmos como um leque gigantesco, e quando a terra sofrer desmaios e o sol recolher sua luz e as estrelas se apagarem, permanecerá sozinho com Deus, porque é sua palavra eterna, ressoando eternamente nas alturas.

Donoso Cortéz

(Discurso de recepção acadêmica, incluído em um volume intitulado A Eloquência, compilação de escritos notáveis destinados à leitura escolar.)

O ANTROPISMO

A atrasada filosofia dos dogmas tradicionais extrai sua força principal do antropismo ou antropomorfismo. Por esta palavra entendo *o poderoso e grande conjunto de noções errôneas que tendem a pôr o organismo humano, considerado como de essência divina, em oposição a todo o resto da natureza, fazendo dele o fim atribuído previamente à criação orgânica, da qual é radicalmente diferente*.

Uma crítica profunda deste conjunto de noções demonstra que estas são fundadas sobre três dogmas que denomino *antropocêntrico, antropomórfico* e *antropolátrico*[1].

1º O *dogma antropocêntrico* afirma que o homem é o centro, o objetivo previamente atribuído a toda a vida terrestre, e, alargando essa concepção, a todo o universo. Como este erro satisfaz o egoísmo humano, e como está intimamente ligado aos mitos das três grandes religiões mediterrâneas, mosaica, cristão e maometana, domina ainda a maior parte do mundo civilizado.

2º O *dogma antropomórfico* compara a criação do Universo e o governo do mundo por Deus à criação artística de um técnico hábil ou de um engenheiro mecânico e à administração de um prudente chefe de Estado, Deus, o Senhor, criador, conservador e administrador do Universo, está concebido em absoluta conformidade em seu modo de pensar e trabalhar, sobre o modelo humano. Disso resulta reciprocamente que o homem é semelhante a Deus, e por isso afirma o dogma: *Deus criou o homem à sua imagem*. A cândida mitologia primitiva é um puro *homoteísmo* e confere a seus deuses a forma humana e lhes dá carne e sangue. A recente teosofia mística adora o deus pessoal como *invisível* – na realidade na forma gasosa – e ao mesmo tempo lhe faz

pensar, falar e trabalhar à maneira humana, indo parar no absurdo do *vertebrado gasoso*.

3º O *dogma antropolátrico* provém naturalmente da comparação das atividades humanas e divina, terminando no culto religioso do organismo humano, no delírio antropista das grandezas, do qual provém a crença na imortalidade pessoal da alma, assim como o dogma dualista da natureza dupla do homem, cuja alma imortal reside em nossos corpos apenas temporariamente.

Estes três dogmas antropistas, desenvolvidos de modo diferente e adaptados, segundo circunstâncias de tempo e lugar, às formas variáveis das diferentes religiões, tomaram importância extraordinária com o passar dos anos e são o manancial dos erros mais perigosos.

Ernst Haeckel

(De Os Enigmas do Universo, de onde foi retirado o extrato inserido no final da *Cartilha*, primeiro livro-texto da Escola Moderna.)

[1] *Antropos* (homem), palavra radical combinada com as terminações *centro*, *morfo* (forma), e *latria* (adoração).

Frente a este antagonismo sustentado tanto pela ignorância quanto por interesse, a pedagogia positiva, a qual se propõe a ensinar verdades para gerar justiça prática, deve metodizar e sistematizar os conhecimentos positivos da natureza, inculcados na infância, e preparar, assim, elementos para a sociedade equitativa, para aquela que, como uma expressão exata da sociologia, deve funcionar em benefício individual e recíproco de todos os associados.

É necessário que Moisés, ou quem quer que tenha sido o autor do Gênesis, e, junto com ele, todos os dogmatistas, com seus dias de criação arrancada do nada pela potência de um criador que passou antes eternidades em inação absoluta, ceda o lugar a Copérnico, que demonstrou o movimento duplo dos planetas sobre si mesmos e ao redor do sol; a Galileu, que proclamou que o Sol e não a Terra é o centro do mundo planetário; a Colombo e a todos que, partindo da esfericidade da Terra, se lançaram a percorrê-la em todos os sentidos para formar seu inventário e dar fundamento prático à fraternidade humana; a Cuvier e Lineu, fundadores da história natural; a Laplace, inventor do não desmentido e subsistente sistema cosmogônico; a Darwin, autor da doutrina transformadora que explica a formação das espécies por seleção natural; e a todos que pela observação e pelo estudo desmentem a suposta revelação e expõem com verdade demonstrável o que são o universo, os mundos, a Terra e a vida.

Contra os males produzidos pelas gerações submersas no erro e na superstição, dos quais se muitos indivíduos se livram é para cair no ceticismo antissocial, educar e instruir a geração nascente nos princípios puramente humanistas e no conhecimento positivo e racional desta natureza de que faz parte é um remédio eficacíssimo, sem descartar outros não menos eficazes.

Mulheres assim educadas serão mães no verdadeiro sentido natural e social, não

transmissoras de superstições tradicionais, e ensinarão aos seus filhos a integridade da vida, a dignidade da liberdade, a solidariedade social, não o acatamento a doutrinas aniquiladas e esterilizadas por esgotamento e a submissão a hierarquias absolutamente ilegítimas.

Os homens emancipados do mistério, do milagre, da desconfiança de si mesmos e de seus semelhantes e em perfeita posse do conceito de que nasceram não para morrer, segundo a nefasta síntese do misticismo, mas para viver, conseguirão facilitar as condições sociais para dar à vida toda a sua amplíssima extensão.

Deste modo, conservando a recordação de outras gerações e outros estados intelectuais como ensino ou, ainda, como escarmento, fecharemos de uma vez e por todas o período religioso para entrar de modo definitivo no puramente natural e racional.

Apesar de todas as dificuldades, no *Boletim* de 30 de junho de 1904 publiquei a seguinte declaração:

O TERCEIRO ANO

Três anos de prática próspera e progressiva, com tendência a ver nosso método espontaneamente generalizado, dão à Escola Moderna de Barcelona não só o caráter de instituição perfeitamente consolidada, mas de suscitadora de energias poderosas e de iniciativas salvadoras, capazes de transformar a nova geração, despojando-a de atavismos, e dispondo-a para que, ao chegar à plenitude da vida, se sobreponha aos erros dominantes e abra caminho para a ciência, para a razão, para a justiça, e obtenha como recompensa a paz e a felicidade.

Terminado este terceiro ano de nossa existência, e ao entrar no período anual de descanso, o *Boletim da Escola Moderna* consigna com satisfação este resultado tão brilhante, manifesta sua gratidão a todos que cooperaram e repete o seu propósito de perseverar até o fim no cumprimento da obra empreendida.

A redação

No mesmo número apresentei o seguinte resumo:

CLASSIFICAÇÃO POR SEXO E NÚMERO DE ALUNOS PRESENTES NA ESCOLA MODERNA DURANTE OS TRÊS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES

Meses	Meninas em 1901-2	Meninas em 1902-3	Meninas em 1903-4	Meninos em 1901-2	Meninos em 1902-3	Meninos em 1903-4	Total 1º ano	Total 2º ano	Total 3º ano
Dia de abertura	12	---	---	18	---	---	30	---	---
Setembro	16	23	24	23	40	40	39	63	64
Outubro	18	28	43	25	40	59	43	68	102
Novembro	21	31	44	29	40	59	50	71	103

Meses	Meninas em 1901-2	Meninas em 1902-3	Meninas em 1903-4	Meninos em 1901-2	Meninos em 1902-3	Meninos em 1903-4	Total 1º ano	Total 2º ano	Total 3º ano
Dezembro	22	31	45	30	40	59	52	71	104
Janeiro	22	31	47	32	44	60	54	75	107
Fevereiro	23	31	47	32	48	61	55	79	108
Março	25	33	49	34	47	61	59	80	110
Abril	26	32	50	37	48	61	63	80	111
Maio	30	33	51	38	48	62	68	81	113
Junho	32	34	51	38	48	63	70	82	114

POPULAÇÕES E NÚMERO DE ESCOLAS QUE TÊM COMO TEXTO LIVROS DA ESCOLA MODERNA		
Villanueva e Geltrú	Sociedad Cooperativa	1 escola
Tarragona	Escola laica *La Educación*	1 escola
Sevilha	Escola laica	1 escola
Sestao	Escola laica	1 escola
Reus	Centro Instructivo Obrero	1 escola
Portbu	Escola laica *Progreso*	1 escola
Palamós	Escola laica	1 escola
Mongat	Escola livre	1 escola
Mazarrón	Escola laica Sociedad de Oficios Varios	2 escolas
Mataró	Ateneo Obrero	1 escola
Málaga	Escola laica de Julián Vargas	1 escola
Mahón	Federación Obrera	1 escola
La Unión	Sociedades Obreras	1 escola
Gaucín	Sociedad de Obreros *La Verdad*	1 escola
Granollers	Escola laica	1 escola
Granada	Asociación Obrera *La Obra*	1 escola
Esplugas	Academia *La Nueva Humanidad*	1 escola
Córdoba	Sociedades Obreras	1 escola
Casares	Centro Instructivo Obrero	1 escola
Cartagena	Federación Obrera Escola laica do Llano del Real	2 escolas

Barcelona	Escola livre de Hostafranchs Colégio *Germinal* Sociedade de Pedreiros Sociedade de Pedreiros de Gracia Enseñanza Mutua Escola livre de Poblet Fraternidad Republicana Sansense Escola coletiva de San Martín Ateneo Republicano del Fuerte Pío	9 escolas
Aznalcóllar	Centro Instructivo Obrero	1 escola
	Total	32 escolas

XV. INGENUIDADE INFANTIL

No *Boletim* de 30 de setembro de 1903 foram inseridos os trabalhos dos alunos das diferentes seções da Escola Moderna, lidos na sessão de fechamento do segundo curso escolar.

Deve-se ter em conta que nestes escritos, nos quais seus infantis autores se viam obrigados a buscar um assunto ao qual aplicar seu critério nascente, o esforço intelectual se impunha, predominando o raciocínio inexperiente, ingênuo e inspirado no sentimento de justiça, sobre a aplicação das regras de forma; logo, se os juízos não alcançam o aperfeiçoamento racional se deve unicamente à falta de dados, à carência de conhecimentos indispensáveis para formar um raciocínio perfeito; o contrário do que acontece nas opiniões dominantes, que têm outra base, a preocupação fundada em tradições, interesses e dogmas.

Assim, um menino de 12 anos estabelece um critério para julgar as nações, nas seguintes palavras: *Uma nação ou Estado, para ser civilizado, é preciso que careça do seguinte...* Suspendemos aqui o enunciado para observar que à palavra *civilizado* é dado pelo autor o significado de *justo*, e sobretudo que, livre de preocupações, ele vê males evitáveis, que assinala, considerando seu desaparecimento como condição essencial para que resulte em justiça, os quais são: *1º A coexistência de ricos e pobres, e como consequência a exploração. 2º O militarismo, meio de destruição empregado por algumas nações contra outras, devido à má organização da sociedade. 3º A desigualdade, que permite a alguns governar e mandar e obriga outros a serem humilhados e obedecerem. 4º O dinheiro, que torna alguns ricos e a estes submete os pobres.*

Claro que este critério é primordial e simples, como se correspondesse a uma inteligência escassamente documentada, e não pode resolver um problema complexo de sociologia; mas tem a vantagem de deixar livre acesso a todas as observações racionais que forem apresentadas. É como se lhe perguntassem: *Do que precisa um doente para recobrar sua saúde?*, e ele respondesse: *Que a dor desapareça*. Resposta cândida e natural que um menino influenciado pela metafísica espiritualista certamente não daria, que precisa de antes de tudo contar com a vontade arbitrária de supostos seres

sobrenaturais.

É claro que uma maneira tão simples de explicar o problema da vida social não exclui definitivamente uma solução razoável, mas um pede logicamente o outro, como o mesmo escrito que comentamos demonstra com esta conclusão: *Não entenda que por não haver ricos, nem militares, nem dinheiro, as pessoas briguem e abusem da liberdade e do bem-estar, mas com todos desfrutando de um alto grau de civilização, reinaria a cordialidade, todos seriam amigos, e certamente a ciência se adiantaria muitíssimo mais, por não haver guerras nem entorpecimentos políticos.*

Uma menina de 9 anos apresenta esta sensata observação, que pinçamos da explicável incorreção de sua linguagem: *Ao criminoso se condena a morte: se o homicídio merece esta pena, aquele que condena e aquele que mata o criminoso igualmente são homicidas; logicamente deveriam morrer também, e assim se acabaria a humanidade. Melhor seria que em vez de castigar o criminoso cometendo outro crime, lhe dessem bons conselhos para que ele não o fizesse mais. Sem contar que se todos fôssemos iguais não haveria ladrões, nem assassinos, nem ricos, nem pobres, mas todos iguais, amantes do trabalho e da liberdade.*

A simplicidade, clareza e transcendência deste pensamento não permitem comentário; assim, é explicável a admiração que ouvi-lo dos lábios de uma terna e belíssima menina causou, que se assemelhava mais a uma representação simbólica da verdade e da justiça do que a uma realidade viva.

Um menino de 12 anos trata da sinceridade e diz: *Aquele que não é sincero, não vive tranquilo; sempre teme ser descoberto; ao passo que se é sincero, ainda que tenha feito algo ruim, sua declaração sincera descarrega sua consciência. Se se começa a mentir a partir da infância, se chegará a grande dizendo grandes mentiras que podem causar males enormes. Há casos em que não deve ser sincero. Por exemplo: um homem chega à nossa casa fugindo da polícia. Se depois nos perguntam se vimos aquele homem, devemos negá-lo: o contrário seria uma traição e uma covardia.* É triste que para uma inteligência nascente, que considera a verdade como um bem inestimável *sem o qual não se pode viver*, a gravidade dos abusos autoritários lhe induziram a considerar em certos casos a mentira como uma virtude.

Uma menina de 13 anos trata do fanatismo, e depois de considerá-lo como um mal característico de um país atrasado, busca e encontra sua causa, dizendo: *O fanatismo é produzido pelo estado de ignorância e atraso em que a mulher se encontra; por isso os católicos não querem que a mulher se instrua, já que a mulher é seu principal sustento.* Observação profunda esta que busca a causa do fanatismo, e encontra a causa da causa, considerando que se a ignorância produz o fanatismo, a ignorância da mulher perpetua a ignorância geral.

Contra um dano tão grave, outra menina de 13 anos assinala um remédio eficaz com este pensamento que inserimos na íntegra:

A ESCOLA MISTA

> *A escola mista ou de ambos os sexos é sumamente necessária. O menino que se educa, trabalha e brinca em*

companhia da menina aprende imperceptivelmente a respeitá-la e ajudá-la, e reciprocamente a menina; enquanto se educados separadamente, indicando ao menino que é ruim a companhia da menina e a esta que é pior a daquele, acontecerá que o menino, já homem, não respeitará a mulher e a considerará como um brinquedo ou como uma escrava, ao que se vê a mulher reduzida na atualidade. Assim, então, contribuamos todos com a fundação de escolas mistas em todas as partes em que for possível, e onde não for, aplanemos as dificuldades que se opuserem a isso.

A um pensamento tão bem raciocinado e condensado com tal sobriedade, nada podemos adicionar além de que julgamos que deve ser atendida a excitação com que esta pensadora de 13 anos termina seu escrito.

Um menino de 12 anos considera a escola como digna de todo o respeito, porque nela se aprende a ler, escrever e pensar e ela serve de base à moralidade e à ciência e acrescenta: *Se não fosse pela escola, viveríamos no bosque, andaríamos nus, comeríamos ervas e carne crua, e nos refugiaríamos em cavernas e árvores; ou seja, levaríamos uma vida brutal. Com o tempo e como consequência da escola, todo o mundo será mais inteligente, e não haverá guerras, nem povoados incendiados, e a gente recordará com horror do guerreiro considerando que é o operário da morte e da destruição. É uma desgraça a ser evitada que haja crianças que brinquem na rua sem ir à escola, e quando se tornam homens são muito infelizes. Assim, então, agradeçamos a nossos professores a paciência que empregam em nos ensinar e olhemos a escola com respeito.* Raciocínio justo e sentimento bem aplicado, que indicam um estado psíquico em equilíbrio. Se este menino conservar e desenvolver as faculdades que descobre, harmonizará devidamente o egoísmo e o altruísmo em bem próprio e da sociedade.

Uma menina de 11 anos lamenta que as nações se destruam mutuamente pela guerra; lamenta igualmente que haja diferenças de classes sociais e que os ricos submetam os pobres ao trabalho e à privação, e termina: *Por que os homens ao invés de se matarem nas guerras e de se odiarem pela diferença de classes não se dedicam com alegria ao trabalho e a descobrir coisas para o bem da humanidade? Os homens devem se unir e se amar para viver fraternalmente.* Eis aqui uma repreensão infantil que deveria envergonhar todos os que persistem na sustentação das causas do dano que tão dolorosamente afeta o tenro coração dessa menina.

Um menino de 10 anos, em um escrito quase correto que poderíamos inserir íntegro, mas que não o fazemos para não dar dimensões excessivas a este trabalho e porque não coincide com pensamentos de condiscípulos já expostos, fala da escola e do aluno, dizendo: *Reunidos sob um mesmo teto, desejosos de aprender o que ignoramos, sem distinção de classes, somos irmãos guiados por um mesmo fim... O ignorante é uma nulidade; pouco ou nada pode se esperar dele. Que isto nos sirva de estímulo, e não percamos tempo; pelo contrário, aproveitemo-lhe, e quando chegar o dia nos proporcionará a merecida recompensa... Não esqueçamos jamais os frutos de uma boa escola, e honrando os nossos professores, a família e a sociedade viveremos satisfeitos.* Formosa sensatez, que aos 10 anos se harmoniza com a alegria infantil.

Uma menina de 10 anos filosofa sobre as faltas do gênero humano evitáveis, no seu julgamento, pela instrução e a vontade, e diz: *Entre as faltas do gênero humano se encontram a mentira, a hipocrisia e o egoísmo. Se os homens estivessem mais instruídos e principalmente as mulheres, inteiramente iguais ao homem, essas faltas desapareceriam. Os pais não ensinariam seus filhos em escolas religiosas, que inculcam ideias falsas, mas os levariam a escolas racionais onde não se ensina o sobrenatural, o que não existe; nem tampouco a guerrear, mas a todos se solidarizarem e a praticarem o trabalho em comum.* Sobre um princípio de crítica da sociedade se vislumbra nesse pensamento o ideal que guia o gênero humano.

Terminamos esta compilação com o seguinte escrito de uma senhorita de 16 anos, que por sua correção e por seu fundo pode ser inserido sem mutilação alguma:

A SOCIEDADE ATUAL

> *Que desigualdade há nesta sociedade! Alguns trabalhando da manhã até a noite, sem nenhum descanso além do preciso para comer seus alimentos deficientes; outros recebendo o produto dos trabalhadores para recrearem com o supérfluo.*
>
> *E porque isto tem que ser assim? Não somos todos iguais? Indubitavelmente o somos, ainda que a sociedade não o reconheça, já que alguns parecem destinados ao trabalho e ao sofrimento, e outros à ociosidade e ao gozo. Se algum trabalhador se rebela ao ver a exploração à qual vive sujeito, é depreciado e castigado cruelmente enquanto outros sofrem com resignação a desigualdade.*
>
> *O operário precisa se instruir, e para consegui-lo é necessário fundar escolas gratuitas, sustentadas por esse dinheiro que os ricos desperdiçam.*
>
> *Deste modo se conseguiria com que o operário se adiantasse cada vez mais até conseguir se ver considerado como merece, porque em resumo ele é quem desempenha a missão mais útil na sociedade.*

Qualquer que seja o valor racional destes pensamentos, fica patente desta coleção o que a Escola Moderna se propunha com objetivo predominante, a saber: que a inteligência do aluno, influenciada pelo que vê e documentada pelos conhecimentos positivos que vai adquirindo, discorra livremente, sem preconceitos nem sujeição sectária de nenhum tipo, com autonomia perfeita e sem nenhuma trava além da razão, igual para todos, sancionada em último termo, quando alcança a verdade, pelo brilho formoso da evidência, frente ao qual desaparecem a escuridão do sofisma e da imposição dogmática.

O congresso operário ferroviário, celebrado em Barcelona em dezembro de 1903, anunciou que formava parte de seu programa uma visita à Escola Moderna.

A ideia foi acolhida com júbilo por todos os alunos, e para tirar dela uma

utilidade, eles foram convidados a formular, quem se sentia inspirado, um pensamento adequado à circunstância, o qual seria lido por seu autor no ato da visita.

Por causas imprevistas não foi realizada a visita anunciada, mas recolheu-se um formoso ramalhete de pensamentos infantis, que exala o delicado perfume da sinceridade do juízo despreocupado, matizado ainda pela graça da ingenuidade intuitiva, e publicou-se-lhe no *Boletim*.

Deve-se observar que partia-se do tema obrigado da saudação a operários congressistas reunidos para tratar de melhorar suas condições de trabalho e de existência, e aconteceu que os alunos, apesar de não existir um indício sequer de sugestão e sem prévia consulta mútua, como se tivessem se inspirado em um critério único, manifestaram uma grande conformidade em suas afirmações, não se diferenciando muito na argumentação, motivo pelo qual seus escritos foram extraídos, fazendo as supressões necessárias para evitar a repetição porém deixando subsistentes a ingenuidade e, quase sempre, a incorreção original.

Uma menina de 9 anos escreveu: *Os saúdo, queridos operários, pelo trabalho que fazem em prol da sociedade. A vocês e a todos os operários devemos agradecer o trabalho com que se faz tudo que é necessário para a vida e não aos ricos que os pagam uma diária mísera, e não os pagam para viver, mas porque se vocês não trabalhassem eles teriam que trabalhar.*

Um menino de 9 anos, depois de uma saudação carinhosa, disse: *A terra deve pertencer aos operários assim como aos demais. A natureza não criou homens para que ficassem com tudo. A terra deveria ser cultivada sem que aquele que trabalha fosse explorado e outro comesse seus frutos. O operário trabalha em uma casa pequena e escura, come pouco e mal e não anda em carruagem como o burguês. Se o operário quisesse tudo seria sujo; se contassem os operários e os burgueses, de quais haveria mais? Então como os operários são mais, logo, ou melhor dizendo, em seguida, obteriam seu desejo.*

Estas crianças de 9 anos, em sua cândida exposição do juízo, demonstram que podem ser professores de muitos economistas caducos que inspiram seu entendimento no respeito do existente só por sê-lo, sem considerar se na razão e na justiça têm o direito de ser.

Menina de 11 anos: *Chegará o dia em que o trabalho será mais repartido, a razão dominará, a ciência prevalecerá e as classes sociais desaparecerão... O dever do homem é fazer todo o bem possível, seja por meios manuais, seja intelectuais, com o que sai beneficiado, e aquele que faz o contrário é desumano... A educação é a base da humanidade e a redentora do homem, então ela lhe reintegrará em todos os direitos.*

Menina de 11 ano: *Saúde, representantes do trabalho!... Vocês, como operários ferroviários, guiam potentes máquinas como se fossem animaizinhos inofensivos. Essas máquinas, como produto da civilização humana e que à humanidade deveriam pertencer, são propriedade de alguns potentados a quem nada custou sua posição, que foi adquirida com a exploração dos trabalhadores... Enquanto vocês sofrem o sol, a chuva e a neve cumprindo seu trabalho, os burgueses satisfeitos, queixando-se da pouca velocidade do trem, se estiram em seu vagão-leito.*

Menina de 11 anos: *Celebro que se dediquem aos trabalhos ferroviários para que*

se adiante a indústria e haja trens que transportem viajantes, produtos e muitas coisas de uma vila a outra. Aqueles que se dedicam a estes trabalhos e aos descobrimentos sim que fazem bem à humanidade, e com certeza, há quem considera melhor um general que ganhou uma batalha.

Menino de 11 anos: *O trabalhador, que deveria ser a admiração do mundo, é o mais desprezado por nossa sociedade. Aquele que nos proporciona vestimenta, casa e móveis; apascenta o gado que nos fornece lã e carne; com trens ou navios nos leva de um ponto a outro, e nos presta muitos outros serviços. A ele devemos a vida.*

Menino de 11 anos, que, coincidindo com alguns pensamentos expostos, diz: *Os parasitas que consomem e não produzem pensando sempre na exploração, depreciam o trabalhador, que ganha uma diária muito reduzida, trabalhando muitas horas diárias quase sem poder manter sua família. Se a sociedade estivesse organizada de outro modo, não haveria quem morresse de fastio*[modismo catalão]*, enquanto os ricos estão desfrutando.*

Neste grupo de intelectuais de 11 anos são encontrados elementos para desenvolver um tratado de sociologia. Nele se encontra o mais importante: exposição de fatos, crítica e censura consequente, terminando com uma formosa e simples afirmação do ideal.

Menino de 12 anos: *Quem são aqueles que desfrutam do trabalho produzido pelos operários? Os ricos. Para que servem os ricos? Estes homens são improdutivos, pelo que podem ser comparados com as abelhas, mas estas têm mais conhecimento porque matam os parasitas.*

Menina de 12 anos: *O trabalhador é o escravo do burguês... Enquanto os ricos recreiam por jardins e passeios, há trabalhadores a quem seus filhos lhes pedem pão e não têm para dá-lo. Por que acontece isto? Porque os ricos monopolizaram tudo.*

Menino de 12 anos: *O operário além de trabalhar tem de ir à guerra, que é um grande mal, e enquanto vai à guerra, seus pais ficam sem sua ajuda; podendo acontecer que volte inútil para o trabalho. O dia que se modificar a sociedade de modo que cada um, cumprindo seus deveres sociais, tenha assegurada a satisfação das necessidades, não haverá pobres nem ricos e todos serão felizes.*

Menina de 12 anos: *Operários que com seu trabalho encurtam as distâncias por meio das vias férreas, e talvez chegue o dia em que possam fazer com que desapareçam as fronteiras que separam uma nação de outra, bem-vindos sejam, porque com os trens pode haver muita indústria e muito avanço, os ausentes podem também comunicar seus pensamentos até os países mais remotos.*

Menino de 12 anos: *A organização social ruim marca entre os homens uma separação injusta, então há duas classes de homens, os que trabalham e os que não trabalham... Quando há uma greve não se vê nada além de civis às portas das fábricas dispostos a fazer uso do máuser. Não valeria mais que em vez de se empregarem nisso se dedicassem a um ofício útil?*

Menina de 12 anos: *Para que um operário seja respeitado como deve ser todo homem e prevaleçam seus direitos sem ser insultado nem menosprezado, ele deve se instruir.*

Menino de 12 anos: *Os filhos dos burgueses e os dos trabalhadores não são todos*

de carne e osso? Então por que na sociedade uns tem que ser diferentes dos outros?

Sem faltar neste grupo nada do exposto no anterior, há uma certa nota de grande energia e mais intensidade, de sentimento, sobressaindo um pensamento em que há profundidade, verdade e uma concisão correta e belíssima.

Menina de 13 anos: *A exploração do homem pelo homem é desapiedada, desumana e cruel... Há de chegar o dia em que os trabalhadores se unam para exigir da burguesia que cesse para sempre tão iníqua exploração.*

Menina de 14 anos: *O dever de todo homem é buscar e descobrir tudo que possa ser útil para si e para seus semelhantes, ajudando-lhes em tudo que for possível e consolando-lhes em suas afirmações. Aquele que não trabalha não merece o nome de ser humano. A solidariedade, a fraternidade e a igualdade são as máximas aspirações da sociedade futura.*

Menina de 17 anos: *Saúdo e felicito os operários ferroviários como representantes do trabalho e como amantes da igualdade, coisas que combinam mal com esta sociedade egoísta, hipócrita e vã. Desejo que a obra empreendida em seu congresso tenha êxito cumprido e que consigam a diminuição das horas de trabalho e o aumento do salário, de que tanto necessitam para suas necessidades e para atender a sua instrução.*

Na maneira como as inteligências nascentes desenvolvidas na Escola Moderna respondiam ao estímulo que lhes haviam dirigido para que se manifestassem livremente acerca da representação de um dos mais importantes ramos do trabalho, não se deve ver mais que uma demonstração de conhecimento positivo, e nem uma orientação em determinado sentido da opinião, mas a genial espontaneidade com que os alunos exteriorizavam sua maneira peculiar de sentir, livres de preocupações e convencionalismos.

O ensino racionalista progredia. Eis aqui uma bela manifestação de seu progresso, tomada do *Boletim*:

CONFRATERNIDADE ESCOLAR

Os alunos da classe elementar do Ateneu Operário de Badalona digiram aos da Escola Moderna a seguinte carta.

Às crianças da Escola Moderna – Barcelona

Queridos companheiros:

Desejando nos por em relação com crianças de outras escolas para travar amizades e nos instruirmos mutuamente, nos dirigimos a vocês para iniciar nossos propósitos.

Há poucos dias começamos a ler As Aventuras de Nono, que gostamos muitíssimo, e como nosso professor nos disse que vocês as leem há tempos, desejamos que nos indiquem algo que tiraram de sua leitura.

Aproveitamos esta ocasião para nos oferecermos como bons amigos seus, e

saibam que desejamos conhecê-los, e que nosso professor nos prometeu nos levar a Barcelona para ver a Coleção Zoológica do parque; ali poderemos nos ver. Já os anunciaremos.

Recebam destes, já seus amigos que esperam desejosos sua resposta, muitos abraços para todos.

As crianças do Ateneu Operário de Badalona lhes desejam Saúde e Amor.

Em seu nome,

Francisco Rodríguez

Badalona, 16 de fevereiro de 1904

A leitura na classe pelo professor badalonês causou uma impressão vivíssima em nossos alunos; todos, desde os pequeninos até os da superior, sentiram intensa simpatia por aquelas crianças que lhes ofereciam confraternidade, e ficaram desejando o momento de demonstrá-lo na prática.

Convidados pelos professores a responderem a feliz iniciativa das crianças badalonesas, como corresponde a pensamentos e a sentimentos tão humanamente belos, cada um tomou a caneta e todos fizeram sua resposta.

Para dar uma coletiva que formasse uma resposta comum com o elemento fundamental de cada indivíduo, como deve acontecer em todo ato humano comunista, em que, como em aritmética, toda quantidade é a reunião das unidades íntegras que a formam, temos 64 cartas; 16 de meninas e 19 de meninos da classe elementar, e 10 de meninas e 19 de meninos da classe superior: a alegria com que se recebe a saudação de amor e a ideia de representação recíproca em um dia de recreio é unânime; a resposta acerca de *o que tiraram nossos alunos de As Aventuras de Nono*, talvez não seja muita categórico, porque a maior parte se contenta em dizer que gosta muito do livro e se refere às cenas que são mais de seu agrado; não obstante, há vários meninas e meninos, não exclusivamente os maiores, que se aprofundaram até formar juízos parciais e algo geral da obra.

O notável nesta compilação de respostas é que não há nada contraditório, cada aluno expõe sua impressão, e aquele que alcança pouco, ainda que não saiba expressá-lo, sente o mesmo que aquele que alcança mais; os sentimentos puderam se expressar por uma escala ascendente com uma direção única. Há quem se encanta com o idílio de Autonomia, e quem se penaliza com a tirania e a insolidariedade de Argirocracia; um se fixa na descrição do lar da família de Nono, outro na beleza da prática de solidariedade expressa magistralmente com estas palavras: *Sem se dar conta disso pôs em prática a grande lei da solidariedade universal que quer que todos os seres se ajudem mutuamente*. Tudo está tido em conta e para cada nota há seu intérprete: a liberdade do trabalho, a igualdade social, o inconveniente e as consequências do vício e da falta de sinceridade recíproca, a graciosa consequência da felicidade geral e harmônica, o heroísmo dos solidários, a grata sensação da beleza natural e da poesia,

até a nota cômica apontada; não faltou quem se sentisse agradecido pelo golpe que Nono deu ao nariz de Monadio.

Com todos estes elementos e com frases textuais levemente corrigidas da maior parte e não de todos para evitar repetições, foi composta a seguinte carta, que se nem todos podiam assinar pela integridade de sua forma, podiam fazê-lo por sua profundidade de pensamento e de sentimento.

Às crianças da Classe Elementar do Ateneu Operário de Badalona

Queridos companheiros:

Assim como vocês desejamos nos colocar em relação com crianças bem educadas para praticar a amizade e a solidariedade.

Aceitamos com alegria sua proposta e esperamos impacientes o momento de conhecê-los, de brincar com vocês, de comunicar nossos conhecimentos e de falar deste belo livro As Aventuras de Nono que vocês tanto gostam agora que começaram a ler, e que nós que já o lemos tanto amamos.

Considerar que temos que esforçar nossas inteligências para levar esta sociedade cada vez mais para perto dos propósitos que nossos pais tiveram e que não puderam conseguir; a isto somos chamados.

Que formosura no país da Autonomia! Ali se está muito bem: se trabalha, se descansa e se brinca quando se quer; quando alguém faz o que deseja, como deveria ser feito entre os homens; não há dinheiro, nem sentinelas, nem guardas rurais, nem soldados que tenham cara de fuinha ou de hiena, nem ricos que vivam em palácios e passeiem de carruagem junto a pobres que vivam em habitações ruins e morram de fome depois de trabalhar muito; não há ladrões, porque tudo é de todos e não se pratica a exploração do homem pelo homem. Em um país tão delicioso, todos queríamos viver. Neste país Nono o sonha, hoje não é possível mas virá um dia; para que o seja em breve todos devemos trabalhar, porque Autonomia é um exemplo da sociedade futura. Deduzimos que é daquela maneira que se tem que viver, não da maneira que vivemos atualmente, tão longe da verdadeira e completa civilização.

Argirocracia é uma repetição do que acontece na sociedade atual; todos os países, uns mais que outros, imitam Argirocracia, país fatal onde existe a exploração, onde há quem trabalha e quem recreia, onde uns servem a outros e se fecha na prisão quem fala da felicidade que se vive em Autonomia.

Em resumo: As Aventuras de Nono é um livro instrutivo que deve ser lido com muito cuidado, e que ele quase todo quer dizer

que um país onde todos trabalham para um e um para todos, e não há dinheiro, nem ladrões, nem quem imponha as leis que lhes aprazam, nem armas e onde se fomenta a ciência e a arte é como o mundo deveria ser.

Esperamos o momento de conhecê-los, repetimos sua despedida:

Saúde e amor.

Alunas e Alunos da Escola Moderna de Barcelona

XVI. BOLETIM DA ESCOLA MODERNA

A Escola Moderna precisou e teve seu órgão na imprensa.

A imprensa política ou a de informação, tanto quando nos favorecia quanto quando começou a assinalar esta instituição como perigosa, não costumava se manter em uma imparcialidade reta, levando os elogios pela rota do exagero ou da falsa interpretação, ou revestindo as censuras com os caracteres da calúnia. Contra estes danos não havia nenhum remédio além da sinceridade e da claridade de nossas próprias manifestações, já que deixá-los sem correção era uma causa perene de desprestígio, e o *Boletim da Escola Moderna* alcançou cumpridamente sua missão.

Pela Direção eram inseridos nele os programas da escola, notícias interessantes da mesma, dados estatísticos, estudos pedagógicos originais de seus professores, notícias do progresso do ensino racional no próprio país ou em países diferentes, traduções de artigos notáveis de revistas e periódicos estrangeiros em concordância com o caráter predominante da publicação, resenhas das conferências dominicais e, em último lugar, os avisos dos concursos públicos para completar nosso professorado e os anúncios de nossa Biblioteca.

Uma das seções do *Boletim* que alçaram maior êxito foi a destinada à publicação de pensamentos dos alunos. Mais que uma exposição de seus avanços, em cujo conceito jamais tinham sido publicados, era a manifestação espontânea do senso comum. Meninas e meninos, sem diferença apreciável em conceito intelectual por causa do sexo, no choque com a realidade da vida que as explicações dos professores e as leituras lhes ofereciam, consignavam suas impressões em notas simples que, se às vezes eram juízos simplistas e incompletos, muitas mais resultavam de uma lógica incontrastável, que tratavam de assuntos filosóficos, políticos ou sociais de importância.

No princípio era distribuído gratuitamente aos alunos e servia também para troca com diversas publicações, logo começando a ser solicitada sua aquisição, pelo que foi necessário abrir uma assinatura pública.

Chegado este caso, o *Boletim*, como órgão da Escola Moderna, adquiriu o caráter de revista filosófica, em que perseverou com aceitação regular, até que chegou o momento da perseguição e do fechamento da Escola.

Como prova da importante missão do *Boletim*, além de sua utilidade já

demonstrada pelos dados e artigos inseridos previamente, veja o que publiquei no nº 5 do 4º ano, aplicando um corretivo a certos professores laicos que iniciaram inconscientemente um desvio:

A POUPANÇA ESCOLAR

Na escola de um Ateneu Operário foi introduzida a novidade da fundação de uma poupança administrada pelas crianças.

A notícia, difundida pela imprensa em tom laudatório e como se pedisse admiração e imitação, nos induz a manifestar nossa opinião sobre o assunto, pensando que se alguns têm o direito de fazer e de dizer, nós temos o mesmo direito de julgar, contribuindo assim para dar consistência racional à opinião pública.

Antes de tudo temos que observar que a ideia *economia* é muito diferente, para não dizer antitética, da ideia de *poupança*; e se se trata de inspirar nas crianças o conhecimento e a prática da economia, isso não será conseguido ensinado-as a poupar.

Economia significa uso prudente, metódico e provisor dos bens, e poupança é redução e limitação do uso desses bens. *Economizando* se evita o desperdício; *poupando*, aquele que não dispõe do supérfluo se priva sempre do necessário.

Estas crianças a quem se quer ensinar a prática da poupança possuem o supérfluo? O título da corporação que auspicia esta escola nos dá uma resposta negativa. Os operários sócios deste Ateneu que enviam seus filhos a essa escola vivem do salário, quantia mínima que, determinada pela oferta e pela demanda, os capitalistas pagam pelo trabalho; e com o salário não somente não se chega jamais ao supérfluo, mas, encontrando-se monopolizado pelos privilegiados da riqueza social, os trabalhadores distam muito de alcançar o que necessitam para desfrutar uma vida regular em concordância com os benefícios aportados à geração atual pela civilização e pelo progresso.

Pois estas crianças, filhas de operários, futuras operárias, a quem se ensina a poupança, que é a privação voluntária com aparência de juros, são preparadas, com este ensino, à submissão ao privilégio, e, querendo lhes iniciar no conhecimento da economia, o que se faz verdadeiramente é lhes converter em vítimas e cúmplices da desordem econômica da sociedade capitalista.

O menino operário é um menino homem, e como tal tem direito ao desenvolvimento de suas aptidões e faculdades, à satisfação de todas as suas necessidades morais e físicas, porque para isso está instituída a sociedade, a qual não deve comprimir nem sujeitar o indivíduo em sua maneira de ser, como tentam por egoísmo irracional os privilegiados, os estacionários, os que vivem gozando do que outros produzem, mas que deve representar o fiel da balança da reciprocidade entre os direitos e os deveres de todos os associados.

Sim; porque se pede ao indivíduo que faça à sociedade a oferenda de seus direitos, de suas necessidades e de seus prazeres, porque se quer que semelhante desordem seja a ordem pela paciência, pelo sofrimento e ainda por um falso raciocínio, enaltecemos a economia e censuramos a poupança, e pensamos que não se deve ensinar a crianças que devem ser trabalhadoras em uma sociedade onde o meio termo

da mortalidade dos pobres que vivem sem liberdade, sem instrução, sem alegria, tem cifras espantosas, comparado com aquele dos parasitas que vivem e triunfam a seu gosto.

Aqueles que por *sociolatria* quiseram menosprezar ao mínimo do mínimo o direito do homem, leiam este enérgico e belo apóstolo de Pi y Margall: *Quem é você para impedir o uso de meus direitos de homem? Sociedade pérfida e tirana, te criei para que os defenda, e não para que os coarta; vá e volte aos abismos de tua origem, aos abismos do nada.*

Partindo destas considerações e aplicando-as à pedagogia, julgamos necessário que as crianças compreendam que esbanjar todo tipo de materiais e objetos é contrário ao bem-estar geral; que se a criança malgasta papel, perde plumas ou estraga livros, ela impede de tirar deles maior utilidade e irroga um prejuízo aos seus pais ou à escola. Todavia, pode-se lhes inculcar a previsão a respeito de se absterem de coisas fúteis, e ainda lhes fazendo pensar na falta de trabalho, na enfermidade e ainda na velhice; mas não se diga, muito menos um professor o diga, que com o salário, que não basta para satisfazer as necessidades da vida, pode-se assegurar a vida, porque isso é uma aritmética falsa.

Os trabalhadores ficam privados da ciência universitária; não frequentam o teatro nem os concertos, nem viajam, nem se extasiam frente às maravilhas da arte, da indústria e da natureza espalhadas pelo mundo, nem saturam seus pulmões durante uma temporada de oxigênio reparador, nem têm ao seu alcance o livro e a revista que estabeleçam a elevação comum do entendimento; pelo contrário, sofrem todo tipo de privações e até podem sofrer uma tremenda crise por excesso de produção, e não devem ser os professores a ocultar estas tristes verdades às crianças e ainda ensinar que uma quantidade menor pode igualar e até superar outra maior.

Hoje, quando pelo poder da ciência e da indústria está evidente que há de sobra para todos no banquete da vida, não se deve ensinar na escola, para serviço do privilégio, que os pobres devem organizar servilmente o aproveitamento das migalhas e dos desperdícios.

Não prostituamos o ensino.

Em meu propósito de evitar desvios no ensino popular, me senti na obrigação de dirigir do *Boletim* a seguinte censura:

A PROPÓSITO DE SUBSÍDIOS

Tristeza e indignação me causou ler a lista de subsídios que a Prefeitura de Barcelona votou para certas sociedades populares que fomentam o ensino.

Vimos quantidades destinadas a Fraternidades Republicanas e outros centros similares, e não somente estas corporações não rejeitaram o subsídio, mas depositaram mensagens de agradecimento ao vereador do distrito ou à Prefeitura como um todo.

Que aconteça isto entre gente católica e ultraconservadora é compreensível, já que o predomínio da igreja e da sociedade capitalista pode se manter somente graças

ao sistema de caridade e proteção bem entendidas com que tais entidades sabem conter o povo deserdado, sempre conformado e sempre confiando na bondade de seus amos. Mas que os republicanos sejam transformados de revolucionários que devem ser em pedintes, tal qual cristãos humildíssimos, isso sim não podemos ver sem dar voz de alerta àqueles que de boa fé militam no campo republicano.

Cuidado, lhes dizemos: cuidado porque educam mal vossos filhos e seguem mal caminho ao pretender se regenerar recebendo esmolas. Cuidado porque não se emanciparão nem emanciparão os seus filhos confiando em forças alheias e em proteções oficiais ou particulares.

Deixe que pela ignorância da realidade das coisas em que os católicos vegetam eles esperem tudo de um deus; de um São José, ou de outro mito semelhante, já que se bem não podem se assegurar da eficácia de suas orações nesta vida, se consolam na crença de serem correspondidos depois de mortos.

Deixem também que os jogadores da loteria desconheçam o engano de que são vítimas moral e materialmente da parte dos governos, posto que cobram algo do muito que em conjunto perdem, e pode-se dispensar a gente ignorante ou jogadora que espera seu bem-estar da sorte e não de sua energia.

Mas que os homens que em som de protesto revolucionário se unem para mudar de regime estendam deste modo a mão pedinte, que admitam e agradeçam dádivas humilhantes e não saibam confiar na energia que deve dar a convicção de sua razão e de sua força, repetimos, entristece e indigna.

Alerta, então, homens de boa fé! Com tais procedimentos não se vai ao ensino verdadeiro da infância, mas à sua domesticidade.

Depois de um ano de suspensão, depois do fechamento da Escola Moderna e durante o meu processo e prisão em Madri, reapareceu o *Boletim*, inserindo em seu primeiro número de sua segunda época, 1º de maio de 1908, a seguinte declaração:

A TODOS

Dizíamos ontem...

Nunca com maior oportunidade que na ocasião atual, ao dar a luz ao primeiro número da segunda época de nosso *Boletim*, poderíamos empregar esta histórica frase: a Escola Moderna continuará sua marcha, sem corrigir procedimentos, métodos, orientações nem propósitos; continua sua marcha ascendente em direção ao ideal, porque tem a evidência de que sua missão é redentora e contribui para preparar, por meio da educação racional e científica, uma humanidade melhor, mais perfeita, mais justa que a humanidade atual. Esta é debatida entre ódios e misérias, aquela será o resultado do trabalho realizado durante séculos para a conquista da paz universal.

Não temos que corrigir um til de nossa obra até o presente; é nossa convicção íntima, cada vez mais intensa, de que sem uma reforma absoluta dos meios educadores não será possível orientar a humanidade em direção ao futuro. Para isso vamos: por meio de escolas, onde puderem ser criadas escolas; por meio de nossos livros, cuja Biblioteca aumenta dia após dia intensificando a difusão das verdades

demonstradas pela ciência; por meio da palavra, em conferências que levem aos cérebros a luz da verdade contra os erros tradicionais; por meio deste *Boletim*, onde as nossas aspirações adquiram vida, para que a serenidade do estudo possa ter sua influência pelo veículo da palavra escrita.

Nossos amigos, aqueles que durante cinco anos nos acompanharam em nossa querida Escola Moderna e se solidarizaram com os homens progressivos do mundo inteiro para impedir a injustiça que a reação pretendera levar a cabo na pessoa de seu fundador, não terão de voltar a visão para trás: pelo contrário, levantada para a frente, olhar fixo em uma manhã de justiça e de amor, nos ajudarão com maiores energias a realizar esta obra de verdadeira e fecunda redenção.

À imprensa, a expressão de nossa solidariedade profissional e nossa afetuosa saudação.

Aos bons, nossa mão lhes estreita uma efusiva em sinal de paz.

Saúde.

Como mostra do trabalho do *Boletim*, insiro em seguida o seguinte artigo, traduzido, que une à competência pedagógica a clara visão do ideal do ensino.

A EDUCAÇÃO DO FUTURO

A ideia fundamental da reforma que o futuro introduzirá na educação das crianças consistirá em substituir, em todos os modos de atividade, a imposição artificial de uma disciplina de convenção pela imposição natural dos fatos.

Considere o que se faz no presente: fora das necessidades da criança, foi elaborado um programa dos conhecimentos julgados necessários para sua cultura, e, de bom grado ou à força, sem reparar nos meios, é preciso que ela os aprenda.

Mas só os professores compreendem este programa e conhecem seu objetivo e seu alcance; não a criança. Eis aqui de onde procedem todos os vícios da educação moderna. De fato, tirando das vontades e dos atos sua razão natural, ou seja, a imposição da necessidade ou do desejo; pretendendo substituí-la por uma razão artificial, um dever abstrato inexistente para quem não pode concebê-lo, deve-se instituir um sistema de disciplina que deve produzir necessariamente os piores resultados: rebeldia constante da criança contra a autoridade dos professores, distração e preguiça perpétuas, má vontade evidente. E a que manobras os professores devem recorrer para dominar a dificuldade irredutível! Por todos os meios, alguns indecorosos, procuram captar a atenção da criança, sua atividade e sua vontade, sendo os mais engenhosos em tais práticas considerados os melhores educadores.

Ficam felizes quando conseguem uma aparência de êxito; mas não se chega jamais além das aparências, ali onde o objeto artificial é a razão única e superior da ação, a necessidade que impõe a necessidade. Todo mundo pôde sentir que somente o trabalho que o desejo determina é realmente válido. Quando desaparece esta razão sobrevém a negligência, a pena e a feiura.

Em nossas sociedades, a razão artificial do trabalho tende a substituir por todas

as partes a imposição lógica e saudável da necessidade, do desejo natural de conseguir um resultado, de realizar; a conquista do dinheiro aparece aos olhos dos homens de nossa época como o verdadeiro objetivo do esforço. Mas é certo que a educação moderna não faz nada para reagir contra esta concepção perniciosa, pelo contrário. Por isso aumenta dia a dia a caça ao dinheiro em substituição ao formoso instinto do cumprimento que se encontra nos únicos homens cujos desejos não foram falseados, a quem ficou a razão normal do ato e que trabalham para realizar o que conceberam, em um nobre desprezo ao dinheiro. Como se poderia exigir que alguns indivíduos que foram habituados desde a infância a operar pela vontade alheia, sob a opressão da lei exterior, em vista de um resultado cuja importância não compreendem – já que o significado do trabalho é definido simplesmente pelo castigo e pela recompensa – fossem capazes de se interessar pelo que faz a beleza, a nobreza do esforço humano, sua luta eterna contra as forças cegas da Natureza?

A concepção ruim da educação causou a doença orgânica de nossas sociedades: a necessidade de chegar a ser algo, de gozar; o desprezo, o ódio ao trabalho; a ânsia da vida, que não se sabe como satisfazer; a hostilidade espantosa dos seres que se odeiam e tratam de se destruir mutuamente. Se esqueceu que o que é preciso defender e conservar a todo custo no homem é a brincadeira natural de suas atividades, as quais, todas, devem ser dirigidas e empregadas em direção ao exterior no sentido de todo o esforço social. A luta pela existência! Como se abusou desta frase, e a que propósito veio para desculpar tantas infâmias! E também, quão mal foi compreendida! É entendida de maneira que é até a negação dos princípios naturais da sociedade: em nenhuma parte na Natureza se encontra exemplo da aberração que se quer fazer com que ela expresse. Não há organismo, não há colônia animal onde os elementos individuais tratem de se destruir mutuamente; pelo contrário, todos juntos lutam contra as influências hostis do meio, e as transformações funcionais que se cumprem entre eles são diferenciações necessárias, mudanças saudáveis na organização geral, não destruições.

Antes de tudo, é preciso que a vida seja tal, chegue a ser tal, que o homem trabalhe e lute unicamente para ser útil para seus semelhantes; para isto é necessário simplesmente que guarde e fortifique em si mesmo o instinto de defesa contra as forças hostis da Natureza; que tenha aprendido a amar o trabalho pelos gozos que procuram os cumprimentos desejados, propostos e larga e obstinadamente trabalhados para serem conseguidos, que compreenda a extensão imensa e a beleza sublime do esforço humano. Nossos grandes homens, nossos inventores, nossos sábios, nossos artistas, o são porque conservaram a excelente qualidade de querer, não contra seus semelhantes, mas para eles. Aos olhos de seus contemporâneos, passam por seres estranhos, e sendo aqueles que se encontram mais em consonância com o conjunto harmônico das leis da existência, antes de alcançar o êxito, são tidos por visionários.

Uma educação racional será, então, aquela que conserve ao homem a faculdade de querer, de pensar, de idealizar, de esperar; aquela que está baseada unicamente sobre as necessidades naturais da vida; aquela que deixe essas necessidades manifestarem-se livremente; aquela que facilite ao máximo possível o desenvolvimento e a efetividade das forças do organismo para que todas se concentrem sobre um mesmo objetivo exterior: a luta pelo trabalho para o cumprimento que o pensamento reclama.

Então, serão renovadas por completo as bases da educação atual: ao invés de fundar tudo sobre a instrução teórica, sobre a aquisição de conhecimentos que não têm significância para a criança, se partirá da instrução prática, aquela cujo objetivo seja mostrado claramente, ou seja, se começará pelo ensino do trabalho manual.

A razão disso é lógica. A instrução por si não tem utilidade para a criança. Ela não compreende por que lhe ensinam a ler, escrever, e lhe abarrotam a cabeça de física, de geografia ou de história. Tudo isso lhe parece completamente inútil, e ela o demonstra resistindo a isso com todas as suas forças. Ela está cheia da ciência, e a descarta o mais breve possível, e note bem que em todas as partes, tanto na educação moral e física quanto na educação intelectual, a razão natural ausente é substituída pela razão artificial.

Trata-se de fundar tudo sobre a razão natural. Para isto nos bastará lembrar que o homem primitivo começou sua evolução à civilização pelo trabalho determinado pela necessidade do necessário; o sofrimento lhe fez criar meios de defesa e de luta, de onde nasceram pouco a pouco os ofícios. A criança tem em si uma necessidade atávica de trabalho suficiente para substituir as circunstâncias iniciais, a qual basta simplesmente secundar. Se o trabalho for organizado ao seu redor e se mantiver nele a disciplina lógica e legítima de seu cumprimento, se chegará facilmente a uma educação completa, fácil e saudável.

Não teremos que fazer nada além de esperar que a criança venha a nós. Basta ter vivido um pouco a vida da criança para saber que um desejo irresistível lhe impulsiona ao trabalho. E quanto se faz para aniquilar nela essa disposição! Quem ousará depois falar de vício e de preguiça? Um homem e um menino sadios têm necessidade de trabalhar: toda a história da humanidade prova isso.

A criança abandona pouco a pouco a brincadeira, que não é em si nada mais que uma forma de trabalho, uma manifestação inata deste desejo de atividade que ainda não encontrou direção, ou funda sua razão de ser no gosto atávico da luta subsistente desde os períodos primitivos da vida humana; abandona a brincadeira sob o impulso da necessidade que nasce lentamente do atrativo do exemplo: se trabalharem perto dela, ela aspirará com todas as suas forças ao trabalho.

Então se interpõe a influência do educador; influência oculta e indireta; sua ciência da vida lhe ajuda a compreender o que acontece na criança, a distinguir seus desejos, a suprir a incerteza e a inconsciência de suas vontades; sabe lhe oferecer o que pede; lhe basta estudar a vida primitiva dos selvagens para saber o que deseja fazer.

E em seguida tudo será fácil, natural, simples. O ofício tem sua lógica inflexível: conduz o trabalho melhor que a alta ciência poderia fazê-lo; bastará que os professores não lhe deixem se desviar em direção às imperfeições do trabalho primitivo, a um esforço de ignorante, mas que lhe imponham tal como chegou através dos progressos dos povos avançados até a vontade da criança, exigindo dela o esforço de uma realização na qual se entrelaçarão todos os conhecimentos humanos necessários.

Facilmente se compreende que todo ofício em nossos dias, para ser convenientemente conhecido e exercido, é acompanhado de um trabalho intelectual que necessita dos conhecimentos que constituem precisamente o conjunto desta instrução que no presente se limitam a inculcar teoricamente. À medida em que a criança avançar em sua aprendizagem, lhe será apresentada a necessidade de saber, de se

instruir, e então se terá o cuidado de não afogar essa necessidade, mas, pelo contrário, de lhe facilitar os meios de satisfazê-la, e então se ensinará logicamente, em virtude das próprias necessidades de seu trabalho, tendo sempre à vista a causa determinante de seu desejo.

É inútil insistir sobre a qualidade de semelhante trabalho e os excelentes resultados que necessariamente devem produzir. Pela combinação dos ofícios, poderão ser adquiridos os conhecimentos necessários para uma educação muito mais forte e saudável que a composta toda por aparências que é dada atualmente.

Onde fica a imposição de tudo isso? O educador pedirá simplesmente a ajuda da Natureza e onde quer que encontre dificuldades indagará em que pode tê-la contrariado; a ela confiará o cuidado de sua disciplina e esta lhe será admiravelmente conservada.

Trabalhando assim na educação dos homens é como infalivelmente pode-se esperar uma humanidade melhor empenhada em sua tarefa; conservando todo o vigor de sua vontade, toda sua vontade moral; marchando sempre em direção a novos ideais; uma humanidade não dedicada mesquinhamente a uma luta estúpida, não sordidamente sujeita à fartura de seus apetites, miseravelmente entregue aos seus vícios e às suas mentiras, triste, rancorosa, depravada, mas sempre amante, bela e alegre.

XVII. FECHAMENTO DA ESCOLA MODERNA

Cheguei ao ponto culminante de minha vida e de minha obra.

Meus inimigos, que são todos os reacionários do mundo, representados pelos estacionários e pelos regressivos de Barcelona, em um primeiro momento, e, em breve, de toda a Espanha, acreditaram ter triunfado ao me incluir em um processo com ameaça de morte e de difamação de memória e ao fechar a Escola Moderna; mas seu triunfo não passou de um episódio de luta empreendida pelo racionalismo prático contra o grande obstáculo atávico e tradicionalista. A ousadia torpe com que chegaram a pedir contra mim a pena de morte, retirada menos pela retidão do tribunal do que por minha inocência resplandecente, me atraiu a simpatia de todos os liberais, ou melhor dizendo, de todos os verdadeiros progressistas do mundo, e fixou sua atenção sobre o significado e o ideal da Escola Moderna, produzindo um movimento universal de protesto e de admiração não interrompido durante um ano, de maio de 1906 a junho de 1907, que a imprensa de todos os idiomas da civilização moderna daquele período reflete com seus artigos editoriais ou seus artigos de distinta colaboração, ou com a resenha de reuniões, conferências ou manifestações populares.

Em resumo, os encarniçados inimigos da obra e do operário foram os seus mais eficazes cooperadores, facilitando a criação do racionalismo internacional.

Reconheci minha pequenez frente a tanta grandiosidade. Iluminado sempre pela luz inextinguível do ideal, concebi e levei à prática a criação da *Liga Internacional para a Educação Racional da Infância*, em cujas seções estendidas já por todo o mundo são agrupados os homens que representam a flor do pensamento e a energia regeneradora da sociedade, cujo órgão é *L'École Renovée*, de Bruxelas, secundado pelo

Boletim da Escola Moderna, de Barcelona, e *La Scuola Laica*, de Roma, que expõem, discutem e difundem todas as novidades pedagógicas encaminhadas à depuração da ciência de todo contato impuro com o erro, ao desaparecimento de toda credulidade, à perfeita concordância entre o que se crê e o que se sabe e a destruir o privilégio daquele esoterismo que desde os tempos mais remotos vinha deixando o exoterismo para as massas.

Desta compilação do saber, efetuada por esta grande reunião do querer, deve brotar o grande determinante de uma ação poderosa, consciente e combinada, que dê à revolução futura o caráter de manifestação prática de aplicação sociológica, sem arrebatamentos nem vinganças, nem tragédias terríveis nem sacrifícios heroicos, sem confrontos estéreis, sem desfalecimentos de iludidos e apaixonados comprados pela reação, porque o ensino científico e racional terá dissolvido a massa popular para fazer de cada mulher e de cada homem um ser consciente, responsável e ativo, que determinará sua vontade por seu próprio juízo, assessorado por seu próprio conhecimento, livre para sempre da paixão sugerida pelos exploradores do respeito ao tradicional e do charlatanismo dos modernos forjadores de programas políticos.

O que a revolução perder de sua característica dramática na via progressiva a evolução ganhará em firmeza, estabilidade e continuidade, e a visão da sociedade razoável, que os revolucionários de todos os tempos entreviram e que os sociólogos prometem com certeza, será oferecida à vista de nossos sucessores, não como um sonho de utopistas ilusórios, mas como um triunfo positivo e merecido, devido à eficácia altamente revolucionária da razão e da ciência.

A fama que a novidade educativa e instrutiva da Escola Moderna adquiriu fixou a atenção de quem concedia importância especial ao ensino, e todos quiseram conhecer o novo sistema.

Havia escolas laicas, algumas particulares e outras sustentadas por sociedades, e seus diretores e sustentadores quiseram apreciar a diferença que pudesse existir entre suas práticas e as novidades racionalistas, e constantemente indivíduos e comissões compareciam a visitas à Escola e para me consultar. Satisfazia complacente suas consultas, esclarecia suas dúvidas e os estimulava a entrarem na nova via, e breve se iniciaram os propósitos de reformar as escolas criadas e de criar outras novas tomando a Escola Moderna como modelo. O entusiasmo foi grande, houve uma força impulsora capaz de realizar grandes empresas, mas surgiu uma dificuldade grave, como não podia deixar de acontecer: faltavam professores, e o que é pior, não havia meio de improvisá-los. Os professores titulares, sendo os excedentes já escassos, tinham dois tipos de inconvenientes, a rotina pedagógica e o temor às contingências do futuro, e foram muito poucos, constituindo honrosas exceções, os que por altruísmo e por amor ao ideal se lançaram à aventura progressiva. Os jovens instruídos de ambos os sexos que puderam se dedicar ao ensino constituíam o recurso ao qual tinha que recorrer para sanar a grave deficiência; mas quem lhes iniciaria ao professorado? Onde poderiam praticar seu aprendizado? Às vezes me apresentavam comissões de sociedades operárias e políticas me anunciando que haviam feito o acordo da implantação de uma escola; dispunham de bom local, podiam adquirir o material necessário, contavam com a Biblioteca da Escola Moderna. – Vocês têm professor? – eu os perguntava, e me respondiam negativamente confiando que isso era coisa fácil de

arranjar. – Então, é como se não tivessem nada – lhes respondia.

De fato, constituído, por efeito das circunstâncias, em diretor do ensino racionalista, pelas constantes consultas e pelas demandas dos aspirantes ao professorado, vi palpavelmente aquela grande falta, que procurei corrigir com minhas explicações particulares e com a admissão de jovens auxiliares nas classes da Escola Moderna. Em seus resultados houve de tudo: há atualmente professores dignos que começaram ali sua carreira e seguem como firmes sustentadores do ensino racional, e outros que fracassaram por incapacidade intelectual ou moral.

Não querendo esperar que os alunos da própria Escola Moderna que se dedicaram ao professorado chegassem ao tempo indispensável para seu exercício, instituí a Escola Normal, da qual se fala em outro lugar, convencido pela experiência de que, se na escola científica e racional está a chave do problema social, para encontrar esta chave é necessário, antes de tudo, preparar um professorado apto e capaz para este destino tão grandioso.

Como resultado prático e positivo de todo o exposto, posso assegurar que a Escola Moderna de Barcelona foi um ensaio felicíssimo que se distinguiu por estes dois caráteres:

1º Deu a norma, ainda sendo suscetível a aperfeiçoamentos sucessivos, do que deve ser o ensino na sociedade regenerada;

2º Deu o impulso criador deste ensino.

Antes não havia ensino no verdadeiro sentido da palavra: havia uma tradição de erros e preocupações dogmáticas, de caráter autoritário, misturados com verdades descobertas pelos excepcionais do gênio, que se impunham por seu brilho deslumbrante para os privilegiados na Universidade; e para o povo havia a instrução primária, que era e é, por infelicidade, uma espécie de domesticação; a escola era algo como um picadeiro onde as energias naturais eram domadas para que os deserdados sofressem, resignados, a íntima condição a que lhes reduziam.

O verdadeiro ensino, o que prescinde da fé, o que ilumina com os resplendores da evidência, porque ela se encontra contrastada e comprovada a cada instante pela experiência, que possui a infalibilidade falsamente atribuída ao mito criador, a que não pode se enganar nem nos enganar, é a iniciada com a Escola Moderna.

Em sua efêmera existência, produziu benefícios notabilíssimos: a criança admitida na escola e em contato com suas companheiras sofria uma rápida modificação em seus costumes, como já observei: começava a ser limpa, deixava de ser brigona, não imitava em suas brincadeiras o bárbaro espetáculo chamado festa nacional, e, elevando sua mentalidade e purificando seus sentimentos, lamentava as injustiças sociais que de modo tão sensível, como chagas que por sua abundância e gravidade não podem ser ocultadas, são manifestadas a cada instante. Do mesmo modo detestava a guerra, e não podia admitir que a glória nacional, em vez de tomar por fundamento a maior soma de bondade e felicidade de um povo, fosse fundada na conquista, na dominação e na violência mais iníqua.

A influência da Escola Moderna, estendida pelas demais escolas que a modo de sucursais foram sendo criadas pela adoção de seu sistema, sustentadas por centros e sociedades operárias, foi introduzida nas famílias pela mediação das crianças, que, iluminadas pelos lampejos da razão e da ciência, se converteram inconscientemente

em professoras de seus próprios pais, e estes, levando esta influência ao círculo de suas relações, exerceram certa difusão saudável.

Pela extensão manifesta dessa influência foi atraído o ódio deste jesuitismo de hábito curto e largo que, como víboras em seus esconderijos, se abriga nos palácios, nos templos e nos conventos de Barcelona, e esse ódio inspirou o plano que fechou a Escola Moderna, ainda fechada, mas que na atualidade reconcentra suas forças, define e aperfeiçoa seu plano e adquire o vigor necessário para alcançar o posto e a consideração de uma obra do progresso verdadeiramente indispensável.

Eis aqui o que foi, o que é e o que será a Escola Moderna.